



MACAU

TV Série - Nº 10

Março, 2008 Trimestral



COMPANHIA NACIONAL DE BALLET DA CHINA
O palco e os bastidores do espectáculo

JORGE HUMBERTO
Uma página na história do futebol

MEDICINA TRADICIONAL CHINESA
O caminho natural para a cura



收藏

澳門郵票



Colecciona Selos de Macau
Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

電話 Tel : (853) 3968 513, 2857 4491
傳真 Fax : (853) 3968 603, 2833 6603
電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
網址 Website : www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios



Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nº. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Joyce Pina e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

António Falcão (fotografia), António Mil-Homens (fotografia), Carlos Morais José, Carmo Correia (fotografia), Gilberto Lopes, José Carlos Matias, José Simões Morais, Mariana Palavra e Mariana Curto

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares
ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: 300,00 AON ■ BRASIL: R \$8,50 ■ CABO VERDE: 350\$00 CVE
■ GUINÉ-BISSAU: 2000,00 XOF ■ MACAU: 30,00 MOP ■ MOÇAMBIQUE:
1 000,000,00 MZM ■ PORTUGAL: € 3,00 ■ S.TOMÉ e PRÍNCIPE: 30.000,00
STD ■ TIMOR-LESTE: US \$3,80 ■ RESTO DO MUNDO: US \$3,80

Em termos puramente geográficos, com os seus exíguos 28,6 quilómetros quadrados, Macau é um dos territórios mais pequenos do mundo. Mas esse mesmo espaço, que recebe acima de 27 milhões de visitantes por ano, é habitado por mais de meio milhão de pessoas, naturais de Macau e de diversas outras regiões da China, mas também originários de Portugal, de outros países de língua portuguesa e outras partes do mundo. A componente humana é pois uma das riquezas da Região e um espelho da sua diversidade cultural.

O médico Jorge Humberto, português de origem cabo-verdiana, que aqui reside há mais de um quarto de século, foi, nos anos 60, uma estrela do futebol europeu. Nesta edição da MACAU, ele relata as suas carreiras de futebolista e de médico, incluindo os 17 anos durante os quais ergueu e dirigiu os serviços de Pediatria do Centro Hospitalar Conde de S. Januário, que é o hospital público do território.

De entre os residentes de Macau, os de ascendência portuguesa gozam de um estatuto especial, consagrado na Lei Básica da RAEM. Foi por isso com o apoio do Governo local que realizaram há poucos meses um encontro que reuniu em Macau cerca de 1700 representantes da diáspora macaense. Nesta edição fazemos um ponto da situação das 12 Casas de Macau espalhadas pelo mundo.

Numa vertente bem diversa, abordamos o momento actual da indústria do Jogo e das relações entre Macau e a União Europeia, entre muitos assuntos que desenvolvemos na edição, cabendo à cultura um lugar de destaque. ■

Luís Ortet

Rectificação

No artigo publicado nas páginas 26 e 27 da nossa última edição, sob o título "Wang Zhigen, amigo da Lusofonia", afirmávamos erradamente que o nosso entrevistado "foi o primeiro correspondente da Xinhua" no Brasil. De facto essa função pioneira coube a Wang Weizhen, nos anos 60 do século passado, seguindo-se, mais tarde, outros no mesmo cargo, como Pang Bing'an e Duan Zhiqi. Wang Zhigen só chegou ao Brasil em Outubro de 1986.

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.

■ Perfil

O primeiro português do futebol italiano, 4
Gilberto Lopes

■ Desporto

A nova menina-prodígio do desporto português, 14
Gilberto Lopes

■ Diáspora

Desde o início da diáspora, 18

José Carlos Matias

Elo de ligação entre Macau e Lisboa, 20

Gilberto Lopes

O orgulho de ser macaense, 22

Mariana Palavra

Manter viva a chama da casa “Down Under”, 24

José Carlos Matias

Vender Macau aos brasileiros, 25

Gilberto Lopes

Quatro casas mas o mesmo traço de união, 28

Mariana Palavra

■ Europa

A porta para o conhecimento mútuo, 32

José Carlos Matias

■ Jogo

Jogo vai render 100 mil milhões, 44

Gilberto Lopes

■ Cultura

O equilíbrio da vida, 54

Joyce Pina

■ Viagens

Cerâmicas na “colina de Buda”, 72

José Simões Morais

■ China

Macau na Assembleia Popular Nacional, 86

Condecorações na RAEM, 88

■ Fotograma

Macao, o filme, 90

Carlos Morais José

■ Cultura

Fidelidade ao ballet, 98

Marta Curto

■ Arte

Arte à moda da casa, 108

Mariana Palavra

CAPA



No palco, movimentos estilizados e elegantes encarnam enredos imortais da condição humana. Nos bastidores, corações apaixonados pela Arte tecem o espectáculo. A Companhia Nacional de Ballet da China

apresentou-se na RAEM e a MACAU acompanhou o seu trabalho.

*Fotografia da capa e contracapa:
António Falcão/Bloomland*cn*

MUITO ANTES DE LUÍS FIGO



Muito antes de Luís Figo, ainda nos anos 60 do século passado, um jovem estudante de Medicina, Jorge Humberto, celebrizou-se ao tornar-se no primeiro português a jogar no clube de futebol italiano Inter de Milão. A residir em Macau

há duas décadas e meia, o médico recorda esses dias de glória.

A ALQUIMIA DO EQUILÍBRIO



O universo da medicina tradicional chinesa inclui farmácias especializadas, com os seus mais inesperados ingredientes, ervas medicinais e as milagrosas agulhas da acupunctura. Quem manipula

essa panóplia de meios terapêuticos é uma espécie de mago em busca de um equilíbrio distante, original.

UMA DIÁSPORA CHAMADA MACAU



Existem Casas de Macau em Hong Kong, na Austrália, nos Estados Unidos da América, no Canadá, no Brasil e em Portugal. Representantes das comunidades macaenses dos quatro cantos do mundo

encontraram-se recentemente na sua terra de origem e revelaram o estado da sua diáspora.

SECÇÕES

■ NOTICIÁRIO, 52 e 84

■ CARTAZ, 116

■ RETRATO, 124

Macau 2007

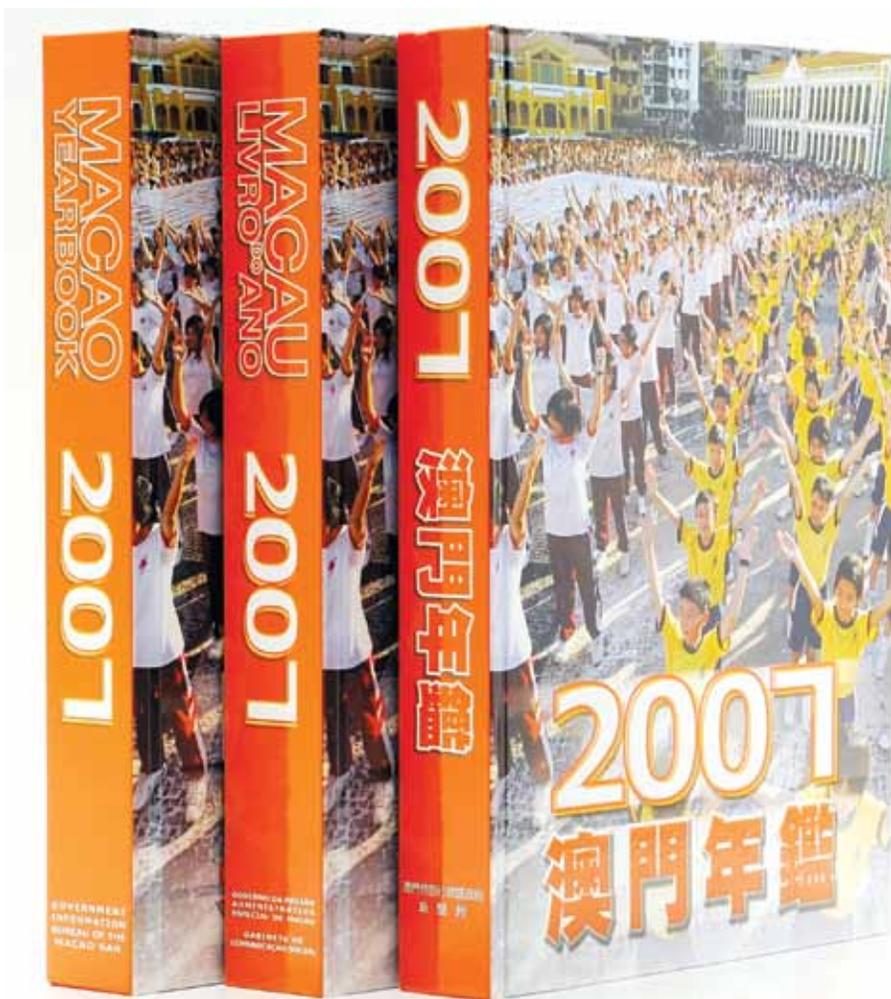
Livro do Ano

MACAU 2007

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2007

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

O primeiro português do futebol italiano

O primeiro futebolista português a transferir-se para Itália reside em Macau há mais de duas décadas e meia. O médico Jorge Humberto jogou no Inter de Milão, onde agora brilha Luís Figo



Antes de Luís Figo espalhar o perfume do seu futebol pelos campos italianos foi Jorge Humberto o primeiro português a vestir as cores do Inter de Milão. Há mais de 40 anos, o futebolista da Académica surpreendeu o futebol internacional ao transferir-se para o Calcio. Na temporada de 60/61 tinha sido o melhor marcador da Académica com dez golos, o que não escapou a Helénio Herrera, então treinador do actual campeão italiano, que apostou no estudante de medicina para reforçar o ataque do Inter de Milão.

No segundo dia do Ano do Rato, no salão do Clube Militar, numa manhã fria, a lembrar o inverno de Portugal, o médico-futebolista contou à **MACAU** como tudo se passou.

Em Julho de 1961, quando se preparava

para os exames do quinto ano de medicina, uma chamada telefónica começou a mudar a sua vida. Na república (residência de estudantes) onde então vivia, por trás da Sé Velha, no número 23 da rua do Norte, por onde passava de vez em quando Zeca Afonso, toca o telefone. Helénio Herrera transmite-lhe o interesse do Inter, mas Jorge Humberto responde com rispidez. “Não me aborreça. Tenho mais que fazer. Os exames estão à porta”.

Poucos minutos depois, Helénio Herrera volta a telefonar. “Não me passava pela cabeça que fosse o treinador do Inter. Julgando que se tratava de uma brincadeira, disse-lhe para ir dar uma volta. Com todas as letras...”, lembra com um sorriso nos lábios.

Foto: ASF

Três golos no jogo de experiência

Perante a insistência, o jovem estudante pede um telegrama a confirmar a proposta. Meia hora depois, o carteiro entrega o telegrama para surpresa do próprio Jorge Humberto.

O assunto originou, de imediato, uma reunião de emergência do conselho da república. “O Zeca Afonso passou por lá nesse dia e também participou na conversa. No final, houve unanimidade: o convite era irrecusável”.

A época tinha terminado há várias semanas, pois o campeonato tinha acabado em Maio. Os testes do quinto ano eram a sua única preocupação. Antes de ir a Itália, fazer um jogo de experiência, era necessário convencer o professor de Patologia Cirúrgica, Fernando Oliveira, a adiar o exame. “Naquela altura, os professores não passavam cartão aos estudantes e havia uma enorme distância entre uns e outros. Enchi-me de coragem e fui falar com o professor à sua própria casa. Expliquei a situação e, por sorte, estava perante um adepto ferrenho da Académica e admirador da minha maneira de jogar. No final, disse-me que adiava o exame, mas que voltasse antes de 30 de Julho para fazer as provas”, explica.

A aposta de Helénio Herrera, o homem que desenvolveu a famosa técnica do *catenaccio*, que ainda hoje é utilizada pelas equipas italianas, estava ganha. O mago, como era conhecido, contratou Jorge Humberto para “fazer concorrência” ao inglês Hitchens, o avançado-centro do clube de Milão. Helénio Herrera tinha conhecido Jorge Humberto em Portugal, já que treinava a equipa do Belenenses na época em que o cabo-verdiano se estreou na primeira equipa da Académica (1957-58).

Exame “mata” jogo com Pelé

Num torneio triangular de início de época, Jorge Humberto faz a estreia com a camisola do Inter. Frente ao Sparta de



Num treino da selecção portuguesa. Jorge Humberto foi duas vezes internacional B, tendo defrontado a Inglaterra e Argentina

Página anterior

Em Setembro de 1961, Helénio Herrera apresenta a nova contratação aos dirigentes do Inter de Milão



“Com o dinheiro que ganhei em Itália comprei um prédio de três andares em Lisboa e ofereci 1500 contos à Académica”

Belgrado, o futebolista português marcou três golos. “Joguei pouco mais de 45 minutos e ganhámos por 5-2. Os golos foram espectaculares e cheguei logo a acordo. Foi fantástico!”.

No segundo jogo o adversário era o poderoso Santos de Pelé, mas o exame estava marcado. O dilema foi grande, mas acabou por perder a oportunidade de defrontar o “rei”. No bolso, um prémio pela vitória de 120 mil liras, qualquer coisa como seis contos. “Na Académica ganhava 1200 escudos por mês. Houve festa rija na república, com muita comida e bebidas para todos”, conta.

De regresso a Coimbra passa no exame de Patologia Cirúrgica e em Setembro parte para Itália. “Não tinha acabado o 5º ano de medicina, faltavam duas cadeiras, já que desde o início tive sempre o mau hábito de deixar uma ou duas para fazer em Outubro”, justifica.

Em Itália, não abandona os estudos. “Como só treinava de manhã, podia estudar à tarde. Acabei por fazer três disciplinas nos três anos que estive em Itália. Uma cadeira na Università degli Studi, em Milão, e duas na Università di Padova, o que me permitiu manter a chama viva do curso”.

O primeiro ano no Inter não foi muito positivo, “não marquei mais de seis golos”. A Liga não permitia que jogassem ao mesmo tempo mais do que dois estrangeiros. O espanhol Luiz Suárez era titular indiscutível, enquanto que Jorge Humberto tinha que lutar com o inglês Hitchens por um lugar no onze do Inter. Nas provas internacionais, a situação era diferente, já que na chamada Taça das Feiras (hoje Taça UEFA) podiam jogar três estrangeiros. “Era um clube muito forte, tinha uma grande equipa, onde tudo era feito com profissionalismo”, observa. Além de três títulos nacionais, (62/63, 64/65 e 65/66), Helénio Herrera consegue dois títulos europeus (64 e 65) e duas Taças Intercontinentais (65 e 66). Não participou nesses grandes êxitos, mas conheceu o poderio que tinha a equipa do Inter, onde pontificavam homens como Suárez, Mazzola ou

Giacinto Facchetti. “Tinha quase dois metros de altura e uma boa compleição física, o que lhe permitia fazer o corredor todo. Foi com ele que Helénio Herrera descobriu o que mais tarde se veio a chamar o lateral moderno, que acompanha o ataque e cria lances de perigo na área contrária”, comenta Jorge Humberto a propósito de Facchetti, que mais tarde foi presidente do Inter.

Naturalização falhada

Em Milão, que nunca mais visitou, embora mantenha alguns contactos com antigos colegas e com o próprio clube, viveu momentos agitados, por causa de uma tentativa de naturalização. Os dirigentes do Inter e o próprio Helénio Herrera tentaram encontrar uma solução para ultrapassar a lei que só permitia a utilização de dois estrangeiros, mas o que contava “era o país de origem da federação de futebol onde foi feita a primeira inscrição, o que tornou inviável a burla que pretendiam concretizar”.

Quando chegou a Itália, Ângelo Moratti, pai do actual líder do clube, Massimo Moratti, estava a construir uma equipa que durante anos dominou o futebol europeu. No início dos jogos, “o senhor Moratti vinha ao balneário cumprimentar os jogadores, desejar boa sorte e entregar como prémio pessoal uma libra em ouro”.

Aos 70 anos, que comemorou no passado dia 17 de Fevereiro, fala com enorme emoção do tempo que jogou em Itália.

O contrato com o Inter não envolveu os muitos milhões que hoje se pagam às principais vedetas do futebol mundial, mas Jorge Humberto reconhece que garantiu a sua independência económica. “Com o dinheiro que ganhei em Itália comprei um prédio de três andares em Lisboa (Alto S. João), paguei uma complicada operação de uma das minhas irmãs e ofereci 1500 contos à Académica, que pagou algumas dívidas e comprou um autocarro para transportar os jogadores”, confessa, sem revelar os números envolvidos no negócio com o Inter de Milão.

Antes de voltar a Coimbra, joga duas épocas no Lanerossi Vicenza, onde foi quase sempre titular. O Standard de Liège ainda o tentou contratar, mas o objectivo era concluir o curso. Depois de defrontar a selecção do México, num jogo em que rubricou uma boa exibição, “pedi uma verba grande que os belgas não podiam pagar”.



Quando em 1961 recebeu um telefonema de Itália, Jorge Humberto respondeu com rispidez: “Não me passava pela cabeça que fosse o treinador do Inter. Julgando que se tratava de uma brincadeira, disse-lhe para ir dar uma volta. Com todas as letras...”



Foto: ASF

Vitória nas Antas no regresso à Académica

Em 1964, Jorge Humberto dá por finalizada a sua aventura no estrangeiro. A Académica tem na altura uma excelente equipa e na sexta jornada, disputada a 22 de Novembro, os estudantes vão às Antas derrotar, por 2-1, o Porto, então treinado por Otto Glória, que no final deu os parabéns ao adversário, “a Académica ganhou bem”. Foi precisamente nesse desafio que Jorge Humberto voltou a representar o seu clube do coração. Na temporada 64/65, marca 11 golos em 16 jogos, sendo o segundo melhor marcador dos “estudantes”, depois de Manuel António com 16 tentos. A formação de

Coimbra, na altura treinada por Mário Wilson, termina o campeonato no quarto lugar. Em 1966/67, a Académica alcança a melhor classificação de sempre. É segundo classificado, a quatro pontos do Benfica. Depois de eliminar os encarnados da Taça de Portugal, perde na final contra o Vitória de Setúbal, por 3-2. Jorge Humberto não alinha (Artur Jorge e Ernesto são os avançados). O joelho direito já não permitia ao atacante cabo-verdiano jogar ao mais alto nível. A lesão acabaria por determinar o fim da carreira, com 28 anos.

Em 1965, um dia depois de jogar nas Antas, a equipa da Académica participa em peso no casamento, que se realizou em Braga. “Foi o Augusto Rocha que me

estudante em Coimbra. Licenciou-se em Biologia e durante muitos anos dirigiu o Laboratório de Saúde Pública em Macau”, recorda.

Os estudos, como sucedia na altura com a grande maioria dos futebolistas da Académica, eram a grande prioridade. Tinha que terminar o curso de medicina, o que veio a verificar-se em 1966. Licenciou-se com média de 17 valores. Na primeira fila, a assistir ao último exame, a mulher e a filha, com apenas seis dias de idade.

Em Coimbra foi colega de grandes nomes do futebol português, como Toni, Artur Jorge, os irmãos Vítor e Mário Campos, Vítor Manuel, Mário Wilson, Manuel António, Gervásio, Rui Rodrigues e o macaense Rocha.

Mário Wilson e Cândido Oliveira foram os seus treinadores. Do segundo fala com muito carinho, já que foi o mestre Cândido Oliveira que o lançou na primeira equipa. “Um autêntico pai, pois deu-me muitos conselhos extra-futebol”. E ao baú das recordações vai retirar o jogo frente ao Olhanense na Queima das Fitas de 56. “Ainda era júnior, mas Cândido Oliveira lança-me nesse jogo para tirar a prova dos nove. Num choque com o guarda-redes contrário fiz uma luxação completa do joelho esquerdo. Só acordei no hospital, mas nesse dia a Académica ganhou um médico. O dr. Chico Soares, que estava na bancada a ver o jogo, saltou para o campo para me tratar. Depois passou a ser o médico da equipa, o que fez durante muitos anos. Passei o Verão a deslocar-me a Alvalade para ser tratado pelo grande Manuel Marques e a estreia nos seniores foi adiada por um ano”.

Depois de três épocas com bom rendimento, sobretudo nos jogos contra o Benfica, Porto, Sporting e Belenenses, veio a aventura italiana.

Chipenda não atacava

O serviço militar atravessa-se no seu caminho em 1968. Depois de ter prestado serviço militar em Santa Margarida e na Figueira da Foz parte para Angola como

alferes miliciano-médico, incluído no Batalhão 2872. “Fomos combater para o leste de Angola, depois do Luso (agora Luena) na fronteira com o Quênia, onde as tropas inimigas atacavam muitas vezes, mas em três meses não houve um único ataque. Não sei se isto tem algum cabimento, mas comentava-se por lá que o líder do inimigo era o Daniel Chipenda, que tinha jogado comigo na Académica. Sabendo que eu estava do outro lado da barricada terá dado ordens para não atacar...”, diz, lamentando não ter tido a possibilidade de mais tarde fazer essa pergunta ao homem e futebolista, que, depois de passar por Coimbra, integrou os movimentos de oposição ao Estado português em Angola. “Nessa altura, outros colegas da Académica, como o Araújo e o França, que chegou a ser ministro da Defesa de Angola, também lutavam pela independência”, esclarece.

Em Angola, não assistiu no Jamor à final da Taça de Portugal que na tarde heróica de 22 de Junho de 1969 colocou frente-a-frente o Benfica e Académica e que foi considerada como “o maior comício contra o regime”, já que os adeptos dos estudantes exibiram cartazes com slogans contra a política de Marcelo Caetano.

Em Maio de 1971 terminou a comissão de serviço, “a missão estava cumprida e tinha colhido muitos ensinamentos para a minha profissão”.

Em Coimbra, Jorge Humberto tira a especialidade de Pediatria e é um dos fundadores do Hospital Pediátrico de Coimbra. “Uma gratificante experiência, já que em pouco tempo o hospital se começou a afirmar em todo o País pela diferenciação e qualidade do serviço prestado”, assegura, para justificar que estava a desenvolver um excelente projecto profissional quando foi desafiado a partir para o outro lado do Mundo (ver caixa).

Muitas dificuldades em Cabo Verde

Natural da cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, em Cabo Verde, Jorge Humberto



Foto: António Mil-Homens

“Quando aqui cheguei, em Setembro de 1982, não havia mais nenhum pediatra”, recorda Jorge Humberto

é oriundo de uma numerosa família (é o quarto de 11 filhos, o único a tirar um curso superior). Ainda muito jovem começou a jogar na Académica do Mindelo, a sétima filial da Associação Académica de Coimbra. Quando o professor de ginástica, Daniel Leite, lhe começou a falar na hipótese de ir para Coimbra (estudar e jogar) considerou a “ideia engraçada”, mas de difícil concretização, pois faltava o dinheiro para as passagens e a estadia.

No primeiro semestre de 1955 deslocou-se várias vezes ao Palácio do Governador, Silvino Silvério Marques (irmão de Jaime Silvério Marques, que foi Governador de Macau) para falar numa eventual bolsa de estudo. Mais dois jovens cabo-verdianos estavam na corrida à partida para a capital do Mondego. “O problema é que o orçamento da então província não suportava qualquer bolsa de estudo. Antes do início das aulas, o Governador lá conseguiu arranjar verba, mas apenas para seis meses. Em vez de um, acabámos por

embarcar os três. Fomos dormir para um quarto, onde havia apenas lugar para três camas, as malas ficavam debaixo do colchão. A casa era da irmã da nossa professora de matemática, perto da Penitenciária de Coimbra”, refere, esclarecendo que os outros dois colegas eram Salazar Ferro, que seria mais tarde professor catedrático de matemática em Coimbra, Lourenço Marques e Estados Unidos, onde se reformou, e António St. Aubyn, que viria a ser também professor catedrático de matemática em Coimbra e Lisboa.

Seis meses depois, os colegas arranjaram maneira de continuar os estudos e Jorge Humberto foi viver para casa de um “carola” da Académica, “fui o primeiro júnior a receber uma bolsa”.

Mais de 40 anos depois, não tem dúvidas em afirmar que valeu a pena. O curso foi sempre o objectivo principal. O futebol ajudou a concretizar o sonho e permitiu-lhe viver uma vida desafogada, muito diferente daquela que tinha em Cabo Verde. ■



Mais de 21 mil crianças

Com quase 26 anos de permanência em Macau, Jorge Humberto viu a agora região administrativa especial desenvolver-se e assistiu à transformação completa do Centro Hospitalar Conde de S. Januário “Quando aqui cheguei, em Setembro de 1982, não havia mais nenhum pediatra”, sublinha. Hoje, o hospital público “oferece uma assistência de qualidade”, de que muito se orgulha.

Durante 17 anos dirigiu os serviços de pediatria do Centro Hospitalar Conde de S. Januário (CHCSJ). “Quando o dr. Custódio Pais Rodrigues me convidou

o objectivo era montar de raiz o serviço. Ao longo dos anos foi possível dotá-lo do que é necessário, dado que tive sempre o apoio de todos os responsáveis. Dos directores do CHCSJ, aos directores dos Serviços de Saúde, passando pelos Governadores e secretários da tutela”, acrescenta.

A filha de Melancia

Olhando para quase duas décadas de trabalho no Centro Hospitalar Conde de S. Januário recorda a criança chinesa que o então Governador Carlos Me-

lancia adoptou. “Era o seu médico e foi muito gratificante para mim o que se passou”, deixa escapar com emoção.

Do que foi desenvolvido destaca a articulação com a obstetrícia e a criação da unidade de cuidados intensivos neonatais, que já permitiu salvar a vida de muitos recém-nascidos. “O serviço tem agora muitos pediatras interessados, especializados em valências distintas, disponibilizando um serviço de qualidade”, frisa, ao mesmo tempo que se vislumbra um brilho nos seus olhos, como que a confirmar a excelência do trabalho feito.



Foto: António Mil-Homens

Já reformado, exerce agora as funções de consultor do director dos Serviços de Saúde e é secretário-geral da Associação de Prevenção e Controlo da SIDA. Na parte da tarde, continua a trabalhar no seu consultório, situado em pleno centro da cidade, perto do Tap Seac. Com a ajuda da empregada, que assegura a tradução, já que não domina o chinês, recebe diariamente crianças e bebés, portugueses, chineses e de outras nacionalidades. “Tenho mais de 21 mil crianças registadas”, revela. Para manter a forma física pratica ténis, pois há muitos anos que



Com a família e numa festa de fim de ano no Clube Militar

deixou de jogar futebol. A última vez foi em 1998 quando a Académica veio a Macau e participou num encontro de veteranos. Na companhia dos amigos Mário Sousa, João Godinho, Humberto Basílio e Luís Iglesias é presença assídua nos *courts* do Westin Resort.

Espectador atento, não perde o que se passa com a sua Académica e acompanha a carreira do Inter e de Luís Figo, que conheceu quando a selecção portuguesa estagiou em Macau a caminho do Mundial da Coreia e do Japão. Em casa, com a ajuda preciosa da sogra, de 94 anos, “sabe mais de futebol que muitos comentadores”, espera no próximo Verão vibrar com os êxitos da equipa das Quinas no Europeu.

Regresso adiado sucessivamente

Os filhos, Maria Antónia e Jor-

ge Eduardo, hoje com 41 e 39 anos de idade, mais os três netos, reivindicam o seu regresso, mas este continua a ser adiado sucessivamente. “Como quase todos os portugueses vim por dois anos e estou cá desde 1982. Não há ainda uma data para o regresso”, assegura, mostrando grande satisfação por tudo o que Macau lhe proporcionou ao longo de quase três décadas. ■



Foto: António Mil-Homens



Desporto

Gilberto Lopes (texto) e Carmo Correia (fotos)

A nova menina-prodígio do desporto português



A jovem tenista Michelle Brito quer chegar a número um do *ranking*. Depois de conquistar o mundial júnior, prepara-se para começar a triunfar no circuito internacional

O ténis português está à beira de ter uma atleta de nível internacional. Com 15 anos, Michelle de Brito, que no final do ano passado se sagrou campeã mundial júnior, pretende chegar ao topo do ténis feminino em dois-três anos.

A jovem portuguesa, que em Janeiro participou em Hong Kong num torneio de exibição, confessou à **MACAU** que em breve espera lutar pelos triunfos nos mais consagrados torneios do circuito internacional. “O objectivo de todas as tenistas é ser a número um do mundo, portanto, gostava de atingir essa meta. Sei que é preciso percorrer um longo caminho e para conseguir isso só tenho que continuar a trabalhar muito”, confessa numa manhã de sol nos *courts* do Victoria Park.

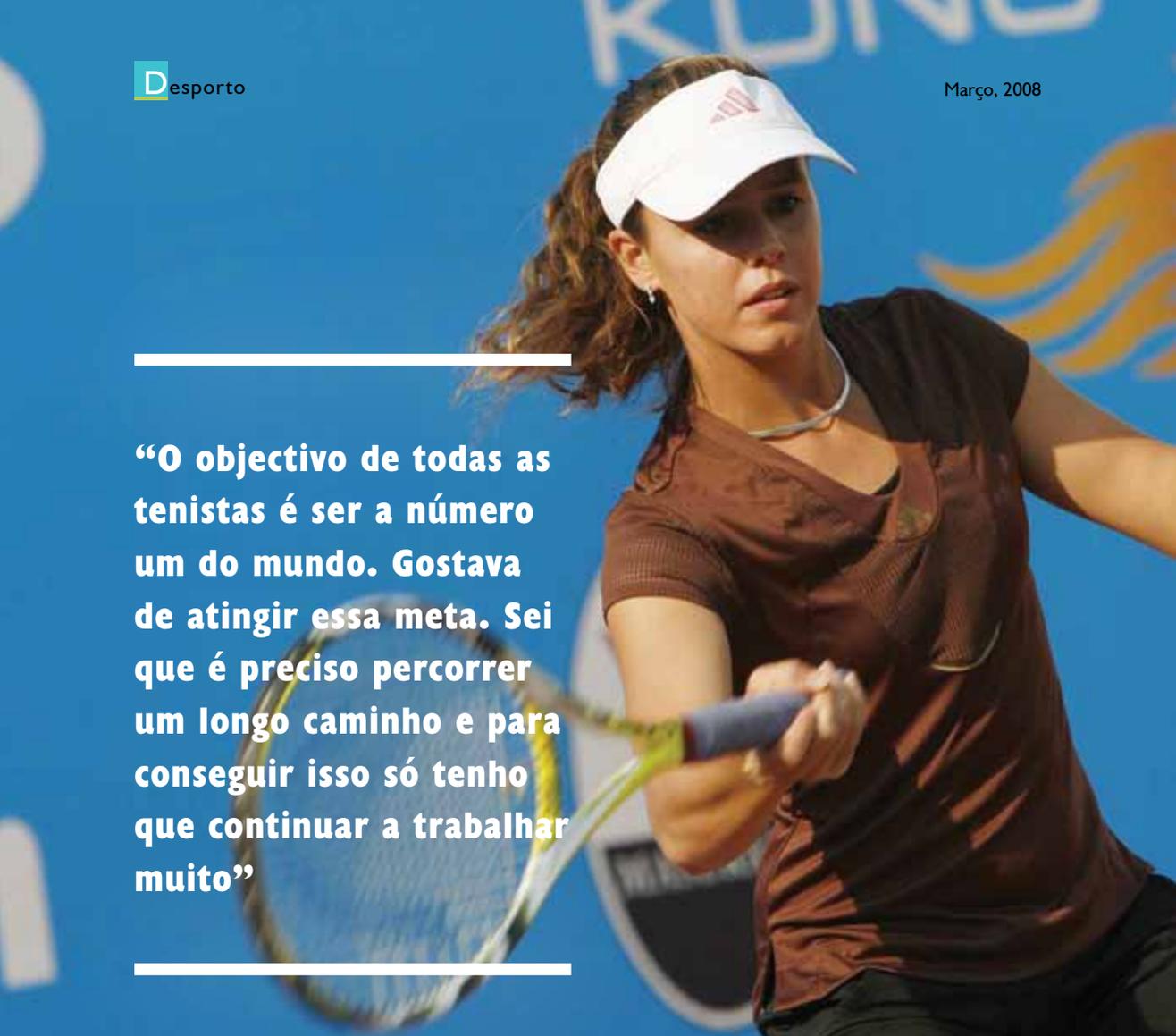
Apesar da sua juventude, tem já vários êxitos no currículo. Aos nove anos foi a mais jovem campeã portuguesa de sub-12 e atingiu as meias-finais de sub-14. Aos 12 conquistou à russa Sharapova o

título da mais nova a vencer o campeonato mundial de juniores Eddie Herr International em sub-16. Aos 14 anos tornou-se na sétima jogadora mais nova de sempre a ganhar uma partida no WTA Tour, chegou aos quartos-de-final no famoso Roland Garros (Grand Slam Junior) e sagrou-se campeã mundial júnior.

Com nove anos despertou o interesse de Nick Bollettieri, que já formou tenistas como Boris Becker, Andre Agassi, Peter Sampras, as irmãs Serena e Venus Williams, Maria Sharapova, Monica Seles e Martina Hingis. Em poucos meses trocou Lisboa pela Florida, onde ainda hoje reside.

“Espero um dia ganhar o Estoril Open”

Na academia mais famosa do ténis mundial, Michelle Brito tem crescido como jogadora e confirmou que se trata



“O objectivo de todas as tenistas é ser a número um do mundo. Gostava de atingir essa meta. Sei que é preciso percorrer um longo caminho e para conseguir isso só tenho que continuar a trabalhar muito”

de uma atleta com grande potencial. Agora, já não treina diariamente na Academia, mas nos *courts* do complexo onde vive com o pai, a mãe e os irmãos gémeos. “De vez em quando ainda passo pela Academia, mas o meu pai foi sempre o meu treinador principal. Dá-me todo o apoio”.

Na actual temporada, Michelle Brito vai disputar dez torneios profissionais, entre os quais o Estoril Open. “Há muito que quero jogar no Estoril Open, que considero ser a minha casa, pois antes de ir para os Estados Unidos tinha o hábito de ir ao Jamor assistir ao torneio”, nota com um sorriso nos lábios. A jovem portuguesa, que está muito feliz por regressar às origens, não esconde que sonha vencer a médio prazo o Estoril Open.

A residir nos Estados Unidos há cinco anos, afasta categoricamente a hipótese de mudar de nacionalidade. “Não quero ser e não vou ser americana. Gosto de ser portuguesa”, garantiu, sublinhando que “gostaria de representar Portugal nos Jogos Olímpicos”. Em Pequim não vai ser possível, mas, provavelmente, em Londres. Em 2012, Michelle Brito espera ser uma das líderes do *ranking* mundial.

Seis horas de treino por dia

O dia-a-dia de Michele Britto é muito agitado. Treina três horas de manhã e outras tantas à tarde. O dia termina sempre com uma sessão no ginásio de 90 minutos. Entre as 11h30 e as 15h30 desloca-se ao *Edison Academic*



Michelle Brito, com o pai António Brito, garante que “ não vou ser americana, gosto de ser portuguesa”

Center. “Não é fácil conciliar os torneios com os estudos, mas tenho sido boa aluna”, nota.

Gosta de ler, de nadar, de ir ao cinema, de ouvir música. Não esconde que é fã de Justin Timberlake, que ouve com regularidade no *iPod* que a acompanha para todo o lado, sobretudo nas viagens que tem que fazer para participar nos torneios que preenchem parte da sua vida. O pai mostra-se satisfeito com a evolução de Michelle. “O serviço está a melhorar muito. É agressiva, ataca muito, gosta de aproveitar as bolas mais curtas para concluir o ponto”, explica.

Michelle Brito, que não gosta de perder, é uma filha que não dá muitos problemas. O único senão é o tempo que passa em frente ao espelho e a escolher

a roupa de marca, que gosta de vestir. “Só é difícil fora do campo, pois demora muito tempo a sair da cama e a arranjar-se para ir treinar”, revela o pai, que confessa alguma saudade de Portugal e da comida portuguesa. “Nem televisão portuguesa temos na Florida”, comenta António Brito.

Michelle Brito vai aproveitar a presença no Estoril Open para matar saudades, sobretudo da avó que reside no Restelo. E para pôr o português em dia, pois é cada vez mais difícil expressar-se na língua materna. “O inglês é o idioma de comunicação. Só agora, que está cá o Gastão Elias (outra promessa do ténis português que está a trabalhar na Academia de Nick Bollettieri) é que usamos o português”, observa António Brito. ■



Desde o início da diáspora

Foi a primeira Casa de Macau criada no exterior, embora seja e tenha sido muito mais que isso. A presença da comunidade portuguesa e macaense em Hong Kong tem origens desde o início da colonização britânica na sequência da Guerra do Ópio. Tudo começou em 1841, quando vários portugueses de Macau rumaram a Hong Kong para trabalhar na recém-criada administração pública colonial

A primeira grande vaga de emigração macaense para o outro lado do Delta do Rio das Pérolas começou em 1849 após o assassinato do governador Ferreira do Amaral. Fundado em 1866, o Clube Lusitano nasceu da vontade de várias dezenas de portugueses e macaenses que trabalhavam para a administração do território vizinho, com especial destaque para o papel desempenhado por J. A. Barretto e Delfino Noronha, de quem partiu a ideia de criar um clube que representasse uma comunidade que ia cimentando o seu lugar na sociedade de Hong Kong. Na altura em que foi criado o Clube Lusitano, já estavam em actividade duas associações que congregavam a comunidade: Clube Venatório e o Club de Recreio (entidade que ao longo de décadas foi a grande rival do Clube Lusitano em Hong Kong). Ao longo do século XX, seguiram-se outras vagas migratórias de Macau para Hong Kong, o que sucedia em alturas de maiores dificuldades económicas no território então administrado por Portugal ou em fases de tensão política com a China, como foi o caso dos acontecimentos que ficaram conhecidos como o “um, dois, três” durante a Revolução Cultural. Actualmente existem vários milhares de cidadãos com nacionalidade portuguesa em Hong Kong, a maioria dos quais com origens em Macau. Contudo, *strictu sensu*, a comunidade de cultura portuguesa e macaense é bem mais reduzida do que há algumas décadas. Isto acontece porque uma parte dos macaenses que emigraram para Hong Kong rumaram posteriormente para outros países como Austrália, Canadá, Estados Unidos, Brasil ou Portugal. São comuns as histórias de pessoas que saíram de Macau nos anos 60 para Hong Kong, sobretudo para trabalhar no *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation*, e que nas décadas de 70 e 80 decidiram abandonar o Delta do Rio das Pérolas para a Europa, América ou Austrália. Em declarações à **MACAU**, o comendador

Arnaldo Oliveira Sales, presidente do Clube Lusitano desde 1967, reconhece que “é difícil saber ao certo quantos portugueses vivem em Hong Kong, uma vez que muitos dos que vieram de Xangai, após a II Guerra Mundial, e de Macau acabaram por ir para os Estados Unidos, Austrália ou Portugal”. Actualmente o Clube Lusitano conta com mais de 400 sócios, embora apenas pouco mais de 100 sejam considerados sócios activos. Dos cerca de 400 associados, várias pessoas já não vivem em Hong Kong, embora mantenham ligações fortes ao Clube Lusitano.

Almoçar sem pagar

Durante várias décadas, era promovida, no dia 10 de Junho, Dia de Portugal, uma corrida de cavalos no *Hong Kong Jockey Club*. Essa actividade foi abandonada recentemente “por falta de apoios”, explica Arnaldo Oliveira Sales, decano da comunidade cuja carreira profissional e cívica ficou marcada pelos vários cargos de serviços público que ocupou – com destaque para a presidência do *Urban Council* – e pelas medalhas e menções de mérito que teve por parte das autoridades de Hong Kong, Macau e Portugal. Sales foi também um dos principais responsáveis pela elevação do Clube Lusitano em termos de solidez financeira e pelo facto do Clube ter sede e dar nome a um dos mais marcantes edifícios do *sky line* de Hong Kong: o *Lusitano Club Building*. No 27º andar, está à disposição dos sócios um “Salão Nobre” para promoverem actividades culturais e recreativas, ao passo que no 24º piso os associados têm acesso a uma sala onde podem organizar almoços e jantares em ocasiões especiais. Além disso, diz Oliveira Sales, com visível orgulho, “todos os dias os sócios podem almoçar no Clube sem pagar um avo”. ■

J.C.M.

Elo de ligação entre Macau e Lisboa

Com quase seis centenas de associados, a Casa de Macau em Lisboa assume-se como o elo de ligação entre Portugal e a Região Administrativa Especial de Macau

No terceiro dia do Ano Novo Chinês, num dos restaurantes mais conhecidos de Lisboa, os macaenses a residir em Portugal assinalaram, com pompa e circunstância, a entrada no Ano do Rato. Álvaro d'Andrade confidenciou que 230 pessoas participaram nos festejos, naquela que foi uma das festas mais concorridas.

Com cerca de 600 sócios, mas apenas 400 activos, a Casa de Macau de Lisboa está de boa saúde. "O número de associados tem aumentado e sempre que há em Macau o encontro dos macaenses recebemos novas adesões", explica o actual líder da instituição, criada há mais de quatro décadas. Em Novembro vieram de Lisboa 120 pessoas para o VI Encontro das Comunidades Macaenses. "A reunião da família macaense é uma boa oportunidade para rever o território, os amigos e a família e, portanto, é natural que haja sempre um número elevado de participantes", justifica. O presidente da Casa de Macau reconhece

que são muitos os desafios que a colectividade agora enfrenta. "Não sabemos ao certo o número de macaenses a residir em Portugal, mas é importante que exista um local de convívio e de confraternização, que seja o elo de ligação entre a região administrativa especial e Portugal", acrescenta Álvaro d'Andrade.

Na avenida Gago Coutinho funciona a sede da colectividade, mas a direcção continua a ocupar as antigas instalações no Príncipe Real. "Temos também lá um centro de documentação sobre Macau, totalmente informatizado", nota, sublinhando que é fundamental que não se perca a memória da comunidade. "Só assim será possível perpetuá-la e, sobretudo, transmitir aos mais novos a história dos seus antepassados e de Macau".

A sede social (com três pisos, uma cave e um jardim) permite a realização de muitas iniciativas ao longo do ano. Uma das mais marcantes realiza-se a 24 de Junho,

dia da cidade de Macau. “Cerca de 300 pessoas costumam reunir-se para festejar o Dia de S. João e assinalar a vitória sobre os holandeses. No jardim é rezada uma missa campal”, explica.

Palestras e lançamento de livros

A Casa de Macau em Lisboa organiza ainda algumas acções culturais, como palestras e lançamento de livros. O jornalista João Botas lançou lá o seu livro sobre o Liceu de Macau, que foi apresentado pelas historiadoras, com ligações a Macau, Beatriz Basto da Silva e Celina Veiga de Oliveira. O clube de bridge e de canasta reúne-se duas vezes por semana e os mais jovens dispõem de uma sala com mesas de bilhar e de ténis de mesa e matraquilhos.

A gastronomia tem também muitos adeptos. No primeiro andar funciona uma cozinha e uma zona de restauração, o que possibilita o encontro dos associados à volta dos tradicionais pratos macaenses. “A Casa de Macau em Lisboa tem o privilégio de ser um dos raros lugares de Portugal onde podem ser encontrados sabores tipicamente macaenses ou chineses. Os nossos chefes de cozinha têm largos anos de experiência especialmente em gastronomia do Sul da China. Os nossos cozinheiros são confeccionados com ingredientes e produtos tradicionais chineses”, revela. As refeições, cujas reservas devem ser feitas com 24 horas de antecedência, são servidas às quartas-feiras (almoço) e sábado (almoços e jantares). Como reza a tradição, os Chás Gordos animam alguns dias festivos, como o Natal ou a Páscoa.

A liderar a Casa de Macau desde Abril de 2006, Álvaro d’Andrade destaca ainda as actividades desportivas. “A escola de Tai Chi Chuan tem cerca de duas dezenas de alunos, que já conquistam prémios a nível nacional. No último campeonato, disputado em Dezembro, conquistaram uma medalha de ouro e outra de prata”, refere.

A Casa de Macau é desde 2005 um Centro de Cultura e Desporto (CCD) do INATEL. É o resultado do protocolo celebrado pelas direcções de ambas as entidades, pre-

vendo igualmente o desenvolvimento do intercâmbio de actividades culturais, recreativas, turísticas e desportivas entre os respectivos associados

Antigo funcionário do Banco Nacional Ultramarino, o presidente da Casa de Macau não esconde que a colectividade pode desempenhar um importante papel na relação entre as autoridades da região administrativa especial e entidades portuguesas. “Temos colaborado, por exemplo, com a delegação da RAEM, os Serviços de Turismo ou a Embaixada da China na realização de algumas iniciativas de divulgação de Macau e da China”, esclarece, salientando a visita, em Setembro do ano passado, de Xu Zhe, subdirector do Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM.

Récitas em patuá

A candidatura do patuá a património intangível da UNESCO tem o apoio total de Álvaro d’Andrade. “A preservação do patuá não é uma tarefa fácil. Por isso, estamos a tentar fazer, com a ajuda da Fernanda Robarts, algumas récitas. Não temos a possibilidade de montar espectáculos com faz o Miguel Senna Fernandes, mas vamos procurar manter o dialecto vivo”, sustenta.

A realidade de Macau pode ser acompanhada na sede com a leitura de alguns jornais e revistas que se publicam na região administrativa especial. A Casa de Macau mantém um sítio na internet e edita uma folha informativa e um boletim.

A passagem de testemunho às gerações mais novas é outra das suas preocupações. Álvaro d’Andrade sabe bem o que isso significa, já que entre 1985 e 1993 regressou ao território para mostrar a sua terra à mulher e às filhas. “Manter vivo o orgulho de ser macaense e dar a conhecer Macau em Lisboa deve ser uma das nossas apostas”, garante, a finalizar. ■

G.L.

O orgulho de ser macaense

As Casas de Macau dos Estados Unidos têm tanto de membros como de actividades. Ao longo do ano, multiplicam-se as acções, sempre com um piscar de olho aos jovens. O número de associados reflecte-se na presença nos encontros das comunidades macaenses.

No mais recente, as três Casas dos Estados Unidos trouxeram 464 macaenses

É um local carregado de recordações. Raquel Remédios viveu no antigo Hotel Bela Vista, actual residência oficial do cônsul-geral de Portugal na RAEM, durante a II Guerra Mundial. Era uma refugiada de Hong Kong, colocada por “sorte” no hotel, um dos locais criados para o efeito. “Era o melhor centro de refugiados de todos, a vista era impressionante, o mar estava já aqui, nunca imaginei nesses dias que Macau se tornaria assim”, recorda.

Naquele tempo, ainda criança, Raquel Remédios também não podia imaginar que um dia, há 43 anos, emigraria para os Estados Unidos. Mais ainda, que se tornaria na presidente daquela que é uma das mais velhas Casas de Macau da diáspora, a União Macaense Americana (UMA), fundada no final dos anos 50 do século passado.

Cerca de meio século de história ajudam a explicar a vitalidade e o número de membros da UMA. “Temos cerca de 850 membros, a maioria macaenses de Macau, Hong Kong e Xangai. Estamos divididos agora por quatro secções, em São Francisco e Los Angeles, cada uma delas responsável por diferentes actividades ao longo do ano”, explica Raquel Remédios, presidente da UMA e também responsável por uma das secções. Com tantos membros espalhados pelo mais populoso estado americano, a UMA acabou por atrair associados pouco ou nada ligados a

Macau, “juntaram-se por força de intercasamentos ou atraídos pela nossa comunidade”, justifica.

Preservar o patuá

O Lusitano Club da Califórnia é também um campeão dos números. Tem cerca de 700 membros, “mas normalmente só juntamos cerca de 300 nas nossas actividades porque as autoridades locais não permitem maiores aglomerações”, explica Maria Roliz, presidente do *Club*. Apesar das limitações camarárias, existem actividades suficientes para agradar aos diferentes gostos das sete centenas de associados. “Regularmente, temos aulas de cultura e língua portuguesas, de culinária ou feiras de gastronomia, para que as comunidades portuguesas nos Estados Unidos, ou outras, saibam mais da nossa cultura e herança macaenses. Estamos também a tentar preservar o patuá, através de um espectáculo que queremos pôr de pé”, enumera num só fôlego Maria Roliz. É com a mesma rapidez que ainda acrescenta o tradicional piquenique e a concorrida festa de Natal, “actividades feitas a pensar em todos os elementos da família e sempre muito concorridas”.

A gastronomia parece ser a receita escolhida pelas três Casas para aguçar a curiosidade alheia e dar a provar a comunidade macaense. De facto, a comida das origens é um dos pratos fortes das actividades da Casa de

Macau (USA), com cerca de 250 membros. “Um dos jantares que organizamos é o da Primavera (no Ano Novo Lunar), para promover a amizade sino-macaense e celebramos também o dia 24 de Junho, dia de São João, padroeiro da cidade de Macau”, afirma Henrique Manhão, presidente da Casa de Macau (USA). A associação, composta por 80 por cento de chineses e macaense de Macau e 20 por cento de luso-descendentes, vai estrear-se, em Dezembro deste ano, nas celebrações de Nossa Senhora Padroeira das Comunidades Macaenses. Em todas as festas-rolas, a gastronomia, a música e por vezes o conhecimento dos mais entendidos, são convidados garantidos. “Na comemoração de 24 de Junho, por exemplo, damos ênfase à cultura, à história e à identidade de Macau e de Portugal, através de pequenas palestras”, conta Henrique Manhão.

Na composição e no programa das festas, as três Casas dos Estados Unidos gozam de aparente boa saúde. No entanto, também sabem que são precisos herdeiros que prossigam a história da diáspora. “Tentamos atrair os jovens através de actividades que os envolvam como a genealogia, para que descubram as suas raízes”, afirma Maria Roliz. Neste piscar de olho aos mais novos, o Lusitano Club colocou vários deles na direcção, envolvendo-os nas actividades e no futuro da instituição. O ensino da cultura macaense aos mais novos poderá ter um novo fôlego quando a biblioteca da sede do Lusitano for reaberta e oferecer para consulta livros sobre Macau.

A comida atrai os mais novos

Raquel Remédios não sabe de cor a lista de actividades, pois são várias as secções e a ela cabe-lhe estar à frente de uma e de olho em todas. Mas, pela enumeração improvisada, nota-se que os mais novos são normalmente tidos em consideração pela UMA. “Na minha secção, por exemplo, temos um evento de dança todos os anos, actividades desportivas, como o *bowling*. Outras secções, mais importantes, têm eventos todos os meses. Há o ‘dia do casino’, durante o qual jogamos *mahjong* e diferentes jogos de cartas ou a missa de Acção de Graças”, enumera Raquel

Remédios. A dupla presidente (de Casa e de secção) reconhece que, quem emigrou há dezenas de anos, teve que adaptar-se ao país de acolhimento, no entanto, “nós, provenientes do Extremo Oriente, ainda nos agarramos às nossas raízes”. Inevitável, portanto, que a comida portuguesa e macaense seja servida à mesa das festas “e acho que é precisamente a comida que traz até nós os jovens macaenses já nascidos nos Estados Unidos. Eles adoram a nossa comida”, assegura.

Henrique Manhão sabe que não é tarefa fácil. “A pouco e pouco temos que incutir-lhes o orgulho de ser macaense, para que eles continuem as tradições.” Os ‘eles’ a que se refere são os mesmos para quem a Casa de Macau nos Estados Unidos criou o dia da Juventude Macaense. “A partir dos trinta anos é que se tornam mais interessados, perguntam sobre a história de Macau e de Portugal, querem saber o que nos trouxe à América, querem conhecer heróis e escritores como Luís de Camões”, explica Henrique Manhão. Nestas conversas que mantêm com os mais velhos, deixam escapar algumas admirações quando descobrem que Portugal esteve mais de 400 anos em Macau, que Luís de Camões pode ter passado pela gruta com o mesmo nome ou que o fundador da República da China, Sun Yat-sen, viveu no território dos seus pais.

O passado histórico é o que normalmente melhor prende os jovens nascidos na diáspora. Por isso, cada vez que há romaria a Macau, as Casas regressam com um carregamento de livros e imagens sobre o território. Como conta Maria Roliz “de regresso, quando há festa, mostramos os vídeos sobre os sítios históricos. Eles podem nunca ter ido a Macau mas já conhecem as Ruínas de São Paulo ou o templo de A Ma.”

Eles, os jovens, provavelmente vão dizer: ‘Uau!’, como normalmente acontece cada vez que as Casas dos Estados Unidos mostram, orgulhosas, a terra das suas origens. Ou quando, como aconteceu no último Encontro, vários jovens das Casas americanas conhecem no terreno a terra de que desde sempre ouviram falar. ■

M.P.

Manter viva a chama da Casa “Down Under”

Com cerca de 800 membros, a *Casa de Macau Inc – Austrália* assinala com pompa e circunstância algumas datas mais significativas para a comunidade, como o Natal, Dia de São João ou o Ano Novo Chinês, com convívios entre os macaenses que residem nos vários estados da Austrália.

Uma das dificuldades diz respeito à dimensão do país e ao facto de, por exemplo, uma viagem entre Perth e Sydney demorar cinco horas. De qualquer modo, duas vezes por ano, a Casa organiza encontros da direcção, presidida por Yvonne Herrero, com representantes dos vários estados. Daniel Badaraco, residente em Perth, representa a comunidade da Austrália Ocidental. Saiu de Macau em 1962, “para evitar ir à tropa e porque não tinha oportunidade de emprego”, explica. Mas não foi logo para a Austrália. Viveu em Hong Kong durante 17 anos, onde trabalhou no *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation*, até à altura em que “era claro que os rapazes de Macau já não tinham oportunidades em Hong Kong”, conta. Uma história semelhante a muitas outras de macaenses que da região vizinha rumaram a países como os Estados Unidos, Canadá ou Austrália. Em Perth a comunidade é reduzida, sendo composta por pouco mais de 20 membros da Casa da Austrália. Já no estado de Nova Gales do Sul, especialmente na cidade de Sydney, vive uma comunidade composta por 450 macaenses, membros da Casa de Macau, também designada “Casa Down Under”, representando mais de metade do total de associados. Em 2007, foi, finalmente, adquirido um imóvel que serve de sede permanente da Casa, um passo importante para a operacionalidade das actividades da instituição. Além de uma sede, a Casa de Macau adoptou há pouco mais de um ano um hino escrito pelos músicos da comunidade macaenses Patrick de Sousa e Carlos

Rosário, intitulado “Casa Down Under”

O desafio desta Casa, cujas actividades começaram no início da década de 90, é manter viva a chama da identidade e cultura macaense no futuro, um objectivo central da instituição cujo lema é “*Keeping the Macanese Community Alive*”, ou seja manter viva a comunidade macaense. Para as gerações mais jovens, o grau de pertença a Macau é diferente do que sentem os pais ou avós que nasceram em Macau e transportaram consigo uma vivência que os marca indelevelmente. É também por isso que os Encontros das Comunidades Macaenses são fulcrais, não servem apenas para rever velhos amigos e familiares espalhados pelo mundo, mas são importantes para que as segundas e terceiras gerações de macaenses tenham contacto com o local onde tem origem a sua comunidade. Daniel Badaraco salienta que “a juventude tem uma atitude diferente uma vez que não nasceu em Macau”, por isso “é fundamental que os encontros continuem e perdurem durante muitos e bons anos”. As visitas das famílias macaenses radicadas na Austrália, acompanhadas pelos filhos e netos, são uma forma “eficaz” de manter “o elo de ligação” intergeracional a um território que está “sempre em mudança”. Para alguns dos que vieram ao Encontro das Comunidades Macaenses a cidade está quase irreconhecível, mas Daniel Badaraco tem acompanhado as transformações de perto, já que tem vindo a Macau com regularidade nos últimos anos. Apesar dessas mudanças, “Macau é sempre a minha terra”, garante. Depois de 17 anos em Hong Kong e 30 na Austrália não esconde que gostava de passar parte da reforma em Macau, “uns meses cá outros lá, na Austrália”. ■

J.C.M.

Vender Macau aos brasileiros



Na maior cidade brasileira e principal centro financeiro da América Latina, São Paulo, funciona a maior casa dos macaenses em todo o mundo. No Rio de Janeiro, a realidade é distinta, mas em ambas as metrópoles respira-se o mesmo sentimento: dar a conhecer Macau aos brasileiros e manter vivo o orgulho de ser macaense

Como sucedeu com centenas de macaenses nas décadas de 60 e 70 do século passado, Júlio Branco trabalhou em Hong Kong antes de partir para o Brasil. “Depois do liceu só em Portugal podíamos fazer os estudos superiores, já que em Macau não havia universidade. Pagar os estudos em Lisboa era caro, a parte financeira atrapalhava um bocado”, recorda o presidente da Casa de Macau em S. Paulo. “A melhor opção era ir para Hong Kong estudar e trabalhar, já que no território era complicado entrar na função pública e a parte comercial estava limitada às fir-

mas Nolasco e Rodrigues. Macau não oferecia nada!”.

O futuro de Macau e de Hong Kong era ainda uma incerteza, mas a passagem dos dois territórios para a China “era uma questão de tempo”, comenta.

Na agora região administrativa vizinha trabalhou 12 anos, nomeadamente no Consulado de Portugal e no *Hong Kong Shanghai Bank*, “onde havia uma grande gratidão pelos macaenses que não deixaram a cidade durante a guerra”. Embora satisfeito com a sua situação em Hong Kong, em 1973 decidiu ir para o Brasil,



“na altura muitos macaenses que trabalhavam na antiga colónia britânica partiram para o Canadá, Austrália e Estados Unidos, mas a minha escolha foi outra”. Se fosse hoje não teria tomada essa decisão. “Se tivesse uma bola de cristal não tinha saído”, garante, já que a realidade actual de Macau “é completamente diferente, o território desenvolveu-se muito”. A experiência ganha em Hong Kong foi muito útil no Brasil. “O domínio do inglês foi muito importante. Os brasileiros estavam à procura de pessoas com experiência e estavam a abrir-se ao exterior”. Com facilidade ingressou no poderoso Grupo Pão de Açúcar.

Primos pobres

Trinta e cinco anos depois, é o líder da maior Casa de Macau no Mundo, que tem 300 sócios e amplas instalações. Fala com orgulho da sede, propriedade da Fundação Oriente. “Temos pavilhão e funciona como residencial para alguns aposentados”, nota, lamentando que “não haja estruturas para tratar de alguns sócios que têm problemas de saúde”.

Localizada na zona de Interlagos, pintada com as cores do Palácio da Praia Grande, dispõe de piscina e tem uma área de 5000 metros quadrados.

Os naturais de Macau e descendentes residentes em S. Paulo costumam reunir-se aos domingos. “Cerca de 80 pessoas, algumas vezes mais, convivem na Casa de Macau. Nos dias comemorativos, como o Dia de Macau, Natal, Ano Novo Chinês, Dia de Portugal ou aniversário da Casa o número de participantes é maior”, esclarece Júlio Branco.

No Rio de Janeiro, o panorama é diferente, já que a Casa de Macau não tem tantos meios como a de S. Paulo. “Somos os primos pobres”, diz com alguma ironia, Carlos Branco, irmão de Júlio, que reside naquela cidade brasileira há várias décadas.

Fundada em Junho de 1991, a Casa do Rio de Janeiro tem 50 sócios efectivos, mas o número de participantes nas suas iniciativas ultrapassa a centena. As datas mais marcantes da comunidade, como o Ano Novo Chinês ou o Natal, servem para o encontro dos macaenses, familiares e amigos do Rio de Janeiro.

Radicado no Brasil há quase quatro décadas, o presidente da instituição lembra que tem pouco dinheiro para dinamizar as actividades. “Temos uma pequena casa, a garagem foi convertida em salão de festas, portanto, não temos grandes hipóteses de atrair as pessoas para a sede”, acrescenta Pedro Almeida.

Na Casa do Rio de Janeiro realizam-se mensalmente encontros de confraternização. “Cada sócio leva para o encontro um prato. Um prato macaense, português ou chinês. O lema é: faça o seu prato», esclarece. “Temos ainda algumas actividades desportivas como karaté, badminton ou o *mahjong*”, adianta.

Como sucede em outros países de acolhimento, atrair os mais novos para as actividades associativas não é tarefa fácil. “Os jovens revelam muito interesse em descobrir as suas raízes, mas as deslocações a Macau, por exemplo, são muito caras”, reconhece Pedro Almeida.

Atrair os mais novos

Interessar os mais novos pelas coisas de Macau é também um dos objectivos da Casa de Macau em S. Paulo. “Durante anos as nossas preocupações eram outras e só muito recentemente é que começámos a trabalhar com os jovens», diz Júlio Branco. As chamadas segunda e terceira gerações “querem conhecer Macau, mas a viagem é muito cara”. As novas tecnologias “facilitam muito, pois é possível acompanhar o que se passa no território”, mas passar pela RAEM “é fundamental para os que já nasceram no Brasil conhecer a terra dos seus pais”.

Os dois dirigentes associativos elogiam a decisão da Comissão Organizadora do último Encontro dos Macaenses de convidar três jovens a deslocarem-se à região administrativa especial e aplaudem a eventual realização de um Encontro de Jovens.

O líder da Casa do Rio de Janeiro não esconde que a falta de verbas impede a realização de outras iniciativas. “Os jovens lançaram a ideia de criar uma página na internet, mas como custa

dinheiro manter o projecto não andou para a frente por falta de dinheiro”, observa Pedro Almeida. “Não temos secretária, contínuo, etc, somos obrigados a fazer tudo em regime de voluntariado, o que obriga a roubar horas ao convívio da família. Depois do trabalho, a Casa ocupa o nosso tempo”, diz, sem esconder alguma mágoa com a falta de recursos financeiros.

Em S. Paulo a realidade é bem diferente. A Casa de Macau está a desenvolver esforços para manter bem vivo o patuá e criou um Grupo Coral, que actuou na edição 2007 do Encontro dos Macaenses, interpretando inclusive algumas canções em mandarim. Foi também criada uma delegação da Confraria da Gastronomia Macaense.

Macau está diferente, mas continua a ser a minha terra

A maioria da comunidade macaenses naquela importante cidade brasileira vive sem grandes dificuldades e há mesmo alguns empresários bem sucedidos, como é o caso de Herculano Airoso, que patrocinou a deslocação de 75 membros ao VI Encontro das Comunidades Macaenses. A este propósito, Júlio Branco não tem dúvidas em afirmar que os macaenses podem “vender” a RAEM aos brasileiros. “Há um longo caminho a percorrer e os primeiros passos foram agora dados com a vinda a Macau de uma missão de empresários de S. Paulo. A prioridade devem ser as pequenas e médias empresas”, sublinha.

Ao olhar para a realidade actual da região administrativa especial, Júlio Branco reconhece que já não é a mesma Macau. “É diferente, mas continua a ser a minha terra. Sinto-me bem aqui e até gostava de passar seis meses aqui e o resto no Brasil. A transição suave foi fundamental para transmitir esta confiança”, remata poucas horas antes de regressar a S. Paulo depois de mais de um mês na *Cidade do Nome de Deus*. ■

G.L.

Quatro Casas, mas o mesmo traço de união

Não há nenhum país que tenha tantas Casas. São quatro, divididas em partes iguais por Toronto e Vancouver. Para além das diferenças geográficas, separam-nas também a composição dos membros ou um passado um pouco conturbado. Semelhantes são, porém, as celebrações ligadas aos costumes de Macau, chineses e macaenses, e os passeios pelo campo

Em 1967, deixava para trás o Oriente e emigrava para o Canadá. Quando chegou a Toronto, Sérgio Rui de Pina encontrou apenas umas cinco famílias macaenses. O número foi crescendo com o passar dos anos, o tempo acabou também por deslocar Sérgio Rui de Pina para Vancouver. E por lá continua. Hoje, é o presidente da Associação Cultural de Macau (Vancouver), a mais antiga Casa do Canadá. “Nasceu em 1990, mas já bem antes disso, nos anos 70 ou 80, havia a necessidade de criar uma associação. Faltava o apoio”, recorda Sérgio Pina. Com a entrada na década de 90 chegou o necessário apoio, acompanhado, porém, do desacordo. As discordâncias entre membros da Associação Cultural, na ocasião com 350 membros, ditou a cisão e a partida de vários associados.



Em Vancouver, nascia assim uma segunda Casa. A discórdia, no entanto, arrastou-se pela última meia dúzia de anos, tendo por base os fundos destinados à compra das sedes das Casas de Macau. O desfecho surgiu em Agosto de 2007, quando o dinheiro foi dividido entre as duas Casas de Vancouver. “Comprámos a sede logo em Setembro, mal recebemos o dinheiro. Agora podemos fazer mais festas e maiores actividades, já que dispomos de um espaço nosso, não precisamos de alugar”, refere com orgulho António Amante, presidente da Casa de Macau (Vancouver). Mas, mesmo quando a Casa não tinha uma casa, diferentes actividades iam preenchendo o ano e as vontades dos cerca de 200 membros. “Pelo menos de dois em dois meses temos festas e há o piquenique anual. Natal, Fim de Ano, Dia de São João e Dia de Portugal são datas sagradas”, enumera António Amante.

A alguns milhares de quilómetros, na margem do lago Ontário, estão sediadas as outras duas Casas do Canadá. Curiosamente, o Macau Club (Toronto) e Casa de Macau no Canadá (Toronto) partilham instalações. Apesar das origens das duas associações estarem ancoradas em Macau, a composição difere ligeiramente, uma vez que o Club é sobretudo composto por chineses de Macau. Dos 350 membros, apenas alguns são macaenses e portugueses que vivem em Toronto. “Nos anos 90 começou a chegar muita gente de Macau. Era preciso arranjar um sítio onde se falasse desta nova experiência da emigração, onde nos pudessemos ajudar uns aos outros”, explica Joseph A. Chen, vice-presidente do Macau Club Toronto. Em 1993, passaram das palavras ao acto, com a criação do Club. Desde então, os encontros da associação funcionam como uma espécie de terapia. “Gostamos de nos juntar, de conversar sobre Macau, dos tempos antigos do território e desta nova vida no Canadá, um sítio muito diferente, no estilo de vida ou no clima. Temos muito a aprender e partilhar”, refere Joseph Chen. Estas partilhas repetem-se pelo menos uma vez por mês e são acompanhados por *mahjong* e gastronomia de Macau.

Apesar dos chineses estarem em larga maioria no Club, à mesa há um empate: comida chinesa e comida macaense alternam-se todos os meses. E para que os sabores não saiam trocados, o Club também organiza aulas de culinária.

Como se estivéssemos em Macau

O calendário chinês comanda as actividades desta associação, por isso, a cada novo ano lunar, há festa rija. “Festejamos como se estivéssemos em Macau, com diferentes jogos, comida, caligrafia e pinturas chinesas”, conta o vice-presidente.

Ao longo do ano lunar, vão aparecendo igualmente as aulas de *tai chi* e as danças de salão, precisamente na mesma morada da Casa de Macau no Canadá (Toronto). As instalações não parecem estar subaproveitadas, dada a soma de eventos de ambas as Casas. “Na primeira quinta-feira de todos os meses, reunimo-nos das duas às nove e meia. Aparecem cerca de 50 pessoas, há jogos de cartas, *mahjong*, jantar e muita conversa”, lembra Mónica Alves, presidente da Casa de Macau de Toronto. Os antepassados macaenses dominam esta associação e os seus quase 400 membros. “A maioria tem origem macaense, nasceu em Macau ou Xangai. Depois há algumas excepções que foram trazidas para a ‘família’ e que gostam da nossa cultura”, sublinha Mónica Alves, nascida e criada em Hong Kong, mas filha e neta de macaenses.

A milhares de quilómetros de distância das origens, preservar a identidade não é um jogo de fortuna ou de azar. De facto, não é uma questão de sorte, exige empenhamento e um trabalho contínuo. “Cada vez que os nossos associados vão a Macau, vão logo à livraria abastecer-se de livros de comida portuguesa e/ou macaense”. Ainda segundo António Amante, da Casa de Macau (Vancouver), a teoria dos livros é depois colocada em prática nas festas, sobretudo pela “comissão de senhoras que fazem a comida e atraem muitos gulosos”. Outras ‘comissões’ da Casa de Vancouver são responsáveis pelas aulas de português

e pela ligação a associados que fisicamente estão distantes. “Temos membros que moram no Hawai, na Europa ou no Japão mas que têm ligações a Macau, a Portugal ou à China. Como não podem formar mais nenhuma Casa, juntam-se às já existentes”, explica António Amante.

A questão da língua

Quem também se junta, em regime de (verdadeiro) voluntariado, são os jovens do Macau Club Toronto. “Temos um grupo de jovens que gosta de vir ajudar sempre que há festa. Eles ajudam a servir a comida e no resto da logística e acabam por compreender melhor Macau”, garante Joseph Chen. Uma compreensão que por vezes é travada pela língua, como refere Sérgio Rui de Pina, da Associação Cultural de Macau (Vancouver). “É mais difícil cativar os nossos jovens porque não há uma língua homogénea, como acontece, por exemplo, nas Casas de Portugal ou do Brasil. Para nós é um problema, temos que falar inglês para chegar a todos”, lamenta. A questão linguística é, aliás, assunto recorrente durante as reuniões.

Na afirmação da identidade, o funcionamento das Casas e os Encontros das Comunidades são peças fundamentais. Mónica Alves confirma. “A nossa comunidade é muito boa. Está fortemente presente em todas as actividades que a nossa Casa organiza.” Mais difícil, por razões geográficas, será a participação massiva dos membros em todos os encontros das comunidades que se realizam em Macau, onde “eu ainda sinto aquela coisa, tenho aquele sentimento. É o lugar mas também são as pessoas”, afirma com um largo sorriso a presidente de uma das Casas baseadas em Toronto.

Apesar da distância que as separa, não seria de estranhar que no Outono, as quatro Casas do Canadá se cruzassem algures no país. Quase todas elas organizam anualmente uma excursão pelo campo para apreciar a mudança das cores da natureza. O piquenique anual é o que também não falha nos respectivos programas das festas. ■

M.P.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —



Europa

José Carlos Matias (texto) e António Mil-Homens (fotos)

Porta para o conhecimento

mútuo

Mais de doze anos depois da sua criação, o presidente do Instituto de Estudos Europeus considera que a instituição tem contribuído de forma relevante para o conhecimento mútuo entre as duas partes. “É importante que haja uma comunidade de conhecimento que possa reforçar a confiança e melhorar a comunicação entre a China e a Europa”, sublinha Sales Marques

Tudo começou no dia 23 de Outubro de 1995. A criação do Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) tinha como objectivo promover a internacionalização do território, através do fortalecimento dos laços com a União Europeia (UE).

O IEEM, que tem como parceiros o Governo de Macau, a Universidade de Macau, a Fundação Macau, o Instituto Politécnico de Macau, o Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) e a Autoridade Monetária de Macau, procura divulgar o modelo europeu de integração, tendo como objectivo debater as perspectivas de evolução de Macau e da China.



“O papel do Instituto de Estudos Europeus é valorizado e acarinhado por vários agentes e instituições”; reconhece Sales Marques

Os cursos

O IEEM coloca em prática estes princípios através de cursos, seminários, conferências e acções de formação. O principal programa oferecido é o Mestrado em Estudos Europeus (MEE), um curso que congrega académicos reputados de vários países europeus como Portugal, Espanha, Bélgica, França, Holanda e professores da China, Macau e Hong Kong. Numa abordagem multidisciplinar, o MEE “oferece um programa de estudos único nesta região do mundo”, garante Sales Marques, atraindo sobretudo alunos de Macau e de universidades da China continental.

Numa perspectiva mais localizada, em colaboração com o Instituto de Formação Turística, o IEEM também promove anualmente um Diploma Avançado em Estudos Culturais e Turismo. Ao longo do ano académico são promovidos cursos de curta duração em áreas como os direitos de propriedade intelectual, direito comercial internacional, investimento directo externo e seminários

sobre arquitectura e património cultural.

A Rede de Centros de Estudos Europeus da Ásia

Além dos objectivos ligados à divulgação dos assuntos europeus e à formação de recursos humanos, o IEEM também tem contribuído para o fortalecimento dos laços com outras instituições académicas da Europa e da região Ásia-Pacífico. Em 2005, foi criada a Rede de Centros de Estudos Europeus da Ásia (NESCA, na sigla inglesa), um projecto financiado pela Comissão Europeia que junta nove instituições asiáticas e quatro europeias. O IEEM coordena as actividades desta iniciativa que junta institutos e centros de estudos da Universidade de Giessen, na Alemanha, do Instituto de Estudos Europeus da Universidade Livre de Bruxelas, da Fundação Nacional das Ciências Políticas de Paris, da Universidade de Warwick no Reino Unido, da Universidade de Fudan (Xangai), Universidade de Seul, Universidade Chulalongkorn (Banguecoque) e da Universidade Canterbury Christchurch da Nova Zelândia.

Sales Marques salienta a importância da NESCA, “um projecto multi-continental que constituiu um caso excepcional, uma vez que a Comissão Europeia financiou uma iniciativa com várias instituições externas à UE, num quadro comunitário de apoio em que não havia participantes de fora da Europa”. A concretização da NESCA foi possível, em grande medida, “devido à rede de contactos que o IEEM foi cultivando ao longo dos anos”. Daí que Sales Marques tenha a certeza que “o papel do IEEM é valorizado e acarinhado por vários agentes e instituições”.

No futuro, os planos passam pelo reforço das várias actividades em curso e pela criação de uma Associação de Estudos Europeus local que possa aderir à “European Community Studies Association-World”, entidade que é presidida por Manuel Lopes Porto, professor de Direito na Universidade de Coimbra, que também lecciona no mestrado do IEEM. ■

Europeu, asiático, urbano

A vida de José Sales Marques, 52 anos, tem sido marcada pelo cruzamento das culturas oriental e europeia. Desde logo, por ser macaense, descendente de portugueses e asiáticos, nascido numa terra que desde o século XVI tem sido precisamente fruto desse intercâmbio de culturas. O seu currículo profissional é reflexo dessa multiculturalidade. Licenciado em Economia pela Universidade do Porto, iniciou o seu percurso na administração pública de Macau em 1983 nos Serviços de Turismo, onde em 1989 se tornou sub-director. Quatro anos depois, Sales Marques assumiu, a convite do então Governador de Macau, Rocha Vieira, a presidência do Leal Senado (antiga designação oficial do município de Macau), lugar que ocupou até 2001, então já sob a designação de Câmara Municipal de Macau Provisória..

O interesse pelos assuntos europeus vem desde os tempos de estudante, mas “o desejo de aprender mais sobre a UE surgiu com os contactos com Maria do Céu Esteves, antiga presidente do IEEM”. Quando ainda desempenhava o cargo de presidente da cidade de Macau, iniciou o curso de Mestrado em Estudos Europeus, que viria a finalizar com uma tese sobre as relações entre a China e a UE desde os anos setenta do século passado. De momento, está a fazer um doutoramento noutra área. “A minha grande paixão sempre foi a cidade e o urbanismo”, explica. Por isso, decidiu estudar as relações entre as representações do poder e o espaço urbano de Macau, numa abordagem histórica. ■



**“A minha grande
paixão sempre
foi a cidade e o
urbanismo”**

Cooperação alargada

Tendo sido o palco dos primeiros contactos entre europeus e chineses, Macau continua a ter um papel importante no relacionamento entre a Europa e a Ásia Oriental. Ao longo dos anos, a RAEM e a União Europeia têm vindo a alargar o âmbito dos projectos de cooperação

Desde o século XVI que Macau apareceu aos olhos do mundo como o local de intercepção entre as culturas europeias e asiáticas. Foi o local das primeiras transacções entre europeus e chineses e funcionou durante séculos como porta de entrada no mercado da China e da Ásia Oriental. Hoje, em circunstâncias diferentes, o território continua a ter um papel relevante no relacionamento do Velho Continente com esta zona do mundo.

As relações entre a Comissão Europeia e Macau têm por base o Acordo de Cooperação e Comércio assinado em Dezembro de 1992, seis anos depois da entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia (CEE) e dezoito anos após o início formal das relações entre Bruxelas e Pequim. O acordo estabelece os princípios para a cooperação no comércio, indústria, ciência e tecnologia. Desde então, realizam-se reuniões anuais de Comité Conjunto com representantes das duas partes para analisar o andamento dos projectos de cooperação e delinear novos caminhos para o desenvolvimento das relações entre o bloco europeu e Macau. Ao nível institucional, os interesses de Macau são promovidos através da Delegação Económica e Comercial de Macau em Bruxelas, chefiada por Raimundo do Rosário.

Projectos de cooperação estruturantes

Depois da transferência de administração do território de Portugal para a China, o acordo permaneceu em vigor, sendo que a

cooperação entre as duas partes foi reforçada. Desde logo, em Novembro de 1999, um mês antes da transição, a Comissão Europeia manifestou total confiança no modelo político e económico da RAEM, tendo por base o Princípio “Um País, Dois Sistemas”. Daí em diante a Comissão tem publicado relatórios anuais em que é feita a análise do desenvolvimento económico, social e político da Região. A cooperação bilateral foi sendo alargada ao longo dos anos. Em 2001, o Conselho Europeu decidiu isentar os cidadãos com passaporte da RAEM de adquirir visto para entrar na União Europeia. Com a assinatura em 2002 do Acordo entre a Comunidade Europeia e a Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China relativo à readmissão de pessoas que residem sem autorização e com o início do Projecto de Cooperação no Campo Jurídico, o relacionamento ganhou outra dimensão. Ao longo de quatro anos, especialistas europeus e de Macau realizaram seminários e sessões de formação a juizes, procuradores, juristas e técnicos jurídicos da RAEM. Em 2007, especialista de UE, Macau, China e Hong Kong debateram os novos fenómenos migratórios e a criminalidade transfronteiriça e realizaram acções de formação aos quadros locais no âmbito da acção de cooperação em assistência técnica MIGRA-Macau/Comissão Europeia.

O lugar da sociedade civil

Além das áreas que têm sido alvo de projectos de cooperação, a União Europeia pretende alargar o campo de interacção com a

RAEM em vectores como as ligações entre a sociedade civil, especialmente ao nível académico, ambiente e segurança alimentar. No que diz respeito ao ensino superior, os estudantes universitários de Macau têm acesso ao programa de intercâmbio Erasmus Mundus, mas Bruxelas considera que a participação de alunos da RAEM ainda é reduzida, pelo que, durante a última reunião da Décima Terceira Comissão Mista UE-Macau, em Dezembro de 2007, foi feito um apelo para que mais estudantes do território adiram a este programa. Ainda no campo da cooperação académica, a Universidade de Macau recebeu da Comissão Europeia o apoio para ser ministrada pelo professor Paulo Canelas de Castro uma Cátedra Jean Monnet, no âmbito do Mestrado em Direito Europeu, Internacional e Comparado.

A pedra no sapato

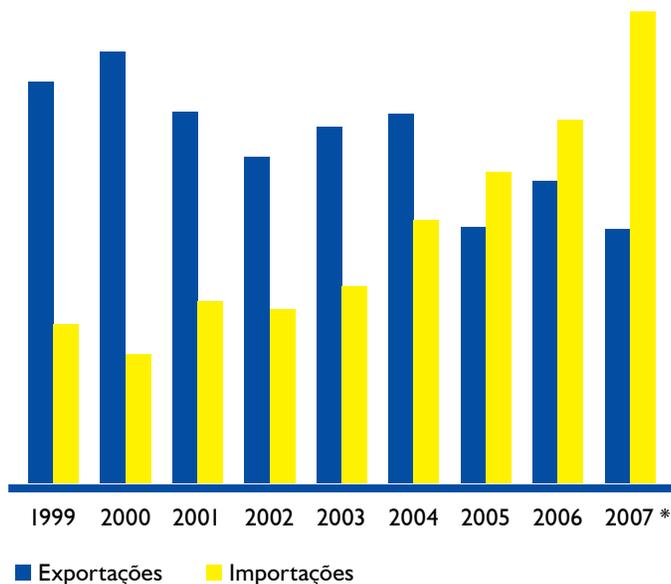
No relacionamento entre as duas partes, uma das poucas áreas que tem suscitado

polémica diz respeito às exportações de calçado de Macau para o bloco europeu. Está em curso um processo de investigação ao aumento exponencial das vendas de calçado da RAEM para a Europa, depois de ter sido apresentado um pedido para averiguação das exportações de sapatos de Macau por parte de vários empresários europeus do sector. Suspeita-se que empresários chineses estejam a aproveitar Macau para contornar medidas “anti-dumping”. Entretanto, a RAEM deixou de auferir, no início deste ano, dos benefícios do Sistema Geral de Preferências (SGP) da UE, devido ao rápido crescimento da economia local e à alteração das regras de manutenção no grupo de mais de 170 países e territórios em desenvolvimento que auferiam de tarifas aduaneiras baixas ou acesso livre para escoar os seus produtos para o espaço europeu. ■

J. C. M.

Comércio Macau União Europeia

(Valores em milhões de patacas)



* Período entre Janeiro e Novembro de 2007

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos da RAEM

Áreas-chave para o reforço da Cooperação (2007-2013)

- Comércio e questões aduaneiras
- Sector financeiro
- Ligações entre a sociedade civil
- Transportes
- Ambiente
- Saúde
- Segurança alimentar

Fonte: “A União Europeia, Macau e Hong Kong: Possibilidades para Cooperação 2007-2013”, Comunicação da Comissão Europeia ao Conselho Europeu – 26-10-2006

Aprofundar a cooperação

Thomas Roe é claro quanto às prioridades da União Europeia para a cooperação com Macau. No futuro, Bruxelas pretende continuar a desenvolver projectos na área jurídica e criar novos mecanismos de diálogo e intercâmbio em áreas como o ambiente, energias alternativas, ligações entre instituições académicas e forças da sociedade civil



Na liderança da Delegação da Comissão Europeia para Hong Kong e Macau desde 2004, Thomas Roe esteve envolvido entre 2000 e 2002 no processo *Asia Europe Meeting* (ASEM), fórum bi-regional que junta os países da União Europeia (UE) e as nações da Ásia Oriental.

Qual é a importância que a Comissão Europeia atribui às relações com a Região Administrativa Especial de Macau?

É uma relação especial. É um elemento importante no diálogo com esta parte do mundo, particularmente devido ao património cultural, resultante da presença portuguesa. Estamos muito satisfeitos com o processo de transferência de administração em 1999 e com o respeito pelo princípio “Um País, Dois Sistemas”. Estamos agradados com o respeito pelos direitos, liberdades e garantias. Para as relações externas da UE, Macau tem características especiais como a língua portuguesa e o estado de Direito. Apesar das dimensões reduzidas do território, o comércio com o espaço europeu é significativo, nomeadamente ao nível dos têxteis e calçado.

Temos também excelentes relações ao nível das políticas de imigração, cooperação em assuntos jurídicos e formação de recursos humanos. É uma relação muito útil.

Como é que observa as mudanças que têm ocorrido na RAEM ao longo dos últimos anos?

Macau está a ter um sucesso extraordinário em termos económicos, devido ao processo de liberalização de vários sectores que tem levado a um crescimento económico e a mudanças sociais significativas. É claro que, num cenário deste tipo, de crescimento muito acelerado, há sempre ganhadores e perdedores. E surgem tensões. Neste tipo de situação para qualquer Governo, em qualquer lugar do mundo, é sempre um desafio reagir a estas mudanças tão rápidas, especialmente num território tão pequeno. A gestão deste processo ao nível do mercado laboral é um desafio enorme. Por isso estamos muito satisfeitos por estar a colaborar com Macau em assuntos ligados à formação profissional ou assuntos jurídicos. É uma forma de darmos o nosso modesto contributo.

Foto: Carmo Correia



O programa Erasmus Mundus e o programa Jean Monnet estão disponíveis para Macau. Gostaríamos de encorajar mais actividades deste tipo. Estamos a procurar financiamento para projectos com países e territórios industrializados, como é caso de Macau

Foto: Carmo Correia

Desde que foi assinado em 1992 o Acordo de Comércio e Cooperação entre Macau e a UE, tem havido vários projectos de cooperação. Quais são os resultados visíveis desta dinâmica?

Em primeiro lugar, os resultados de qualquer tipo de cooperação são sempre mútuos, compreensivos e reflectem-se no médio

e longo prazo. Em territórios como Macau, que não tem problemas económicos sérios, os ganhos são mútuos. A cooperação visa manter a presença europeia, particularmente a portuguesa. Interessa-nos aprofundar os níveis de cooperação ao nível do reforço das competências governativas, ao nível da tradução e interpreta-

ção, assuntos legais e questões aduaneiras. **Macau já não pode beneficiar do Sistema Generalizado de Preferências.**

Quais são as consequências disso?

Gostaria de sublinhar que a presença de Macau no grupo de países que auferem do Sistema Generalizado de Preferências (SGP) no comércio com a UE foi estendida. Isso aconteceu porque, embora o PIB *per capita* de Macau já excedesse os limites fixados, as regras determinam que um país ou território que esteja demasiado dependente de apenas um sector industrial pode continuar a beneficiar dessa prerrogativa. Isso demonstrou uma abordagem construtiva e flexível da nossa parte. Entretanto, as regras de acesso ao SGP mudaram e o PIB *per capita* de Macau ultrapassa o que é registado em vários países europeus. Por isso já não fazia sentido dar incentivos comerciais a uma região deste género. Estendemos o SGP a Macau porque considerámos que havia um problema de requalificação de mão-de-obra que trabalhava no sector têxtil da RAEM. Mas também é necessário que sejam respeitadas as regras do país de origem dos produtos, como é o caso do calçado.

Em que ponto está a investigação à exportação de sapatos de Macau para UE e o que está em causa?

A Comissão Europeia está a levar a cabo uma investigação, seguindo os passos definidos pela Organização Mundial de Comércio. Mais tarde vamos divulgar um relatório. Não posso adiantar mais nada.

Impressionados com os esforços na esfera administrativa

Um dos aspectos mais importantes na cooperação diz respeito aos assuntos legais. Qual é extensão e a importância desses projectos?

Há um interesse em compatibilizar os sistemas jurídicos de Macau, com base portuguesa, e o da China continental, uma vez que ambos têm por base o Direito dos grandes códigos ao contrário de Hong Kong, onde prevalece o sistema de "Common Law". Por outro lado, uma vez

que a maior parte do Direito de Macau foi escrito e negociado em português, é importante proceder à tradução. Este tem sido um dos aspectos essenciais da cooperação legal. Isto permite que venham a Macau académicos e especialistas de várias partes do mundo para que o Direito de Macau esteja de acordo com as mais recentes práticas internacionais. Recentemente, concedemos a Macau a Cátedra Jean Monnet, um programa coordenado pelo professor Paulo Canelas de Castro da Universidade de Macau. Também estamos impressionados com os esforços do Governo de Macau na esfera administrativa.

Quanto aos próximos passos, quais as prioridades para a cooperação para o período entre 2007 e 2013?

Entre os vários sectores que delineámos como prioridade, destacamos os direitos de propriedade intelectual. Tivemos um seminário muito interessante em 2007 e pensamos que será possível realizar este tipo de eventos anualmente. Em outros aspectos, como o comércio de têxteis ou calçado não temos negociações directas. Aplicamos as regras da Organização Mundial de Comércio neste campo.

A segurança alimentar tem sido um assunto cada vez mais controverso no que diz respeito às relações com a China. Qual é a abordagem deste assunto na cooperação com a RAEM?

Temos dialogado com a China continental, Macau e Hong Kong sobre a segurança alimentar. Peritos europeus têm vindo à RAEM para discussões com as autoridades locais. Pretendemos realizar seminários sobre este assunto. Tudo isto tem a ver com questões técnicas.

A UE também coloca as questões ambientais no topo da agenda nesta relação...

A UE é líder mundial neste aspecto, quer em termos regulatórios, quer no que diz respeito ao cumprimento dos limites à emissão de gases poluentes. Temos levado a cabo seminários e acções de diálogo com entidades da China, Macau e Hong Kong para dar a conhecer todo o nosso esquema regulatório ambiental. Queremos encorajar as autoridades chinesas e das regiões admi-

nistrativas especiais a adoptar essas regras, nomeadamente no Sul da China, zona que é afectada por problemas de poluição atmosférica. Estamos muito agradados por Edmund Ho considerar a protecção do ambiente uma prioridade. A UE tem uma experiência que pode ser útil. Tivemos êxito quando foi necessário resolver problemas ligados à poluição dos rios, às chuvas ácidas e a má qualidade do ar. Esses assuntos só podem ser resolvidos através de acordos entre estados da mesma região. Chegámos a soluções de compromisso que podem ser interessantes para outras partes do mundo.

O documento que serve de base para a cooperação com as regiões administrativas especiais também refere a importância das relações entre a sociedade civil (people-to-people links) e o reforço dos laços entre instituições académicas. Como é que isto pode ser colocado em prática?

O programa Erasmus Mundus e o programa Jean Monnet estão disponíveis para Macau. Gostaríamos de encorajar mais actividades deste tipo. Estamos a procurar financiamento para projectos com países e territórios industrializados, como é caso de Macau.

Queremos aprofundar a cooperação, uma vez que os resultados, em nosso entender, ainda são relativamente modestos. Temos também a intenção de reforçar as actividades em torno do Centro de Informação Europeia da Universidade de Macau e do Instituto de Estudos Europeus.

Marcas europeias muito activas

Como é que analisa o volume e tipo de investimento de países europeus em Macau?

Em termos de comércio e contratos, as marcas europeias têm estado muito activas em Macau, mais do que ao nível do Investimento Directo Externo. A Europa não é líder mundial na indústria do jogo, por isso neste campo é natural que os países europeus não estejam envolvidos nos investimentos no jogo em Macau. Já no sector da construção e comércio a retalho as oportunidades são imensas.

No ano passado foi anunciada a criação de

um Centro da UE em Macau. Como está esse processo?

Em primeiro lugar temos de ter um orçamento para esse Centro em Macau, o que está a ser preparado em Bruxelas. Em segundo lugar, decidimos implementar o Centro de uma forma mais modesta. Acabámos por entender que o mais adequado é que não seja designado Centro da UE nem que seja constituída como uma instituição separada. Vamos oferecer o fundo para cofinanciar o projecto com instituições locais já existentes. Preferimos que seja gerido completamente por entidades de Macau. Gostaríamos que tudo estivesse pronto este ano. As áreas de actividade são as mesmas que foram definidas como prioridades para a cooperação, mas consideramos que as instituições locais devem ter um papel determinante neste processo.

Que actividades poderão ser desenvolvidas?

Desde assuntos jurídicos, a direitos de propriedade intelectual passando por aspectos comerciais. De qualquer modo, preferimos que os agentes locais sejam ser o motor das actividades deste projecto. Certo é que não terá a ver com questões de política interna, uma vez que não pretendemos de alguma maneira interferir nos assuntos domésticos de Macau. Tudo será feito dentro dos limites do respeito pela Lei Básica da RAEM e pelo princípio “Um País, Dois Sistemas”.

Macau é cada vez mais um centro de turismo internacional. Esta é uma área fulcral para a cooperação?

A nossa função não é promover o turismo europeu, mas sim dar a conhecer técnicas de preservação do património. Por exemplo, um dos estudantes do programa Erasmus Mundus de Macau está em Portugal a estudar técnicas de conservação e restauro. O que promovemos são os aspectos regulatórios e técnicos. De qualquer modo, estamos atento à importância de preservar e reforçar os elementos europeus, particularmente portugueses, da cultura de Macau. Quanto a esta dimensão estamos muito agradados por observar que muitas pessoas de Macau sentem que a presença portuguesa é um aspecto essencial da sua cultura. ■

SMEC

中小企服務中心

SME Service Centre

助您

把握商機 超越挑戰

Seizing Business Opportunities Success in the Challenges

服務內容

Services Include

“一站式”澳門經貿諮詢
One-stop Service for Macao Economic and Trade Consultation
(包括：投資環境、商機及商業配對) Includes information on investment environment,
Business Opportunities and Business Matching

內地商貿諮詢
Mainland China Business Advisory Service

中小企輔助計劃諮詢
Consultation on SMEs Scheme
(包括：貸款及信用擔保計劃) Includes Credit Guarantee Schemes

全方位經貿會展諮詢
Assisting in the participation of economic and trade fairs
(包括：本地及國際經貿展覽會) Includes information on Local and Global Fairs and Exhibitions

支援在澳舉辦之會展活動
Assisting in Fair and Exhibition Events held in Macao

貿促局組織之經貿會展活動報名申請
Application for convention and exhibition activities organised by IPIM

參與展覽活動財務鼓勵申請
Application for financial incentives provided to SMEs allowing
them to participate in exhibition activities

中小企業業務推廣服務優惠計劃申請
Application for the special package
provided to local SMEs for business promotion

舉辦工作坊及商務活動交流會
Organise workshop, business and information exchange activities



澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

www.ipim.gov.mo

澳門宋玉生廣場263號「中土大廈」19-20樓
Alameda Dr. Carlos d'Assumpção No 263,
Edif. China Civil Plaza, 19-20^o andar, Macau

電話Tel: (853)28728212 · 傳真Fax: (853)28727123

電郵Email: mbsc@ipim.gov.mo

Jogo vai render

Macau consolidou-se em 2007 como a capital mundial do jogo. Nos próximos meses, os casinos da região administrativa especial vão continuar a bater recordes, nomeadamente em receitas que em 2008 devem ultrapassar os 100 mil milhões de patacas

100 mil milhões

A indústria do jogo deve ultrapassar em 2008 a mítica barreira dos 100 mil milhões de patacas em receitas brutas. A estimativa foi adiantada à revista **MACAU** por fontes do sector, que admitem que os casinos da RAEM vão ter um crescimento na ordem dos 20 por cento. O primeiro mês do ano confirma, de resto, as previsões. Os 27 casinos em funcionamento (o casino flutuante, Macau Palace, está a ser reformulado) facturaram 10,3 mil milhões de patacas, o que passou a constituir novo registo.

Em Dezembro último, a *MGM Grand Paradise* inaugurou o seu casino-hotel e em Fevereiro deste ano foi a vez de Stanley Ho abrir a *Ponte 16*. Estes dois novos complexos vão, certamente, contribuir para uma subida das receitas do jogo, que encerraram o último ano com um crescimento de 46,6 por cento. Nos últimos quatro anos, a indústria passou de uma receita global de 41 mil e 378 milhões de patacas (2004) para 83 mil e 22 milhões (2007). O mesmo

se passou com o número de casinos. Em 2003, Macau tinha 13 salas de jogo em funcionamento, que empregavam 9100 trabalhadores. Em Dezembro último, 42 mil pessoas operavam nos 28 casinos da região administrativa especial. Em 2003, os casinos de Macau tinha 424 e 814 mesas e *slot machines*, respectivamente, números que em 2007 aumentaram para 4,375 e 13,267.

Casino “Lisboa” em primeiro lugar

A *Sociedade de Jogos de Macau (SJM)* encerrou o último ano com uma quota de mercado de 40 por cento, mas em Dezembro perdeu pela primeira vez a liderança, já que a *Venetian Macau* facturou mais 23 milhões de patacas que os casinos de Stanley Ho. Em Janeiro, a SJM regressou à liderança, encerrando o mês com mais mil milhões de patacas que os norte-americanos. Nos primeiros oito meses, a *Galaxy Casino* conseguiu uma quota de mercado de 20 por cento, mas a partir de Setembro perdeu o segundo lugar para a *Venetian Macau*. Tudo por causa da abertura do *Venetian*, que é o maior casino do Mundo (tem 823 mesas e 3507 *slot machines*).

A *Wynn Resorts (Macau)* teve uma quota de mercado muito semelhante ao longo do ano, enquanto que a *Melco/ PBL Jogos (Macau)*, que explora o *Crown*, só no segundo semestre conquistou uma quota superior a cinco por cento. A jóia da coroa da *Sociedade de Jogos de Macau*, o carismático “Lisboa”, continua a liderar o *ranking* dos casinos. Apesar da abertura de novos espaços de jogo, o Lisboa mantém a liderança, não sucedendo o mesmo com os restantes casinos. O *Wynn* é agora o segundo que mais factura, depois de em 2006 terminar em sexto lugar. O *Sands* ocupa a terceira posição, depois de ter sido segundo no ano anterior. Em acelerada queda está o *Legend*, que passou de terceiro para oitavo. O *Venetian*, que abriu em finais de Agosto de 2007, já é quinto, enquanto que o *Grand Lisboa*, inaugurado em Fevereiro do mesmo ano, terminou o ano em sexto lugar (ver quadro).



Em Fevereiro, os casinos de Macau movimentaram num único dia mais de 600 milhões de patacas

(Mop milhões)

2007 Receitas Brutas								Receitas Brutas/mesa	
Mês	SJM	Venetian	Galaxy	Wynn	Melco PBL	MGM	Total	VIP	Não VIP
Janeiro	2,820	1,237	1,263	805	52		6,178	4,139	1,806
	46%	20%	20%	13%	1%	0%	100%		
Fevereiro	2,712	953	1,219	967	54		5,905	3,849	1,821
	46%	16%	21%	16%	1%	0%	100%		
Março	2,826	1,124	1,299	1,020	55		6,324	4,020	2,017
	45%	18%	21%	16%	1%	0%	100%		
Abril	2,542	1,152	1,392	1,194	50		6,330	4,189	1,886
	40%	18%	22%	19%	1%	0%	100%		
Mai	3,327	1,187	1,462	1,327	175		7,477	5,250	1,931
	44%	16%	20%	18%	2%	0%	100%		
Junho	2,440	1,158	1,142	811	209		5,760	3,772	1,716
	42%	20%	20%	14%	4%	0%	100%		
Julho	2,808	1,143	1,186	1,022	370		6,529	4,386	1,879
	43%	18%	18%	16%	6%	0%	100%		
Agosto	2,289	1,083	1,513	1,227	555		6,667	4,473	1,901
	34%	16%	23%	18%	8%	0%	100%		
Setembro	2,853	1,886	1,004	1,080	323		7,145	4,818	2,008
	40%	26%	14%	15%	5%	0%	100%		
Outubro	3,425	2,245	1,452	1,342	760		9,224	6,554	2,309
	37%	24%	16%	15%	8%	0%	100%		
Novembro	2,678	2,100	1,071	1,077	432		7,359	4,952	2,023
	36%	29%	15%	15%	6%	0%	100%		
Dezembro	2,391	2,415	1,153	1,251	760	154	8,124	5,403	2,325
	29%	30%	14%	15%	9%	2%	100%		
Total	33,111	17,683	15,156	13,123	3,795	154	83,022	55,805	23,621
	40%	21%	18%	16%	5%	0%	100%		

Segmento VIP com maior peso

A análise de 2007 permite ainda concluir que o segmento VIP reforçou a sua posição no câmpo geral. O bacará VIP representou 67,17 por cento das receitas dos jogos de fortuna ou azar (contra 64,96 por cento no ano anterior) e 66,50 por cento do total da indústria do jogo (63,94 por cento em 2006).

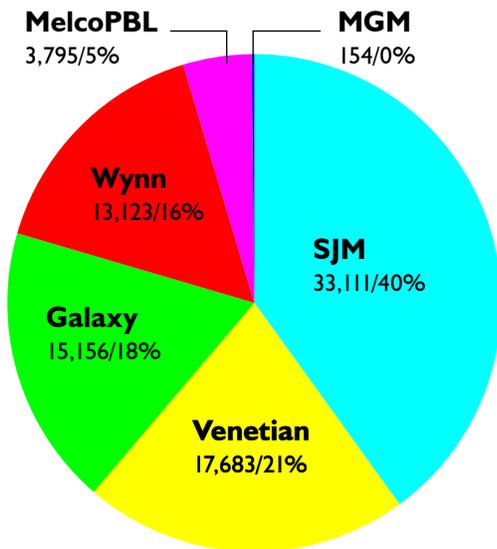
As corridas de cavalos, apostas no futebol, corridas de galgos, apostas no basquetebol, lotarias chinesas e instântâneas registaram um movimento relativamente reduzido, em comparação com os casinos, que foram responsáveis por 99,01 por cento do movimento no sector do jogo.

Ao contrário do que sucedia antes de abertura da indústria do jogo, as *slot machines* estão a ganhar peso. Em 2007 registaram um aumento de 102 por cento.

**O Venetian com 823 mesas
e 3507 slot machines é o
maior casino do mundo**

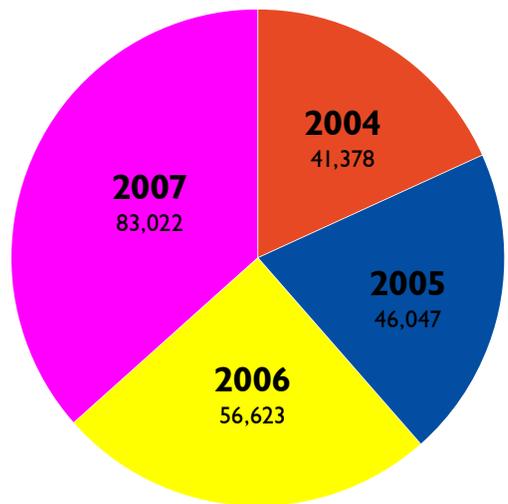
Receitas das Operadoras 2007

(Milhões Patacas)



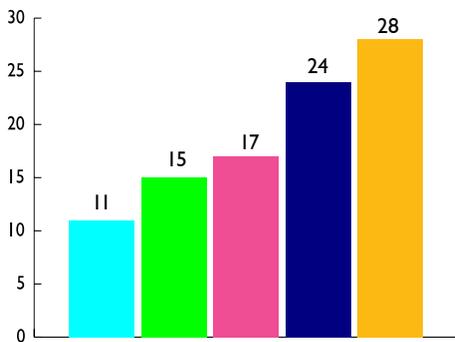
Receitas do Jogo 2004-2007

(Milhões Patacas)

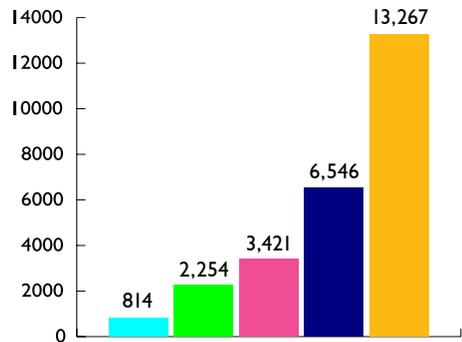


Número de Casinos, Mesas, Slots e Empregados

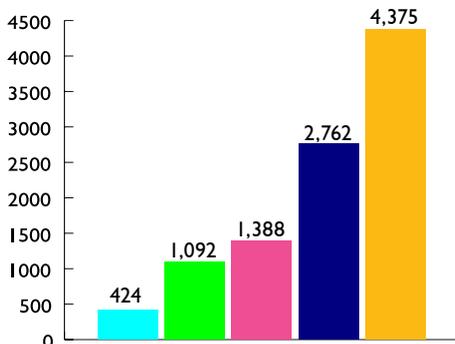
Casinos



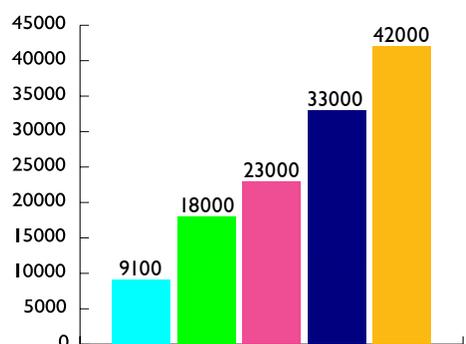
Slots



Mesas



Empregados



■ 2003 ■ 2004 ■ 2005 ■ 2006 ■ 2007

200 promotores de jogo

O número de promotores de jogo está igualmente a aumentar. Na região administrativa especial estão registadas 123 sociedades comerciais que se dedicam exclusivamente à promoção de jogos de fortuna ou azar ou outros jogos de casino. Há também 63 promotores de jogo a título individual. De acordo com a Inspeção e Coordenação de Jogos na promoção do jogo trabalham cerca de quatro mil pessoas.

Entretanto, o Governo de Macau está a preparar o desenvolvimento da indústria do jogo em Macau. Vários diplomas estão a ser elaborados pela comissão do jogo. O Secretário para a Economia e Finanças garantiu em Fevereiro que “estamos a fazer a análise de uma série de medidas e políticas relativas à ordem, acesso e apostas em estabelecimentos de jogo, de modo a aperfeiçoar a regulamentação. Os respectivos diplomas estão a entrar na fase final de elaboração”.

A lei do aumento da idade mínima de entrada nos casinos dos 18 para os 21 anos deverá estar concluída até ao final do ano. Os Serviços de Educação e Juventude, por seu turno, vão editar e distribuir pelas escolas vários materiais educativos para tentar prevenir que os jovens sejam afectados pelo vício do jogo.

Um inquérito conjunto da Associação de Pesquisa Sobre a Juventude de Macau e da Associação Geral de Estudantes Chong Wa de Macau revela que 70 por cento dos jovens de Macau admitem vir a trabalhar para operadores da indústria do jogo e 40 por cento estão dispostos a trabalhar directamente em casinos.

Casino “Lisboa” com nova cara

A *Sociedade de Jogos de Macau* vai convidar vários arquitectos de renome internacional a apresentar propostas de reformulação do Hotel Lisboa. Trinta anos depois da sua inauguração, o mais conhecido

casino de Macau vai sofrer importantes obras de remodelação. Stanley Ho já garantiu que o edifício não será totalmente demolido, já que as partes icónicas do edifício serão mantidas.

“Ponte 16” no Porto Interior

O mais recente projecto de Stanley Ho, a Ponte 16, abriu as suas portas no início de Fevereiro. O complexo, localizado na zona histórica do Porto Interior, tem uma área total de 120 mil metros quadrados, 150 mesas de jogo e 320 *slot machines*. Para já só 300 *slot* e 105 mesas estão a funcionar. O hotel, explorado pela cadeia *Sofitel*, disponibiliza apenas 120 quartos, já que os restantes 270 só vão estar operacionais no final de Junho. A zona comercial deverá abrir no próximo ano.

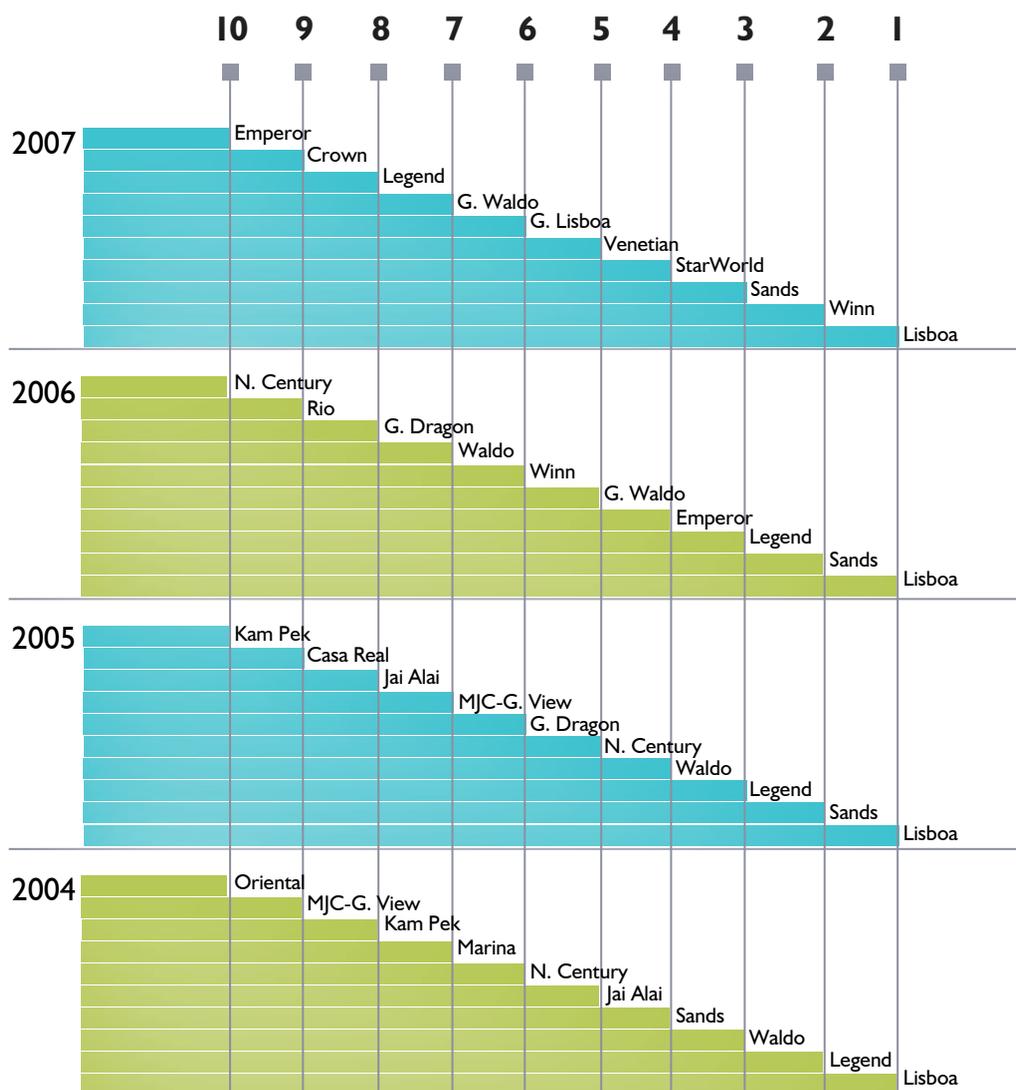
O complexo Ponte 16 representou um investimento de 3,1 mil milhões de patacas. A *Sociedade de Jogos de Macau* e a *Macau Success*, detentora de 49 por cento do projecto, esperam que os Governos de Macau e Zhuhai construam no futuro um túnel subaquático entre a ilha da Lapa (Zhuhai-Wanzai) e o Porto Interior, o que permitirá atrair mais turistas oriundos do interior do país.

Uma praça portuguesa

A *MGM Grand Macau*, o último operador a entrar em acção em Macau, abriu o casino-hotel em Dezembro. Localizado na marginal junto ao rio, perto do *Wynn* e do *Star World*, do Grupo *Galaxy*, tem 35 andares, espaços comerciais, zonas de convenções e exposições e restaurantes. Emprega 6000 pessoas e inclui um hotel de 600 quartos, suites e apartamentos. A *MGM Grand Macau*, uma parceria entre a *MGM Mirage* e Pansy Ho, filha de Stanley Ho, custou cerca de 8700 milhões de patacas. Tem 385 mesas, 890 *slot machines* e 16 salas para jogadores VIP.

A principal atracção é uma praça inspirada na arquitectura portuguesa com a réplica de vários edifícios, como a estação do Rossio ou a Casa dos Bicos. ■

Top Ten Casinos 2004/2007



Comércio cresce 32,1 por cento

O comércio entre a China e os países lusófonos cresceu 32,1 por cento entre Janeiro e Novembro de 2007, fixando-se nos 41,5 mil milhões de dólares.

O principal parceiro lusófono da China é o Brasil, com as trocas comerciais a subir 45,7 por cento para um total de 27 mil milhões de dólares, seguido de Angola, com 11,1 mil milhões de dólares, um aumento de 9,7 por cento. Portugal é o terceiro parceiro da China no contexto da lusofonia com trocas comerciais de 2,12 mil milhões de dólares.

O comércio bilateral mantém uma tendência de forte crescimento iniciada em Outubro de 2003 com a criação do Fórum para Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.



Competição nas exportações de petróleo

Angola perdeu importância relativa no mercado petrolífero da China em 2007, relativamente aos outros grandes fornecedores do país, a Arábia Saudita e o Irão. Mesmo assim as vendas angolanas cresceram 6,5 por cento em relação ao ano anterior, contra um crescimento de 10,3 por cento das vendas sauditas.

Em 2007, a Arábia Saudita vendeu à China 26,33 milhões de toneladas de petróleo em rama, o equivalente a 528 mil barris por dia (bpd), e as exportações angolanas atingiram 25 milhões de toneladas, ou 501,4 mil bpd.

Segundo o relatório de Janeiro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), Angola foi em Novembro o maior fornecedor petrolífero da China, vendendo 21 por cento do total do mês, mas tal valor foi insuficiente para superar a Arábia Saudita no total do ano.



Investigação agrária em Moçambique

A China vai apoiar a construção em Moçambique de dois centros de investigação agrária, um investimento de 700 milhões de dólares.

O Centro de Pesquisa e Transferência de Tecnologias Agrícolas de Umbelúzi e o Parque Tecnológico de Moamba têm como objectivo contribuir para o desenvolvimento do sector agrário e, consequentemente, para a redução da pobreza que afecta a maior parte da população moçambicana.

As obras da Estação Agrária de Umbelúzi devem arrancar ainda no segundo semestre deste ano, já a primeira fase do Parque Tecnológico da Moamba deverá estar concluído até 2010. Nesta etapa deverão estar concluídos o parque e as instalações tecnológicas, áreas residenciais, comerciais e industriais. Estas três últimas podem ser exploradas por privados.





Banco chinês compra banco sul-africano

A entidade reguladora bancária chinesa aprovou a compra de 20 por cento do banco sul-africano Standard Bank, líder de mercado em Moçambique, por parte do Banco Comercial e Industrial da China (BCIC).

Na maior aquisição feita por uma empresa chinesa do sector financeiro, o BCIC recebeu luz verde para prosseguir com a oferta de 5,46 mil milhões de dólares por um quinto das acções do grupo Standard Bank, tornando-se no maior accionista do banco mais importante de toda a África.

O BCIC comprou também em Agosto de 2007 o banco Seng Heng, de Macau, para, segundo o presidente do banco chinês, reforçar as operações na Europa e na África de língua portuguesa, graças às relações do Seng Heng com Portugal e com os países de língua portuguesa.



Bolsa angolana arranca em Março

A Bolsa de Valores e Derivados de Angola (BVDA) poderá estar em condições de operar já no primeiro trimestre de 2008, referiu o director executivo da sociedade gestora do futuro mercado de valores. Sebastião Manuel adiantou que “se não existirem mais atrasos até finais de Março estaremos a funcionar”.

A Bolsa de Valores e Derivados de Angola é uma entidade participada por accionistas públicos e privados.

Com um capital social de 15 milhões de dólares, as empresas Sonangol, Endiama, Ensa e Porto de Luanda são as destacadas num conjunto de entidades com capitais públicos que controlam 50,5 por cento do capital social da BVDA. O restante é detido por privados.



Académico chinês no Banco Mundial

Justin Lin foi nomeado economista-chefe do Banco Mundial. É a primeira vez que o cargo é ocupado por um candidato que não é europeu nem norte-americano.

Em comunicado, o presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, destaca que Justin Lin, como “especialista em desenvolvimento económico, particularmente em agricultura, agrega um conjunto sem par de habilidades e experiência para o Grupo do Banco Mundial”.

Justin Lin, 55 anos, natural de Taiwan, é vice-presidente da Federação Chinesa da Indústria e do Comércio e vice-presidente do Comité de Assuntos Económicos.



O equilíbrio da vida

Numa das velhas zonas da cidade de Macau, onde ainda estão abertas lojas de pequenos comerciantes, em espaços estreitos e compridos, como se as fachadas pagassem impostos pela largura, há uma pequena farmácia chinesa, cheia de velhos móveis de madeira recheados de pequenas gavetas quadradas com puxadores de metal polidos de muito uso

O que nós teríamos em casa como móvel de decoração, o senhor Chan, farmacêutico, na casa dos sessenta, ainda vê um instrumento de trabalho.

Algumas das gavetas não têm etiquetas. Não é necessário, já que Chan há mais de 20 anos que as abre e fecha com gestos habituais. Já sabe de cor onde está o quê.

Para além dos armários, logo à entrada da farmácia está um balcão de vidro, quase opaco devido ao pó, recheado de ervas, plantas, produtos não identificáveis, orgânicos e secos, e pacotes de cartão com instruções escritas em chinês.

Chan trabalha sozinho. É médico e farmacêutico e o que mais impressiona na sua loja é a passagem do tempo. Tudo é antigo, velho mas bonito. Um museu onde tudo pode ser tocado.

Os ingredientes nas pequenas gavetas parecem igualmente bem tocados pelo tempo. Queremos pensar que a idade potencia o seu valor curativo.

Nas paredes estão alguns mapas do corpo humano peçados de linhas, assim como amostras de chifres de veado.

Na medicina tradicional chinesa usam-se praticamente todas as partes dos animais. Nada se desperdiça, tudo tem um lugar na lógica da cura.

No entanto, não se pode entrar numa farmácia destas e pedir um medicamento para curar a gripe. Não é assim que funciona este ramo da medicina alternativa que está a conquistar adeptos em todo o mundo, e cada vez mais.

Na medicina tradicional chinesa “o corpo humano está no centro do diagnóstico, ao invés da doença. O objectivo não é combater a patologia, se disso se trata, mas de devolver o organismo ao seu equilíbrio inicial, na forma do yin e do yang, utilizando técnicas de análise e de combate fruto de analogias com a natureza”, disse à Revista MACAU Cheong Weng Heng, um médico especialista, formado em Xangai e que teve como mentor profissional um dos 100 reconhecidos mestres em medicina tradicional chinesa na China.

Com 28 anos, Cheong é também o vice-



Cheong pertence à “novíssima” geração de médicos que estudam igualmente áreas da medicina ocidental como complemento da educação académica

presidente da Associação de Farmácia de Medicina Chinesa de Macau, um organismo que enquadra os profissionais médicos, os farmacêuticos e todos os que estão ligados à indústria da medicina tradicional chinesa em Macau.

Cheong pertence à “novíssima” geração de médicos que estudam igualmente áreas da medicina ocidental como complemento da educação académica. “Elas hoje completam-se”, garante. “Há mesmo médicos de medicina tradicional chinesa que, sem dominarem algumas técnicas chinesas para o diagnóstico, recorrem à

medicina ocidental”, acrescenta.

Era vulgar, há centenas de anos, os médicos chineses utilizarem a intuição e uma espécie de sexto sentido para identificar a maleita do corpo.

Uma “técnica” que fez parte dos primórdios da medicina da China, afirma Cheong, “muito baseada na analogia presente na filosofia e reflectida na ideia de integração entre os céus e os seres humanos”.

A título de exemplo, explica, “antes de existirem os médicos chineses enquanto grupo social claramente definido, existiam os homens religiosos que também



A consulta começa pelos pulsos



Farmácia de medicina tradicional chinesa

eram os médicos. Muitas vezes eles aconselhavam os imperadores nas doenças e nas orações, por vezes sem qualquer lógica ou resultado”.

Mas hoje em dia, garante-nos Cheong, existe um enfoque científico à medicina tradicional chinesa que lhe faltava.

“Muitos dos seus produtos estão a ser testados para serem transformados em medicamentos pela comunidade médica ocidental, como a artemísia, uma planta do mesmo grupo do estragão e do absinto, alegadamente com excelentes propriedades para combater infeções”.

Os próprios profissionais tentam criar o equivalente a “remédios”, afirma Cheong, para que as pessoas possam levar para casa. “Procuramos técnicas que nos permitam economizar horas de cozedura dos chás e caldos medicinais, conservando o produto ao longo de vários dias”, concluiu.

As técnicas da medicina tradicional chinesa estão a ser aplicadas em paralelo com as técnicas ocidentais; muitos hospitais no mundo inteiro já têm áreas de medicina tradicional como complemento aos tratamentos que oferecem para deter-

minados problemas.

No entanto, quando se entra num consultório médico chinês, ou farmácia, dão-se os pulsos para serem apalpados em três pontos invisíveis em cada um deles, mostra-se a língua e respondem-se a algumas questões. Pelo ar do doente, pulsação e língua pode-se saber “quase tudo” sobre a pessoa.

Cheong garante-nos que os mais louváveis dos mestres chineses em medicina tradicional, nos tempos idos, “porque hoje já ninguém é capaz de fazer isso”, eram capazes de, apenas com o olhar, decifrar o que ia no corpo dos seus pacientes.

“Esses eram os mestres da velha escola, de há várias gerações. Eles tinham de ser sábios e médicos, estudavam e eram a nata da classe. Hoje não há um único com uma técnica tão apurada e certa”. O jovem médico acredita no que leu nos livros sobre esses homens sábios.

Por outro lado, Chan, o senhor da farmácia que parece um museu, que estudou as técnicas da medicina tradicional chinesa na China seguindo velhos mestres, também é adepto da medicina ocidental “Não tenho absolutamente nada contra, também recorro aos medicamentos de vez em quando, no entanto, tento sempre resolver os meus problemas com o material que aqui tenho”.

No entanto, em relação aos ocidentais que hoje em dia estudam a medicina tradicional chinesa e abrem centros na Europa e nos Estados Unidos, Chan mostra desconfiança. “Não é só uma questão de aprender a usar os ingredientes ou a cozer os chás. Há que saber estudar os clássicos, conhecer a cultura, saber estudar. Se não se fala e lê chinês, como é isso possível? É sempre um processo de conhecimento que fica a meio”.

Cheong, o jovem médico, não gosta de falar em divisões, apenas em formas diferentes de abordar a mesma questão. “A medicina tradicional chinesa usa a razão e a medicina ocidental segue o sintoma”. No entanto, afirma que na medicina tradicional chinesa raramente há efeitos secundários relacionados com o tratamen-

to, enquanto na medicina ocidental esses casos são comuns.

Ainda hoje em dia, acrescenta, “os médicos de medicina tradicional chinesa são mais baratos do que os da medicina ocidental, porquê não sei, mas sempre foi assim, desde sempre. Talvez por isso os chineses ainda hoje preferem os seus médicos, são mais baratos e estão mais familiarizados com os remédios e formas de diagnósticos”.

Nenhuma doença é impossível de tratar

O principal objectivo da medicina tradicional chinesa, recorda Cheong, é o restauro do equilíbrio natural e das funções do corpo humano, onde todas as coisas têm de ter um “acordo” no mundo natural. “O organismo humano é calcado da natureza”.

Acredita-se que existe um espaço “extra” corpo humano que é preenchido ou invadido por “factores patogénicos”. A forma de os remover é tomar medidas que preenchem esse espaço expulsando os factores negativos. De acordo com Cheong, nenhuma doença na “é impossível de tratar, nunca apareceu nenhum relato de algum mal sem tratamento, no entanto, também não se pode dizer que a cura definitiva existe”.

E acrescenta: “o resultado é melhor por causa dos efeitos secundários praticamente inexistentes, embora o processo de tratamento possa levar mais tempo do que na medicina ocidental”.

Chan, o farmacêutico septuagenário, ri-se quando lhe falamos do tal espaço “extra” que os agentes patogénicos ocupam no nosso corpo. “Para o bicho entrar há que existir um espaço onde ele se instala”.

Os pulsos, os pontos fulcrais, a acupuntura e a moxibustão são a base desta sabedoria milenar que tem no qi (lê-se chi e representa a energia vital) a fonte do bem estar e da vida fluida, e no yin e yang o equilíbrio necessário.

O jovem médico explica-nos que as doenças podem ser frias ou quentes. Na con-

cepção humana da medicina tradicional chinesa, o corpo tem canais e meridianos energéticos que conduzem o qi, sem a qual existe apenas a morte, e a forma correcta de estimular o organismo conduz ao reajustamento dos fluidos sanguíneos e, acima de tudo, da circulação sem entraves do qi, que utiliza esses meridianos como canais de transporte.

Isto leva-nos à farmácia de Chan, onde alguns dos mapas que estão colados às paredes falam precisamente dessa energia vital - qi - e dos caminhos que ela percorre no corpo.

Cheong também tem dois modelos de um corpo humano percorridos longitudinalmente por pontos e sinais, identificados com caracteres chineses e com números e letras, “para os médicos que não sabem ler chinês, mas praticam a acupunctura”. Perguntámos a Chan o que pensa do qi. “Sem o qi não há nada. Tudo anda à volta do qi. As doenças devem-se à não correcta circulação do qi”. É como o sangue? “Mais importante do que o sangue”, disse Chan.

Interrupções na sua circulação do qi originam doenças físicas, mentais e mesmo distúrbios emocionais, adverte Cheong, que nos definiu o qi como o “fazedor de sangue”, ao afirmar que o sangue tem muitos qi e o qi é o “bom ar”.

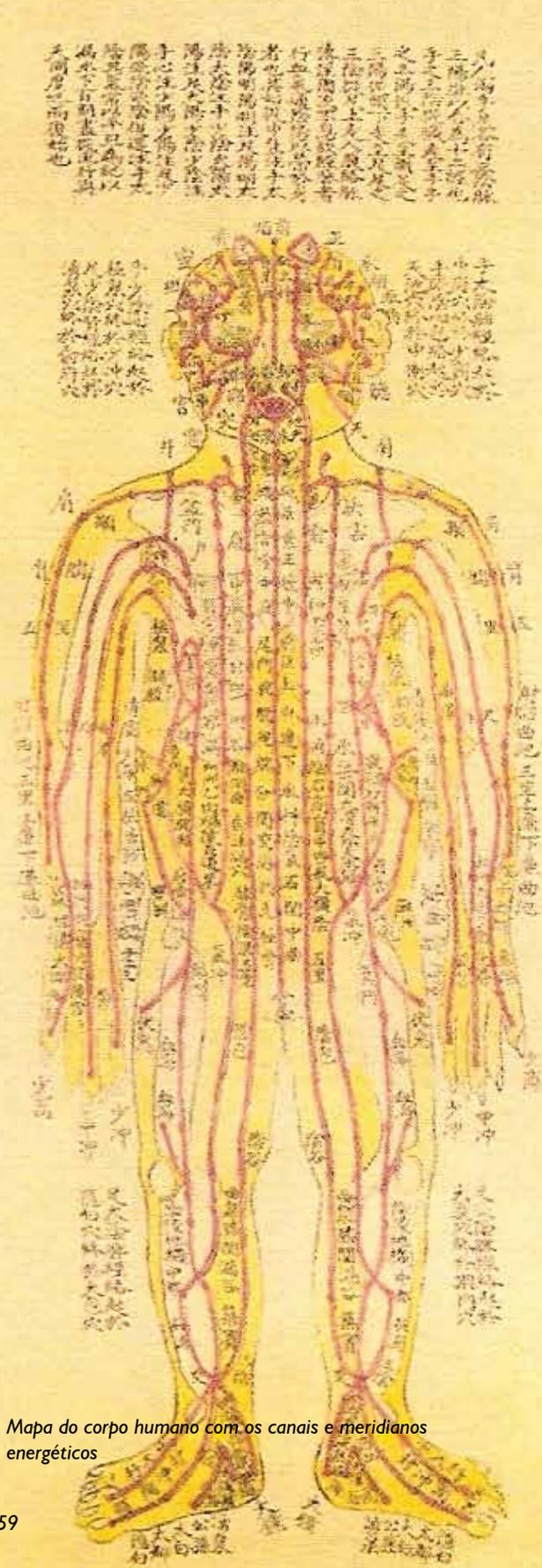
Diagnósticos e tratamentos

O tratamento é sempre feito tendo em conta que cada doente é único, assim como cada doença.

Cheong ainda não passou duas receitas iguais e encara esse facto com um certo fascínio. “Dois doentes vêm cá com dores de garganta e saem com receitas diferentes”.

Como se parte do princípio que o desequilíbrio de um doente não é idêntico ao de outro, simplesmente por não existirem dois seres humanos iguais, as maleitas, por muito que apresentem os mesmo sintomas, terão origens ou tratamentos diferentes.

“É esta a diferença. Não receitamos com-



Mapa do corpo humano com os canais e meridianos energéticos

primidos para as dores de cabeça, receita-mos uma mistura de vários produtos que devem ser cozinhados, regra geral, e que reagem para reequilibrar o corpo”, concluiu Cheong.

Para o professor Xiang Ping, responsável pela Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, “este ramo da medicina dedica-se a uma visão macro do organismo e dá muita importância ao uso de produtos naturais”. O académico acrescenta que “a medicina chinesa é boa para lidar com questões da saúde do dia-a-dia, restaurar estados anteriores, para o tratamento de viroses, doenças do foro geriátrico, ginecológico ou intestinais, enquanto a medicina ocidental é muito boa no tratamento do aparelho (corpo humano), no tratamento em casos de emergência e nas operações cirúrgicas”.

As doenças

Os síndromas da doença são classificados em termos de deficiência, excesso, frio ou quente.

Há receitas que são usadas para várias doenças, por estas terem origens idênticas, embora manifestações diferentes.

É muito comum ouvir-se dizer que se tem “ar quente” no corpo, parte das doenças “quentes”. Cheong explica-nos de onde vem essa ideia. “A dor de garganta é sempre uma manifestação de ar quente. Tem a ver com o estômago. Imagine que o estômago é uma garrafa onde todos os dias colocamos comida. Essa comida é transformada, uma parte dos seus ingredientes é canalizada para os pulmões. Suponha que há um problema e a comida estraga-se na garrafa. É o mesmo que ter ar “estragado” a





entrar nos pulmões. Esse ar estragado é o “ar quente”.

O médico concluiu, “é tão simples quanto isso. A comida estraga-se, cheira mal, pode dar azo ao mal hálito, o ar quente, como sobe, sobe para os pulmões e para o esófago”.

Quanto às doenças frias, estão relacionadas com o tempo frio. Exemplo: “O sangue é quente, para quem tem pouco sangue, ou problemas de circulação, em tempo frio, o suor, que arrefece rapidamente à superfície da pele, torna as extremidades do corpo frias”. Isso é uma doença fria.

Estes problemas de saúde podem ser facilmente “curados” com chás medicinais. “Normalmente cozem-se os ingredientes durante uma hora e depois bebe-se logo a seguir”, acrescenta Cheong.

O professor Xiang Ping disse-nos que, por exemplo, o vírus da hepatite é facilmente controlado pela medicina tradicional chinesa, enquanto a medicina ocidental considera-o um “problema” de difícil solução. “A hepatite é tratada de forma satisfatória com os métodos tradicionais chineses, tal como as doenças sanitárias e as intestinais”. Daí que o académico defenda que deve existir uma cooperação bilateral entre as duas medicinas, “facto promovido pelo Governo chinês”, para que ambas aprendam uma com a outra. “Há que usar as forças de cada uma e ignorar os pontos fracos”. Há mais de dez mil plantas estudadas e identificadas para uso na medicina tradicional. Segundo Cheong, cada região da China utiliza o seu leque próprio de plantas, “cada médico não deve utilizar mais de 300, que são mais que suficientes para responder às necessidades. Cada região impõe constituições físicas diferentes, assim como climas diferentes, que implicam o uso de ervas e plantas autóctones adaptadas”. A medicina tradicional, diz-nos, é também muito boa no



Preparação de uma receita médica composta por ervas e plantas medicinais

tratamento de desequilíbrios do foro psicológico, como as fobias. E dá exemplos: “Em duas semanas fomos capazes de tratar e eliminar as fobias de um indivíduo”. Neste caso, Cheong refere-se à fobia da condução. Um paciente submeteu-se a um tratamento com chás de ervas e plantas durante duas semanas e acabou por voltar a conduzir um carro. “A depressão é outra área onde a MTC actua com eficácia”, acrescenta o jovem médico, especializado neste tipo de doenças. “Com as técnicas da medicina ocidental uma depressão normalmente é “atacada” durante três meses, mas por vezes o tratamento pode levar anos. Não encaramos a possibilidade de doenças que exijam um tratamento para o resto da vida, tentamos combatê-la restaurando o equilíbrio do doente”. O jovem médico fez questão de recordar que a depressão foi identificada pelos métodos de medicina tradicional chinesa há pelo menos dois mil anos. “Chás e acupuncturas, é com isso que tratamos uma depressão”. O velho farmacêutico, Chan, conhece de memória umas trezentas plantas, ervas e outros produtos orgânicos, mas não usa mais de 100. “Alguns sintomas são constantes, as pessoas cada vez mais acusam os mesmos sintomas. Hoje em dia muita gente prefere ir directamente ao hospital, em vez de estar a tomar chás e comer ervas”. Porquê? “Porque é muito mais rápido, por vezes mais barato. Só quando os médicos dos hospitais não conseguem curar, então as pessoas vêm cá à procura de resultados”. Mas nem todos são tão negativos como Chan. Em Macau o recurso à medicina tradicional chinesa tem um lugar muito especial junto das comunidades chinesa e macaense. Cheong não vê o fim da prática, antes pelo contrário - o início do “boom”: “Muitos estrangeiros procuram-me, especialmente devido a problemas com as costas e com a coluna e recorrem ao uso da acupunctura e da moxibustão. Cada vez há mais estrangeiros”.

Chá de ervas amargo

Os chás de ervas escuros, quase pretos, muito amargos, com um cheiro fortíssimo e muito quentes, servidos em chávenas de loiça ou copos de esferovite brancos e tampa de plástico opaca “são tomados com muita frequência no dia-a-dia para tirar o calor do corpo, evitar borbulhas ou mesmo limpar as tripas”, afirmou uma jovem macaense, funcionária pública, que encontramos numa farmácia chinesa da avenida Horta e Costa.

Esta via está localizada numa das zonas mais densamente frequentadas de Macau, com uma forte presença da comunidade chinesa e onde ainda funcionam muitas lojas do comércio tradicional. A farmácia é uma delas.

Sendo um ponto nevrálgico da cidade, a farmácia que visitámos está sempre cheia - de transeuntes que se lembram de uma maleita quando passam pela sua porta ou de clientes tradicionais e “certeiros” que uma vez ou duas por semana lá vão para se estimularem com dois dedos de conversa.

Colocados no fundo da sala estão pequenos bancos com tampo de madeira e estrutura de ferro, desses desdobráveis e redondos muito comuns em Macau, para servir os que aproveitam um intervalo para beber um chá desses amargos, depois do almoço ou antes de ir para casa.

Quisemos saber junto do dono da farmácia quais os produtos adequados para determinadas doenças ou maleitas. Ele riu-se, “é tão complicado que nem sei por onde começar”, e acrescentou, “não se meta nisso, é muito maçador”.

Receitas na medicina tradicional chinesa

A medicina tradicional chinesa considera que o beribéri, uma doença que provoca flacidez nos dentes devido à falta de vitamina B1, é provocada por excesso de água e humidade no corpo e que es-

ses factores vêm da Terra.

Por conseguinte, a miocardite, ou seja a inflamação do miocárdio por falta de vitamina B1, é uma “invasão de beribéri” no coração.

Conclusão: os doentes com beribéri não devem comer arroz e apenas tomar alimentos feitos com outros farináceos que não de arroz, porque os arrozais crescem na água e o beribéri é causado por uma invasão de água e humidade no corpo. A mesma receita pode ser aplicada para quem sofreu uma inflamação do miocárdio.

Curiosamente, na medicina ocidental, arroz refinado tem falta de vitamina B1, enquanto a farinha é rica nessa vitamina. Para Cheong, “são formas diferentes de se chegar à mesma conclusão”.

Quando se passam receitas na medicina tradicional chinesa, a regra mais importante é a que coloca uma ordem às plantas demais ingredientes, classificando-os por “monarcas, ministros, assistentes e guias”.

Uma planta ou erva monarca é o elemento chave da receita, que exerce o efeito “curativo”, enquanto o “ministro” serve para promover a função do “monarca”.

Cheong segue a regra à risca, porque “houve um caso de um médico japonês que por negligência matou um doente por ter receitado um tratamento com doses e ordens de hierarquia de plantas medicinais incorrectas”.

Os “assistentes” são plantas ou ervas que fortalecem os efeitos da receita e restringem os efeitos tóxicos dos ingredientes, enquanto os “guias” indicam a direcção aos restantes ingredientes.

Regressámos à farmácia chinesa da avenida Horta e Costa, onde os enormes jarros de vidro transparente que preenchem todas as prateleiras até ao tecto estão cheios de matéria médica seca, com formas, cores e cheiros variados – são ervas e plantas para todos os preços.

Desde dezenas de patacas por onça (sensivelmente 28 gramas) a centenas, até milhares de patacas. (oito patacas são um dólar norte-americano).

Reparámos num frasco contendo o que parecia ser uma espécie de alga redonda, amarela, do tamanho de uma mão adulta “cheia”, muito parecida com uma esponja para ser usada durante o banho.

“Quanto mais feias, melhores. Esta é uma alga bonita”, afirmou o dono da farmácia. Quer isso dizer que é das mais baratas. “A alga serve para retirar o “ar quente” que entra no corpo, acrescenta o proprietário”.

Pode ser cozida num caldo, ser consumida muito doce, numa espécie de calda, e para além do “ar quente”, a alga também serve para limpar o organismo humano.

Cólicas

Para quem tem cólicas e não sabe o que fazer, a farmácia da Hora e Costa sugere as pequenas flores com pétalas brancas e pólen amarelo. Bebe-se depois de preparada numa infusão, é boa para limpar o “calor” do corpo e eliminar furúnculos ou infecções, para além de contribuir para o alívio dos intestinos.

Problemas de rins, pulmões, impotência ou tosse

Neste caso um caldo de roedor seco com carne de porco parece ser a solução. Trata-se de um animal muito comum na China, que vive em árvores. O Kâp Kwâi, na transcrição fonética para o cantonense, vende-se inteiro, e é muito caro. Na região é mais conhecido pelas suas propriedades a favor da virilidade.

Problemas com a espinha dorsal e desempenho sexual

Neste caso a sugestão vai para o rabo de veado. Tal como o Kâp Kwâi, o rabo de veado por ser consumido num caldo preparado com carnes brancas ou magras.

Rejuvenescer a pele, problemas da menopausa

Sugere-se a ingestão de ninho de andorinhas, que na realidade são baba de andorinha. Extremamente caro, o produto pode ser transformado num caldo ou cozido em calda de açúcar e tomado como



Cordyceps, um dos ingredientes mais caros à venda na farmácia chinesa, excelente para proteger os rins e os pulmões

uma sobremesa. Regra geral, diz o dono da farmácia da Horta e Costa, “é bom para as mulheres manterem a sua juventude”. Existe um outro produto muito mais barato no mercado, muito consumido também na China. O chá verde, com propriedades anti-oxidantes, que promovem a regeneração da pele e evitam o envelhecimento das células.

Cancro

Cheong falou-nos de um caso que chamou a atenção da comunidade médica local, relacionado com um doente diagnosticado com cancro no fígado. De acordo com o jovem médico, o paciente foi dado como “perdido” quando lhe chegou “às mãos”.

O fígado do doente estava inchado e naturalmente disfuncional. Foi-lhe receitado um emplastro composto por ervas e um fungo muito caro, “Lêng Chi”, conhecido pelas suas propriedades anti-cancerígenas, para ser colocado sobre a pele, na área junto ao órgão afectado.

“Parece inacreditável, mas o doente submeteu-se ao tratamento, todos os dias, e ao fim de várias semanas confirmámos que o fígado voltou ao tamanho que nos parece natural. Para já está recuperado, não houve reincidências”.

Esse fungo assemelha-se a um enorme cogumelo preto, que se vende seco e em lascas ou inteiro.

Cavalos marinhos e Cordyceps

Cheong também aconselha cavalos marinhos para quem quer aumentar a sua virilidade. Estes podem ser cozinhados só com carne, num caldo.

O ingrediente mais caro vendido pelo consultório de Cheong é um fungo: Cordyceps: “É excelente para proteger os rins e os pulmões. Os rins têm tudo o que é bom para o corpo humano, são órgãos muito importantes, sem eles o homem morre”, acrescenta. Cada grama custa mais de mil patacas.

Existe um outro produto muito popular para os males de estômago, umas raízes de árvore laminadas e brancas. “Juntam-se a uma canja, por exemplo”, diz Cheong, ou “cozem-se juntamente com outros ingredientes nos chás medicinais”, acrescenta.

No fim da “consulta” com Cheong, perguntámos o que faz quando se sente mal. “Normalmente consigo perceber o que se passa com o meu corpo”, afirmou. “Mas, se tenho dúvidas, e porque não posso sentir o meu pulso de forma correcta, procuro um colega”.

Um médico ocidental ou da medicina tradicional chinesa? “Depende”. Então e a medicina tradicional chinesa? “Tomar medicamentos não é mau, depende apenas do mal!”. ■



Cauda de veado

As técnicas da medicina tradicional chinesa estão a ser aplicadas em paralelo com as técnicas ocidentais; muitos hospitais no mundo inteiro já têm áreas de medicina tradicional como complemento aos tratamentos que oferecem



Cavalos marinhos: crê-se que potenciam a virilidade

Associações de elementos e factores ligados à energia Yin

Terra
 Escuridão
 Matéria
 Material
 Descanso
 Fluidez
 Feminino
 Lua
 Noite
 Frio
 Humidade
 Descanso
 Inferior

Associações de elementos e factores ligados à energia Yan

Luz
 Superior
 Crescimento
 Energia
 Actividade
 Não-matéria
 Lua cheia
 Masculino
 Dia
 Calor
 Seco
 Céu
 Subir

Os cinco elementos e os órgãos humanos

Madeira: Para além do fígado, a Madeira está também relacionada com a vesícula biliar. É o elemento que se relaciona de forma directa com os olhos e a visão e serve de fonte de energia aos músculos, tendões e articulações. O fígado é o órgão que controla as acções do corpo, na medicina tradicional chinesa, e controla o seu metabolismo. É vulgar o fígado manifestar “fúria” quando os seus planos não são respeitados pelo sistema humano. Enquanto o fígado planeia, a vesícula biliar toma decisões. O fígado, que necessita “ver” (os olhos) para planear, se fica doente, obscurece o espírito e provoca uma deficiência na visão e induz a vesícula a tomar decisões “não perfeitas”, porque os dois estão intimamente ligados. Quando isso acontece, imediatamente a capacidade de julgamento de uma pessoa diminui. Em casos extremos a demência apodera-se do ser humano.

E em caso de desequilíbrio do elemento Madeira, os sintomas são: olhos vermelhos, icterícia, hepatite, visão turva, desencanto e descrença, irritação, cansaço, suor com mau cheiro, menstruações doloridas e secreções pútridas, dores de cabeça, aversão à cor verde, pouca concentração e unhas fracas.

Fogo: Este elemento está relacionado com o coração, com o intestino delgado e com a língua. Sendo o coração o órgão máximo “controlador”

do sistema, tem a obrigação de colocar a ordem dentro do corpo sempre que há caos. O fígado alimenta o coração e a vesícula biliar que se encarregam de levar essa energia para o resto do sistema humano. Qualquer doença com o coração está ligada ao mal funcionamento do fígado, porque é este que dá a energia para que o coração funcione. Com uma falha do coração, a desordem apodera-se do corpo, as toxinas invadem o organismo, a mente estagna. O corpo, envenenado, dá lugar a infecções, doenças graves e torna-se fraco. O fígado e a vesícula deixam de funcionar correctamente, assim como o intestino delgado, que tem como função separar o puro do impuro e alimentar o coração. Os sintomas relacionados com desequilíbrios do elemento Fogo são: gaguejar, dificuldade em falar e transmitir ideias, ter pouca paciência para sair com os amigos, frios e calores súbitos, confusão nos pensamentos, má digestão, hemorróidas, frieza nas relações humanas e ter as extremidades do corpo sempre frias.

Terra: os órgãos e partes intimamente ligados ao elemento Terra são os que estão no centro do corpo: estômago, pâncreas, baço e umbigo e os que estão ligados ao acto de comer: boca e lábios. O estômago recebe os alimentos e o baço transporta a energia derivada desses alimentos para o resto do sistema, mas antes mistura-a com o qi. Se o estômago não funciona de forma correcta, o baço não fornece a energia



Relação entre os cinco elementos e os órgãos, as estações e as emoções

Elemento	Emoção	Órgão	Estação
Madeira	Fúria	Fígado	Primavera
Fogo	Alegria	Coração	Verão
Terra	Preocupação	Baço	Fim do Verão
Metal	Penas	Pulmão	Outono
Água	Medo	Rim	Inverno

correcta, daí o coração não assimila a matéria que necessita. Os sintomas relacionados com desequilíbrios do elemento Terra são: ciclos desregulados, incluindo a menstruação, as horas em que se come, idas à casa de banho a desoras, excesso ou falta de peso, rosto ligeiramente pálido ou amarelado, problemas de estômago, baço ou pâncreas, mal estar, antipatia, caprichos.

Metal: Os órgãos relacionados de forma directa com este elemento são o intestino grosso e o pulmão. Ambos assimilam o que é importante para o corpo e expelem o que não é. Os pulmões são o elemento que controla o qi e purifica a regeneração do sangue e da mente. Ao funcionar mal, afecta as faculdades mentais. O intestino grosso é visto como aquele que drena os detritos, tal como expele o que não é necessário em termos de matéria, também expele o que mentalmente o corpo não necessita. Se funciona em más condições, os venenos e toxinas são reabsorvidos pelo corpo, as capacidades cognitivas são afectadas. Todos os demais

órgãos dependem do bom funcionamento do intestino grosso para manterem as suas funções em equilíbrio.

Tudo o que é importante, de acordo com a mentalidade chinesa, é Metal – sem os pulmões o coração não pode reinar e o fígado não planeia. Os sintomas relacionados com desequilíbrios do elemento Metal são: problemas intestinais – prisão de ventre, diarreia; indisposição, falta de vitalidade, problemas emocionais, depressão, asma, bronquite, gripe, tosse, problemas na garganta, catarro.

Água: Rins e bexiga são os órgãos que imediatamente se associam ao elemento Água.

Os rins são conhecidos como o armazém da energia vital para o corpo humano, são o sistema que controla a água. Como na medicina tradicional o rim é o criado da medula óssea e o cérebro é o “mar onde a medula óssea está localizada”, um problema nos rins implica disfunção do cérebro, que se ocupa da coordenação dos sentidos humanos como a visão, olfacto e audição. O rim separa a energia pura

da restante, é visto como a casa do Yin e Yang, sendo o que governa a vontade de o ser humano para viver ou morrer.

A bexiga ajuda os rins no seu trabalho, ao armazenar o excesso de água e controlar a sua expulsão do corpo.

Os sintomas relacionados com o elemento Água em desequilíbrio são: suores em excesso, frio, problemas em urinar, indiferença, má digestão, pressão arterial alta ou baixa, queda de cabelo, cansaço, dores no abdómen, ansiedade, sufoco e medo.

Estados Yin e Yang e seus sintomas

Yin: frio, má disposição, sonolência, dores interiores, mas também insónia, que demonstra uma deficiência de Yin. Grosso modo o Yin refere-se a todas as partes do corpo a serem protegidas.

Yang: Calor, insónia, dores “exteriores”, febre, inquietude e mudanças entre boa disposição e indisposição. Grosso modo o Yang refere-se a todas as partes do corpo que protegem. ■

Relação das doenças com os elementos

O “ar quente” pode ser provocado pela ingestão de fritos, de carne vermelha, vinho ou picante, entre vários produtos de natureza semelhante. A fruta, os vegetais, e a carne branca não têm ar quente.

No caso das doenças frias, grosso modo, elas estão relacionadas com factores “exógenos” como o vento, o frio, o calor do Verão, o tempo seco, o fogo ou a humidade.

As doenças internas, como as provocadas pelo “ar quente” estão relacionadas com uma dieta incorrecta, exaustão física, excesso de sexo ou mudanças emocionais fortes.

Existem também doenças não internas e não externas. Essas são provocadas por picadas de insectos e mordeduras de animais.

Identificação das doenças frias

São cinco as principais doenças frias identificadas: golpe de vento – zhong feng; ataque de frio – shang han; humidade e calor – shi wen; doença febril – re bing; e doença quente – weng bing. De acordo com o Livro de Medicina Tradicional Chinesa escrito por Yuqun, neste tipo de doenças frias existem três estados relacionados com três desequilíbrios do yin e yang: tai yang; yang ming; shao yang; tai yin; shao yin e jue yin.

No tai yang, por exemplo, os sintomas são a febre, aversão ao frio e dores de cabeça. Se não houver suor, essa doença pode ser tratada através da herba ephedrae decotion, a erva é uma espécie de cânhamo amarelo, com sabor picante, ligeiramente amarga e “quente”.

É bom produto para lidar com a asma, é diurético, abre os poros e promove a transpiração.

A decoção (decoction) consiste em extrair os princípios activos da planta ou erva através da sua cozedura, no caso da medicina tradicional chinesa, em água em ebulição.

Um doente que esteja fraco e sofra de sintomas do tai yang, por exemplo, pode acrescentar à receita de ervas e plantas que terá de consumir

radix ginseng, para lhe devolver as forças.

O radix ginseng é a raiz seca do Panax Ginseng, muito conhecido em Macau, também muito caro.

Estudos sobre este tipo de ginseng indicam que a raiz tem propriedades que promovem o metabolismo físico e a saúde mental, assim como a resistência física.

O ginseng aparentemente também aumenta a capacidade dos músculos em transformar ácidos gordos em energia.

No caso de um doente sofrer de shao yin, os sintomas são febre, pulso fraco e sonolência. O radix ginseng faz parte do tratamento, assim como uma preparação de radix axoniti lateralis, ou seja, uma parte da planta conhecida vulgarmente como botão-de-ouro, muito indicada para activar a circulação sanguínea, e em casos extremos em que existe uma total ausência da energia yang no corpo.

Esta planta evita o “colapso” total biológico, mas utilizada em doses incorrectas pode ser fatal, tal como a má utilização das demais ervas e plantas ou medicamentos.

Wu Xing – Os Cinco Elementos

Os cinco elementos – wu xu – manifestam-se nas mudanças de pulso. Estas mudanças variam entre a rigidez e a suavidade. São os yin e yang dos cinco

Localização dos pontos de acupunctura no corpo humano

elementos.

O Wu Xing também está presente nos pontos da acupunctura. Os cinco elementos são: Madeira, Água, Fogo, Metal e Terra. A interacção entre estes pontos definem as relações entre eles e traduzem-se nos conflitos existentes no organismo.

Existem milhares de pontos na acupunctura, mas nem todos fazem parte de um tratamento. O yin e yang, e o wu xing enquanto teorias são independentes uma da outra. O equilíbrio do corpo está directamente relacionado com o yin e yang. Por outro lado, o wu xing serve como sistema de classificação através da analogia com os elementos da natureza.

O equilíbrio correcto entre yin e yang e a mistura “harmoniosa” dos cinco elementos cria a saúde.

Os cinco elementos estão associados aos órgãos chamados zang, ou seja, grosso modo, aqueles que recebem comida, mas não a armazenam, analogamente semelhantes à natureza do Céu. São eles o fígado, o coração, o baço (víscera glandular), os pulmões e os rins. Os órgãos chamados fu, que não retêm, apenas transformam e transportam, são: vesícula biliar, intestinos grosso e delgado, bexiga e estômago. Há ainda os extraordinários órgãos fu – cérebro, ossos, vesícula, útero e medula, comparados à Terra, que contêm a “essência”, mas não descarregam. Muitas vezes, dependendo da circunstância, os órgãos fu transformam-se em zang ou vice-versa.

O coração está associado ao elemento Fogo, o baço à Terra, os pulmões ao Metal, os rins à Água e o fígado à Madeira. Através da relação entre os elementos e entre os órgãos podem ser diagnosticados desequilíbrios no sistema humano, que por sua vez estão relacionados com movimentos não equilibrados do yin e yang que poderão ser restaurados através de plantas medicinais, acupunctura ou moxibustão. Cada fenómeno fisiológico ou patológico é associado a um órgão.

Os especialistas em medicina tradicional chinesa afirmam que não é possível entender os conceitos que envolvem os órgãos através do conhecimento que se tem da moderna anatomia.

No que toca a constituintes físicos, à Madeira, por exemplo, associa-se o tendão. O Fogo está

ligado ao vaso sanguíneo; a Terra ao músculo, o Metal à pele e a Água ao osso.

Os orifícios abertos também têm correspondência com os elementos: Madeira – olho; Fogo – língua; Terra – boca; Metal – nariz e Água – orelha.

Outras correspondências:

Madeira: unha, lágrimas e fúria

Fogo: face, transpiração e alegria

Terra: lábios, babar-se, contemplação

Metal: pêlos do corpo, lacrimejar, ansiedade

Água: cabelo, saliva, terror

Canais e pontos da acupunctura

Na medicina tradicional chinesa, os canais por onde “navega” o qi, e o sangue, também chamados meridianos, estão interligados entre si e formam uma rede. São 12 os canais “ordinários”, apresentados na direcção longitudinal, como ramos de árvores. Cada canal tem um nome e é formado por um órgão, mão ou pé, yin ou yang.

Para reforçar os canais, existem as ramificações desses canais, que “usam” o mesmo órgão, mão ou pé e yin ou yang.

Os “colaterais” são as subdivisões dos canais e são transversais. Servem para ligar os canais entre si, são quinze.

Os músculos e a pele estão também relacionados com os canais, existindo tendões, músculos e articulações para cada canal. São chamados tendões de cada canal. A pele que está por cima da área ocupada por cada canal está directamente relacionada com esse canal. Esses tendões e peles não sendo canais, são os locais onde o qi e o sangue retêm, acumulam, dispersam e convergem.

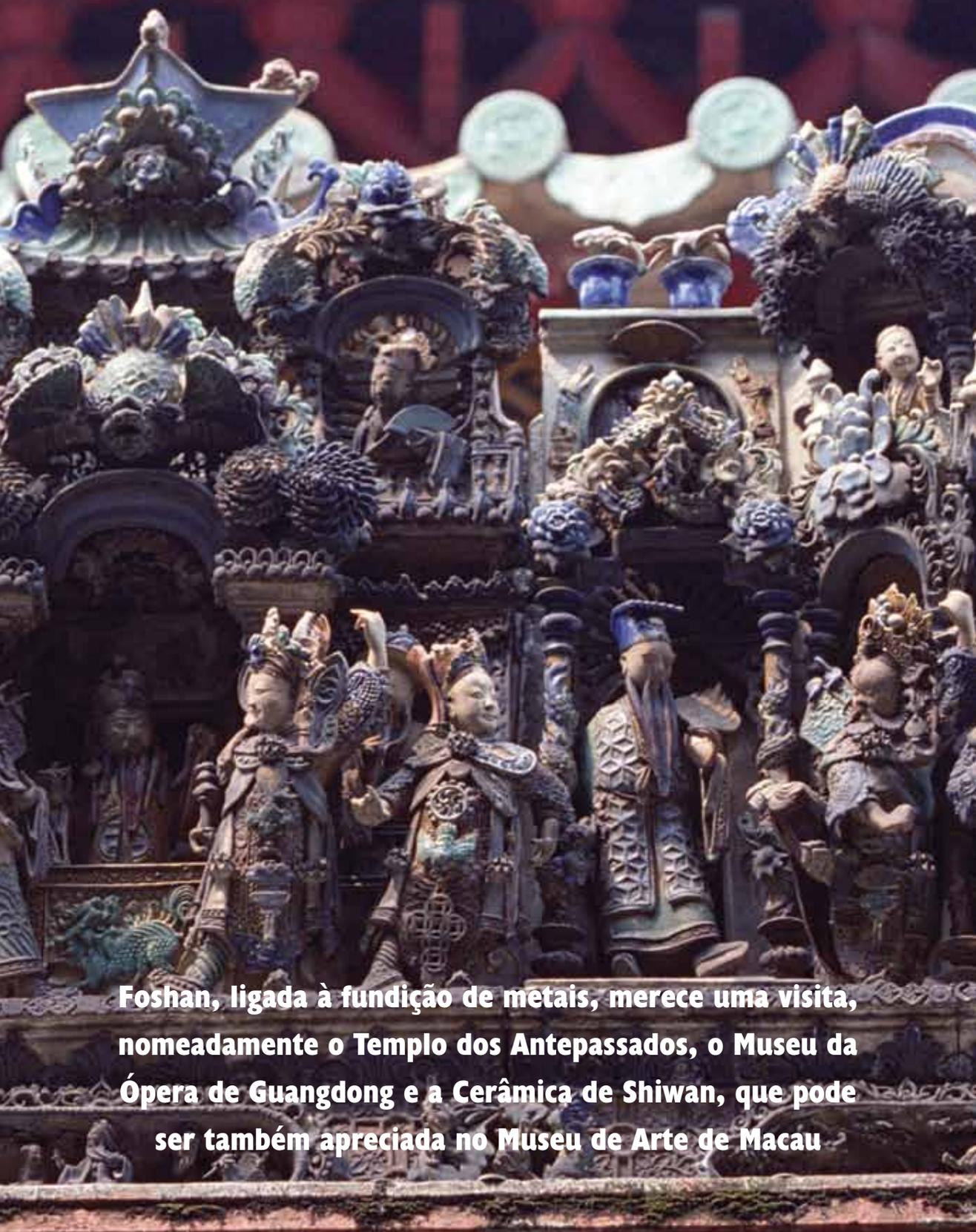
Os pontos da acupunctura são os locais onde o qi e o sangue fluem e onde os canais convergem uns com os outros. No entanto, há “acupontos” não localizados em canais. A moxibustão, que acompanha a acupunctura, é um tratamento através da queima de plantas medicinais previamente colocadas sobre suportes em pontos estratégicos do corpo. Normalmente a planta que se queima, atemísia, é considerada como tendo propriedades benéficas. ■





Cerâmicas na “colina de Buda”





Foshan, ligada à fundição de metais, merece uma visita, nomeadamente o Templo dos Antepassados, o Museu da Ópera de Guangdong e a Cerâmica de Shiwan, que pode ser também apreciada no Museu de Arte de Macau

A cerâmica de Shiwan, de pequenas estátuas onde o vidro contrasta com o barro cozido e dá às personagens representadas uma vivacidade muito atractiva, pode ser apreciada no Museu de Arte de Macau. Noutros tempos, Shiwan era uma pequena aldeia situada nos arredores de Foshan, mas agora está integrada na cidade.

O distrito de Foshan fica a três horas de autocarro de Gonbei. De automóvel, o percurso demora hora e meia, pois não é necessário utilizar a auto-estrada Pequim-Zhuhai, obriga-

tória para os autocarros. Situa-se a 25 quilómetros para sudoeste de Cantão (Guangzhou), a meia hora da capital da província de Guangdong. As casas castanhas feitas com estrutura de bambu e envolvidas com cascas de árvores, espalhadas pela paisagem de

bananais recortada por canais, outrora dominantes estão a ser substituídas por outras revestidas com cerâmica branca.

O nome Foshan, (que traduzido significa “colina de Buda”), apareceu na dinastia Tang (618-907) quando foram descobertas, na colina da povoação Ji Hua Xiang, três estátuas de Buda deixadas por um monge, que tinha vindo do Oeste na dinastia Jin do Leste (317-420). Foi considerada durante as dinastias Ming e Qing como uma das quatro povoações famosas da China e recentemente recebeu o título da ONU de “Habitat Exemplar da Humanidade”. O município de Foshan, com uma população de 3,4 milhões de habitantes, compreende, desde Janeiro de 2003, quatro concelhos (Nanhai, Shunde, Gaoming e Sanshui), mais a cidade de Foshan, com meio milhão de pessoas.

À semelhança do que sucede em outros pontos da China, é uma cidade a fervilhar. Enormes prédios tomam o lugar das velhas casas nos quarteirões entretanto arrasados, restando alguns bairros escondidos para espelhar a antiguidade.



de de Foshan. Muitas das novas construções parecem procurar tocar o céu, talvez para poderem olhar por cima da constante e fina neblina que envolve o horizonte e demonstra o peso industrial da cidade. Reconhecida desde a dinastia Ming como a capital da cerâmica do Sul, conta actualmente com sete das 12 grandes empresas de cerâmica para construção civil existentes na China. Mas não é esta cerâmica que nos traz até Foshan. A cidade regista uma longa história na produção de cerâmica, que pode ser revista nas ruínas de Hedangbeiqiu, com 4800 anos e no forno antigo Nanfeng que, apesar de existir há 500 anos, continua ainda a ser usado.

Shiwan

Para visitar a cerâmica de Shek Wan, como se denomina em cantonês Shiwan, (Baía de/da Pedra), percorri de táxi os poucos quilómetros de uma avenida que liga o centro da cidade de Foshan a esta antiga povoação.

Junto ao rio Dongping, o Museu da Cerâmica, onde se encontra desde os inícios do século XVI o forno imperial Nanfeng, o mais antigo deste tipo ainda

a funcionar, e por isso, em Julho de 2001, proclamado como uma relíquia histórica e cultural e registado em 2002 no “Livro Guinness dos Recordes”.

Em Hangzhou tinha já visitado um destes fornos do





Reconhecida desde a dinastia Ming como a capital da cerâmica do Sul, Foshan, conta actualmente com sete das 12 grandes empresas de cerâmica para construção civil existentes na China

tempo da dinastia Song do Sul, logo mais antigo, mas que agora apenas serve como museu. Este tipo de forno é originário da China e tem uma história com mais de mil anos. O forno tem vários níveis, patamares ligados por túneis que, obliquamente em rampa,

encaminham o calor do fogo feito com lenha para as diferentes câmaras. Colocam-se as peças separadas dentro de cilindros de barro, para evitar as cinzas e se alguma peça estourar não partir as outras. O forno normalmente conta com três câmaras, cada

uma com diferentes temperaturas de cozedura, o que permite os efeitos desejados nos vidrados dos objectos cerâmicos, como potes e esculturas. Feito com tijolo refractário, usa-se barro para tapar as frestas entre os tijolos, sendo a parte do tecto em abóbada. Não



Entrada do Museu da Cerâmica

pode ter nada metálico, já que as temperaturas atingem os 1300 graus centígrados. A fornalha situada à entrada, na parte de baixo do forno, é alimentada com toros de madeira, tendo a chaminé na parte superior. O processo consiste em três etapas, sendo a

primeira de uma cozedura a 800-900 graus, durante oito horas. Após esmaltadas as peças, voltam-se a colocar pelos vários andares para aí ficarem um dia e meio, a uma temperatura de 1300 graus.

Por fim, espera-se que o forno arrefeça durante dias

para ser aberto, altura em que se faz uma grande festa. Este forno em Shiwan é conhecido como forno Dragão e tem aproximadamente 80 metros, sendo manuseado pelos mestres do forno que, durante os dois dias em que está a funcionar, se mantêm vi-



Painel de cerâmica à entrada do parque do Templo dos Antepassados

gilantes para o alimentar de lenha quando necessário. Em visita guiada, percorremos o resto do museu onde nos é explicada a técnica tradicional de cozedura e a História da Cerâmica da região. Falam-nos de um outro forno, a gasóleo, conhecido por forno túnel, que é mais fácil de manusear e actualmente é controlado por computador.

O início da cerâmica de Shiwan começa no Neolítico com a produção de utensílios quotidianos comuns, como os que ainda se podem ver nas cozinhas de muitas casas e eram feitos de uma argila preta comum na zona, nos fornos rústicos cavados na terra. No período Tang e Song (entre os séculos VII e XIII) registou-se um grande desenvolvimento devido ao aperfeiçoamento dos fornos, que conseguiram atingir maiores e diferentes temperaturas. Após muitas experiências, como o acrescentar às argilas pretas, as argilas ver-

melhas provenientes das montanhas das redondezas e o misturar com areia permitiu uma evolução nos vidrados e assim começaram a aparecer os brancos e uma gama de cores que evoluíram ao juntar no vidro branco, óxidos metálicos e passaram a usar um barro cerâmico, parecido com a porcelana. Usando uma técnica tradicional, os mestres do forno com a sua vasta experiência, conseguem resultados admiráveis. Numa mesma fornada, o barro coze de maneiras diferentes nos vários patamares, criando brilhantes vidrados com cores resplandcentes e assim as obras que ali são produzidas não encontram paralelo, sendo impossível realizá-las nos fornos modernos. Se até então, a produção era para utensílios diários usados apenas na região, nos finais da dinastia Ming e princípios da Qing começa a ser exportada. No início do século XVIII, já havia

tantos oleiros que cada um começou a especializar-se e depois organizaram-se em cooperativas. No reinado do imperador Qianlong (1735-1796) foram criadas a “cooperativa dos produtores de potes de flores” cuja especialidade é o fabrico de vasos, jarras de grandes dimensões e telhas ornamentais, a “cooperativa dos oleiros de objectos vidrados a vermelho”, que se dedica aos utensílios de culto e a “cooperativa de criadores de peças artísticas e de recriação das antigas”, que produz estátuas e frontarias.

Como já referimos, uma das grandes colecções de esculturas figurativas de Shiwan encontra-se no Museu de Arte de Macau, que conta no seu acervo com mais de 300 peças. Obras de arte de famosos escultores, que desde o princípio do século XX são extremamente admirados no exterior pelo seu realismo e perfeição. Todos descendentes de artesãos



locais como é o caso de Liu Chuan, o mais eminente artista do século XX e especialista em vidrados, que foi mestre de uma geração, como Liao Hongbiao, seu sobrinho, que aprendeu os rudimentos da técnica com o pai, Liu Zuomin; Liu Zemin que foi iniciado na cerâmica também pelo pai, Liu Yuan, e aos treze anos era já um artista consagrado; Liu Zuochao e Lio Gui Bing. Também Huang Ping, Pan Yushu, Chen Weiyuan, Lao Chin e o seu filho Lao Kwai Peng se encontram referenciados como importantes mestres da olaria de Shiwan.

Ao olhar para algumas das peças figurativas destes mestres chego à conclusão de que conheço aquela arte. É já em Macau, num artigo de António Pedro Pires, publicado na “Revista de Cultura”, nº 4 (1988), Instituto Cultural de Macau, da edição em língua portuguesa, que, ao olhar para uma ilustração do Zé Povinho, de Rafael Borda-

lo Pinheiro, tomo conta do paralelismo, ajudado pelo que li. “Semelhança verdadeiramente assombrosa entre as linguagens naturalistas da cerâmica das Caldas da Rainha e da cerâmica de Shek Wan, semelhança até no próprio processo de fabrico”. E é o padre Manuel Teixeira que desfaz as dúvidas ao referir, também em artigo publicado na Revista de Cultura (edição nº 7 e 8, de Outubro de 1988 a Março de 1989, em língua portuguesa), que “Feliciano Bordalo Pinheiro, irmão de Rafael, tinha desde 1875 e durante alguns anos vivido em Macau. No regresso a Portugal funda a fábrica de Faiança das Caldas da Rainha em 1884, onde Rafael trabalhou.”

Após sair do recinto do Museu da Cerâmica, passo por uma área onde o recriar das casas antigas me leva a percorrer um conjunto de lojas com esculturas de figuração popular chinesa, como as da re-

volução maoísta, grandes jarrões e outras peças, que complementam os artigos em exposição. Por fim, chego ao parque onde um lago nos separa do templo taoísta de construção muito recente. Local que começa a ser de peregrinação para muitas famílias aos fins-de-semana e onde, um passeio de gaijota pelas águas faz as delícias das crianças e namorados.

O centro de Foshan

No regresso ao centro vejo grandes painéis de publicidade onde os diferentes materiais cerâmicos, com funções específicas, estão expostos e são produzidos pelas diversas fábricas que se encontram ao longo do trajecto.

A avenida junto ao terminal de camionetas tem um trânsito caótico, sendo um perigo atravessá-la, mesmo nas passadeiras com sinais luminosos para os peões. O número de motorizadas é imenso e fazem acérrima

concorrência aos táxis. Sem o mínimo respeito pelos pedões, andam por todo o lado e os passeios parecem ser o seu local preferido também para estacionar.

Na rua Song Feng, paralela à anterior avenida, num dos quarteirões antigos da cidade, encontro o “jardim residência” da Família Liang, que foi construído entre 1796 e 1850. Quatro tios e sobrinhos, os mais famosos mestres de caligrafia, poetas e pintores da localidade, reuniram-se e resolveram construir uma típica escola-jardim ao estilo do Sul, da região

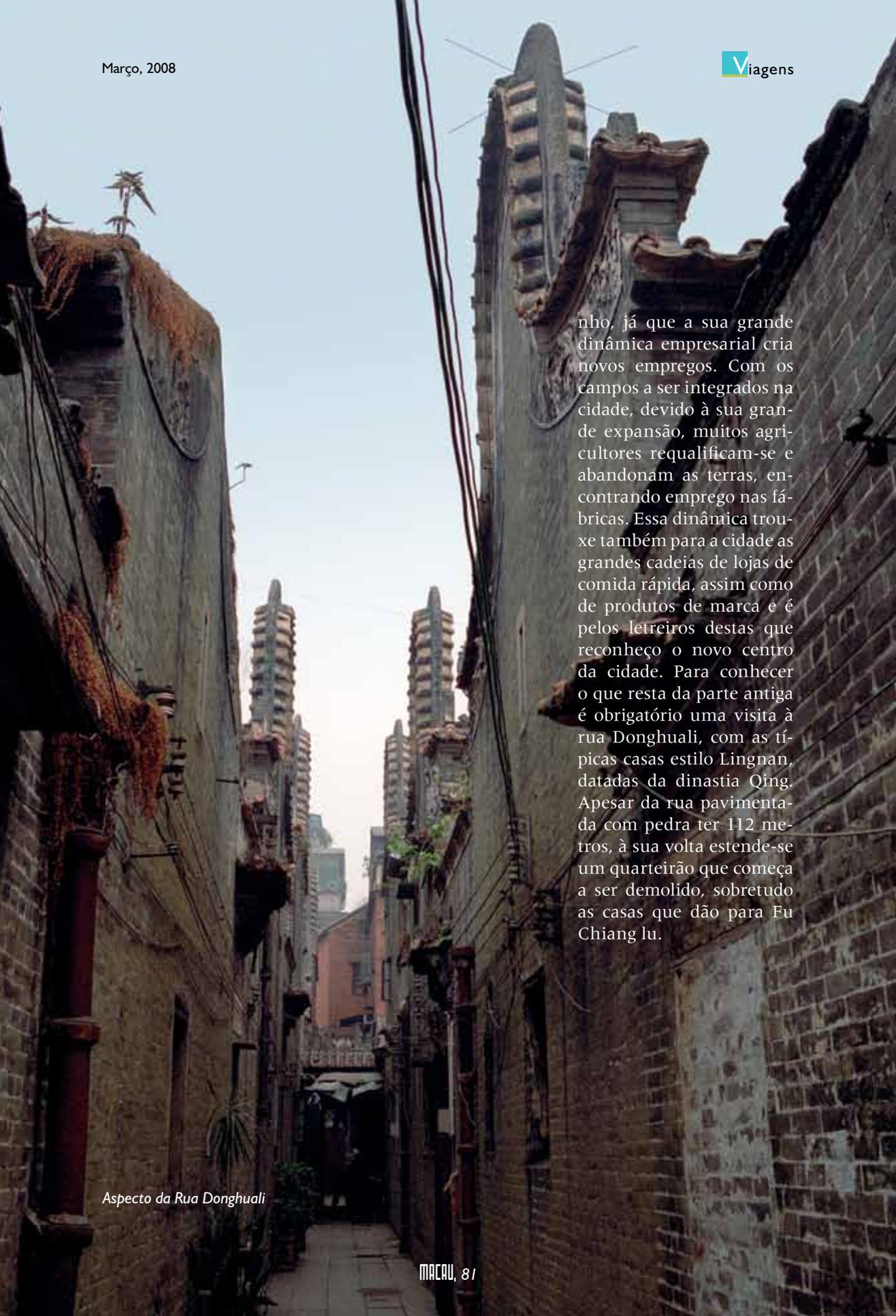
Lingnan (Cinco Cumes). Não se adivinha por fora o espaço que ocupa o recinto, que está dividido em três partes distintas. Entrando para um pátio, onde a pedra e os tijolos cinzentos são os elementos principais, três edifícios estão separados por corredores a céu aberto. Passando depois por uma porta em círculo chego a um denso espaço mais intimista. Os pavilhões com vitrais nas janelas e pouco mobilados estão envolvidos numa frondosa vegetação, onde não falta um pequeno lago e pon-

tes em miniatura. Por fim chega-se à terceira secção do jardim com um imenso espelho de água a ocupar a maior parte da área e uma enorme pedra de formas abstractas do lago Tai no centro. Nas margens, uma ponte coberta, um barco de pedra e outros locais que permitem um sereno estar, transporta-me para fora do *stress* da cidade. É considerado um dos quatro mais famosos jardins da província de Guangdong.

Com uma população de 500 mil habitantes, Foshan cresce rapidamente, tanto em altura como em tama-

Palco de ópera no Templo dos Antepassados



A narrow, historic alleyway in Macau, Macau, China, showing traditional architecture and modern buildings in the background. The alleyway is flanked by tall, narrow buildings with traditional Chinese architectural features, such as tiled roofs and decorative elements. The buildings are made of brick and stone, and the walls are weathered. In the background, modern high-rise buildings are visible, creating a contrast between old and new. The sky is clear and blue. The overall atmosphere is one of a well-preserved historical site in a modern city.

nho, já que a sua grande dinâmica empresarial cria novos empregos. Com os campos a ser integrados na cidade, devido à sua grande expansão, muitos agricultores requalificam-se e abandonam as terras, encontrando emprego nas fábricas. Essa dinâmica trouxe também para a cidade as grandes cadeias de lojas de comida rápida, assim como de produtos de marca e é pelos letreiros destas que reconheço o novo centro da cidade. Para conhecer o que resta da parte antiga é obrigatório uma visita à rua Donghuali, com as típicas casas estilo Lingnan, datadas da dinastia Qing. Apesar da rua pavimentada com pedra ter 112 metros, à sua volta estende-se um quarteirão que começa a ser demolido, sobretudo as casas que dão para Fu Chiang lu.

Aspecto da Rua Donghuali



Festa do Ano Novo chinês no Templo dos Antepassados

Templo dos Antepassados

Na rua Zumiao, que significa Templo dos Antepassados, antes de chegar ao antigo templo budista da dinastia Ming, Renshou Si, onde um pagode se situa, visitei o “Instituto de Pesquisa da Arte Folclórica de Foshan”. É um local de exposição e de venda. A sala da entrada mostra enormes lanternas coloridas feitas com inúmeros materiais, que servem para decoração de interiores e exteriores, estando já registadas desde a dinastia Ming. Durante o festival de Outono são expostas num cortejo pelas ruas da cidade. Noutra das salas encontrei papéis com “Guardiões da Porta” feitos a partir da impres-

são com moldes de madeira, onde se encontram gravados os desenhos que depois são pintados, sendo considerados os de Foshan um dos quatro mais famosos de toda a China. Também as esculturas de Shiwan aqui tem uma sala onde estão expostas algumas das peças de Zhuang Jia, artista que nasceu em 1931 e morreu em 2006. Por fim, os afamados papéis cortados de Foshan, com uma história de mais de 800 anos. Numa sala pode ver-se a forma como são feitos pelos artistas, que, com uma lâmina afiada, abrem os espaços a uma resma de folhas sobrepostas, tendo por cima a folha-modelo.

Continuando pela rua Zumiao, chego ao templo taoista dos antepassados, que dá o nome à rua. Com

uma arquitectura original, o templo foi construído entre 1078 e 1085, cem anos após a conquista pelos Song do Norte das províncias de Guangdong e Guangxi aos Han do Sul (907-971). No palácio principal, a estrutura do telhado é feita através do encaixe de traves de madeira nobre, onde não foi usado um único prego. Frisos com esculturas em cerâmica local e nas paredes outras figuras recheiam o palácio, demonstrando o alto nível que a arte decorativa em cerâmica atingiu. Também a talha das mesas das oferendas é digna de registo. No altar central, uma estátua de bronze feita em 1452 e com 2500 quilos representa o deus Beidi, conhecido pelo Imperador do Norte. Outra peça que demonstra o alto nível

técnico alcançado na arte de fundição em Foshan é o incensório, onde foram usadas duas toneladas de ferro e data dos inícios do século XIX. Região rica em jazigos de ferro, conta desde o século XIV com fundições para ferro e bronze. A história das fundições teve três períodos distintos, sendo 1368 a data do início dessas fundições, que vai até 1521. O período de ouro situa-se entre 1522 e 1795 e o fim das fundições aconteceu no final da dinastia Qing.

Altar das Dez Mil Felicidades

Num dos lados do recinto do templo, o terraço Wanfu, ou “Altar das Dez Mil Felicidades”, foi edificado em 1658 e é o teatro mais antigo da Província de Guangdong. No terceiro

dia do terceiro mês lunar, quando se comemora o nascimento do imperador Beidi, os mais célebres actores de ópera de Guangdong, numa forma de reconhecimento, actuam nesta plataforma que tem dois metros de altura e vinte metros de comprimento e outros tantos de largura.

Em 2003 no terraço de Wanfu, o governo de Foshan organizou um seminário sobre a ópera de Guangdong, onde se debateu a preservação do novo reportório e de representações especiais de célebres actores desta arte, assim como foram escolhidos os dez melhores cantores de Guangdong.

No exterior e por detrás do recinto do Templo dos Antepassados encontramos o “Museu da Ópera de Guangdong”, também conhecida por Yue, que

é originária de Foshan. Museu que abriu as suas portas em 2003, conta no seu espólio com mais de 20 mil objectos que pretendem narrar a História, a arte e as personagens nela intervenientes. Assim dividido em três partes, o museu mostra antigos cartazes, recortes de jornal, as vestimentas que os artistas usavam, discos, filmes e fotografias de actuações. Continuando para o outro lado do recinto do Templo dos Antepassados, chegamos a um pavilhão onde, no amplo salão, uma classe com jovens alunos vestidos com fatos pretos aprendem uma série de exercícios com espadas e lanças. Estamos perante uma aula de *kungfu*, na variante de *wushu*, que é uma arte marcial, sendo Foshan o centro da escola do Sul. ■

Imagem do Deus do Norte

O nome Foshan, (que traduzido significa “colina de Buda”), apareceu na dinastia Tang (618-907) quando foram descobertas, na colina da povoação Ji Hua Xiang, três estátuas de Buda deixadas por um monge

Novo mandato na APIM

José Manuel Rodrigues continua à frente dos destinos da APIM, Associação para a Promoção da Instrução dos Macaenses. Os corpos sociais da APIM foram reconduzidos nos cargos e já tomaram posse para o biénio 2008/2009. Os principais objectivos da associação são cativar os jovens para o patuá, acelerar a candidatura do dialecto a Património Intangível da Humanidade e restaurar o Jardim-de-Infância D. José da Costa Nunes.

Entre os membros reeleitos, Lourenço Rosário continua no cargo de vice-presidente, enquanto Sebastião da Rosa permanece como secretário. Nuno Senna Fernandes, José Achiam e João Manuel dos Santos Ferreira ocupam os lugares de vogais. Já José Sales Marques e Henrique Senna Fernandes viram renovados os mandatos à frente dos conselhos consultivo e fiscal, respectivamente.



Novos recordes no turismo

Macau recebeu em 2007 mais de 27 milhões de visitantes, um aumento anual de 22,7 por cento. Do interior do país chegaram neste período 14,87 milhões de pessoas, um aumento de 24 por cento. Já de Hong Kong chegaram a Macau 8,17 milhões de visitantes, o que representa um acréscimo de 17 por cento. Taiwan é o terceiro maior mercado, tendo chegado da Formosa 1,44 milhões de turistas.

Para este ano, o director dos Serviços de Turismo, João Costa Antunes, anunciou uma aposta forte em mercados como o Médio Oriente, Sudeste Asiático, Rússia e Portugal.



Ao Man Long condenado a 27 anos de prisão

O ex-secretário para as Obras Públicas e Transportes, Ao Man Long, foi condenado a 27 anos de prisão, por crimes de corrupção, branqueamento de capitais, abuso de poder e riqueza injustificada. Ao Man Long foi ainda condenado a uma multa de 240 mil patacas ou, em alternativa, a mais seis meses de prisão. Perdidos a favor de Macau estão ainda cerca de 253 milhões de patacas em dinheiro, fundos de investimento e outros bens já na sua posse ou que iriam ser entregues caso o arguido não fosse detido.

O colectivo de juízes do Tribunal de Última Instância considerou provados 20 crimes de corrupção passiva para acto ilícito, 20 crimes de corrupção passiva para acto lícito, 13 crimes de branqueamento de capitais, dois de abuso de poder, um de inexactidão de declaração de rendimentos e um de riqueza injustificada.

O Chefe do Executivo, Edmund Ho, considerou “justo” e “em conformidade com a lei” o julgamento do antigo secretário.





Eleições no Conselho das Comunidades

José Pereira Coutinho vai recandidatar-se pelo círculo de Macau, Hong Kong, China, Japão e Tailândia ao Conselho das Comunidades Portuguesa, liderando uma lista que integra ainda Armando de Jesus, quadro da administração pública de Macau e tesoureiro-adjunto da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau, e Fernando Gomes, médico em Macau. Os três candidatos propõem-se a continuar a servir de elo de ligação entre as comunidades da Ásia Pacífico e os órgãos de soberania de Portugal, e pretendem apoiar as actividades no ensino e difusão da língua portuguesa, quer no aspecto cultural quer no aspecto profissional. As eleições estão marcadas para 20 de Abril.



Futuro de Macau nas mãos dos cidadãos

O Chefe do Executivo sublinhou, na tradicional mensagem de Ano Novo Chinês, que a “sociedade goza de grande prosperidade, a população vive e trabalha num clima de estabilidade, a qualidade de vida registou uma melhoria”.

Para Edmund Ho o cidadão é o factor principal do desenvolvimento da RAEM e “desde que as gentes de Macau se empenhem em criar condições e convivam de forma solidária e tolerante, promovendo a harmonia, Macau poderá, de certo, trilhar o caminho para o seu desenvolvimento sustentável”.

O Chefe do Executivo deixou ainda uma mensagem de solidariedade para as vítimas do mau tempo na China, que impediu que muitos cidadãos passassem as festividades de Ano Novo Lunar com a família.



Macau Express no ar no segundo semestre

A Macau Express adiou o início das operações para o segundo semestre de 2008 e está a rever o plano de negócios para funcionar em complementaridade com a Air Macau. A companhia tem o objectivo de voar para o continente chinês e para outros destinos regionais de médio curso como o Vietname, Filipinas, Japão e Tailândia.

A Macau Express, que é uma joint-venture entre a Air Macau, China National Civil Aviation e a Shun Tak, tem já um acordo assinado com a Aircastle Limited para o leasing de seis aviões do fabricante europeu, mas dois dos aparelhos vão ser utilizadas no âmbito das operações da Air Macau até que a companhia esteja a voar.

Macau na Assembleia Popular Nacional

Macau vai ter sete novos deputados na Assembleia Popular Nacional (APN). Na eleição, realizada em finais de Janeiro, cinco dos actuais deputados foram reeleitos (Lau Ngai Leong, Ho Iat Seng, José Chui Sai Peng, Lau Cheoc Va e Kou Hoi In).

Lionel Leong, Io Hong Meng, Lei Pui Lam, Paula Ling, Lok Po, Candice Chio e Leong Iok Wa foram eleitos pela primeira vez para a Assembleia Popular Nacional.

Lionel Leong

304 votos

Membro do Conselho Executivo e presidente do Conselho do Ambiente. Empresário, formado no Canadá, com 46 anos de idade, é o mais novo dos deputados.



tiva. Com 61 anos, é formado em Direito e em Educação. Director do Centro Amador de Estudos Permanentes de Macau. Professor catedrático visitante da Universidade de Huaqiao e da Beijing Opening University.

Lau Ngai Leong

304 votos

Empresário, de 51 anos de idade, oriundo de Fujian, representava já Macau na APN.



Ho Iat Seng

289 votos

Membro do Conselho Executivo e do Comité Permanente da ANP. Empresário têxtil, de 51 anos, preside à Associação Industrial e é vice-presidente da Associação Comercial.



Io Hong Meng

294 votos

Presidente do Conselho Directivo da União das Associações de Moradores (Kaifong).



Koi Hoi In

283 votos

Integra a mesa da Assembleia Legislativa (2º secretário) e é vice-presidente da Associação Comercial. Empresário, tem 55 anos.



Lei Pui Lam

292 votos

Presidente da Assembleia-Geral da Associação de Educação e deputado nomeado pelo Chefe do Executivo à Assembleia Legisla-



Paula Ling

279 votos

Advogada, bilingue, de 59 anos de idade. É docente da Faculdade de Direito da Universidade de Macau e membro do



Conselho Científico da mesma Faculdade, árbitro da Comissão de Arbitragem de Zhuhai. Integrou a comissão eleitoral do Chefe do Executivo de Macau e a Comissão Política e Consultiva da província de Zhejiang.

Lok Po

274 votos

Jornalista, 58 anos de idade, editor-chefe do jornal "Ou Mun". Membro do Comité Nacional da 10ª Conferência Consultiva Política do Povo Chinês.



José Chui Sai Peng

272 votos

Engenheiro, 48 anos de idade. Doutorado em Planeamento Urbanístico pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Tsing Hua de Pequim. Deputado nomeado pelo Chefe do Executivo à AL. Membro do Conselho de Ciência e Tecnologia e do Conselho Consultivo de Cultura.



Candice Chio

270 votos

Presidente da direcção da Associação das Mulheres de Macau.



Lau Cheoc Va

257 votos

Vice-presidente da AL e da Associação Geral de Operários. Tem 61 anos de idade. Licenciado em Direito pela Universidade de Jinan, preside à Comissão Independente responsável pela indigitação dos candidatos ao cargo de juiz.



Leong lok Wa

251 votos

Chefe dos Serviços de Consulta Externa e dos Serviços de Emergência dos Hospital Kiang Wu, de 57 anos de idade. Deputada, vice-presidente da direcção da Associação Geral de Operários (AGOM) e vice-presidente da Associação Promotora da Enfermagem de Macau.



Novas caras na Conferência Consultiva

A Conferência Consultiva Política do Povo Chinês tem também novos membros. Os deputados Leonel Alves, Leong Heng Teng e Fong Chi Keong foram escolhidos para aquele órgão de consulta política da China. O presidente do Instituto Politécnico, Lei Heong lok, é outra das novidades. Na lista dos membros de Macau, que inclui 34 membros, mantêm-se a presidente da Assembleia Legislativa, Susana Chou, os deputa-

dos Tina Ho e Chui Sai Cheong, os empresários Stanley Ho, Ambrose So e Ma Man Kei, o banqueiro Stanley Au e o secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam.

Na Conferência Consultiva Política do Povo Chinês participam representantes das 56 etnias do país, membros das regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau, de Taiwan e personalidades convidadas.

As 41 individualidades e entidades foram distinguidas pelo exercício de actividades profissionais, pela promoção do desenvolvimento dos domínios comercial, industrial e artístico e cultural, pelo contributo em prol do bem-estar da sociedade e por actividades filantrópicas.

Leong Ngan (na primeira fila, da esquerda para a direita), Lam Chong In, Ho Mei Va, distinguidos com a Medalha de Mérito Profissional; Peter Pan, distinguido com a Flor de Lótus, Stanley Ho Hung Sun, distinguido com a Grande Lótus. Ao centro Edmund Ho, Chefe do Executivo. Leong Sut U (à direita de Edmund Ho), distinguido com a Grande Lótus (representado por Leong Chong Kao); Ngan In Leng, distinguido com a Lótus de Prata; Wong Shoo Kee, Kou Hoi In e Jorge Herculano de Sousa, distinguidos com a Medalha de Mérito Industrial e Comercial.



Adriano das Neves (segunda fila, da direita para a esquerda) e Wong Kam Chun, distinguidos com a Medalha de Mérito Turístico; Un U Wa e Dorothy Cheng Man Ling, distinguidas com a Medalha de Mérito Educativo; Lei Iok Tin, distinguido com a Medalha de Mérito Cultural; Associação da Tuna Macaense, representada por Filomeno A. M. Jorge, distinguida com a Medalha



Cerimónia de imposição de medalhas e títulos honoríficos de 2007 na Região Administrativa Especial de Macau, presidida pelo Chefe do Executivo, Edmund Ho



de Mérito Cultural; Maria de Fátima S. dos Santos Ferreira, Lo Siu Ha e Obra das Mães (representada por Ho Teng Iat), distinguidas com a Medalha de Mérito Altruístico; Chan Noronha Weng Kit, Chui Tac Kong, Jia Rui e Cai Liangchan, distinguidos com a Medalha de Mérito Desportivo; 2º Departamento de Investigação, grupo D do Comissariado Contra a Corrupção, Franky Lei Chi Leong, Kuok

Chi Keong, Guo Huan Huan e o Centro de Atendimento ao Público da Direcção dos Serviços Administrativos da Função Pública, distinguidos com a Medalha de Serviços Distintos; Ng Soi On, Ng São Keng e Leong Hin Tat, distinguidos com a Medalha de Serviços Comunitários. Tang Zesheng (terceira fila, da direita para a esquerda) e Anthony Francis Fernandes e Maria Antónia Espadinha, distinguidos com o Título Honorífico de Prestígio; Wong Hang Cheonf, Xi Chengqing, Jeong Hou Un, Cheang Chi Wai, distinguidos com o Título Honorífico de Valor; Selecção da Dança de Leão do Sul, 2ºs Jogos Asiáticos em Recinto Coberto (representada por Pun Keng Man), Associação de Apoio aos Deficientes Mentais de Macau (representada por Yiu Kai Kwong) e Banda Musical de Marcha da Escola Hou Kong (representada por Fong Oi Lei), distinguidos com o Título Honorífico de Valor. ■



Macao, o filme

I descend upon all those cities, and rise from them again
Walt Whitman

Sternberg escolhe Macau para servir de cenário a uma trama de aventuras, o que dá bem a ver que esta cidade - o seu nome - despertava certo tipo de reminiscências no público americano



O segredo da América é o grande impulso, a imensa energia, que os emigrantes transportam consigo e aplicam aos espaços onde chegam e chamam seus. Essa energia aboliu fronteiras para, mais tarde, na rarefacção do “sonho americano”, as imperialmente expandir. Os americanos estão no mundo, dizia-nos o cinema dos anos 40 e 50. E era verdade: no caso americano, a narrativa mitológica tem uma rara sincronia com a História e talvez esse seja um dos sucessos mais radicais da cultura americana.

Em 1952, Josef von Sternberg apresenta o filme “Macau”, cuja acção decorre nesta cidade do Extremo-Oriente. Nada de surpreendente se atendermos a uma carreira pontuada por numerosas incursões em cenário exóticos, desde “Morroco”, com Gary Cooper e Marlene Dietrich, nomeadamente na China - “Shanghai Express”, igualmente protagonizado pela diva alemã. Desta vez, Sternberg escolhe Macau para servir de cenário a uma trama de aventuras, o que dá bem a ver que esta cidade - o seu nome - despertava certo tipo de



O realizador Josef von Sternberg (em cima), e os actores Brad Baxter e Robert Mitchum (à direita)



reminiscências no público americano, afinal o primeiro destinatário destas produções que se impunham rentáveis. Não se compreende que os estúdios aceitassem um nome que não provocasse no público um frémito, um desejo de assistir ao que se passa num sítio *desses*. O nome *Macao* tem, portanto, o poder de evocar um imaginário, que só episodicamente terá algo a ver com a realidade, repleto das fantasias que bem entenderam lá colocar, mas que não deixa de se colar a esta cidade como imagem global.

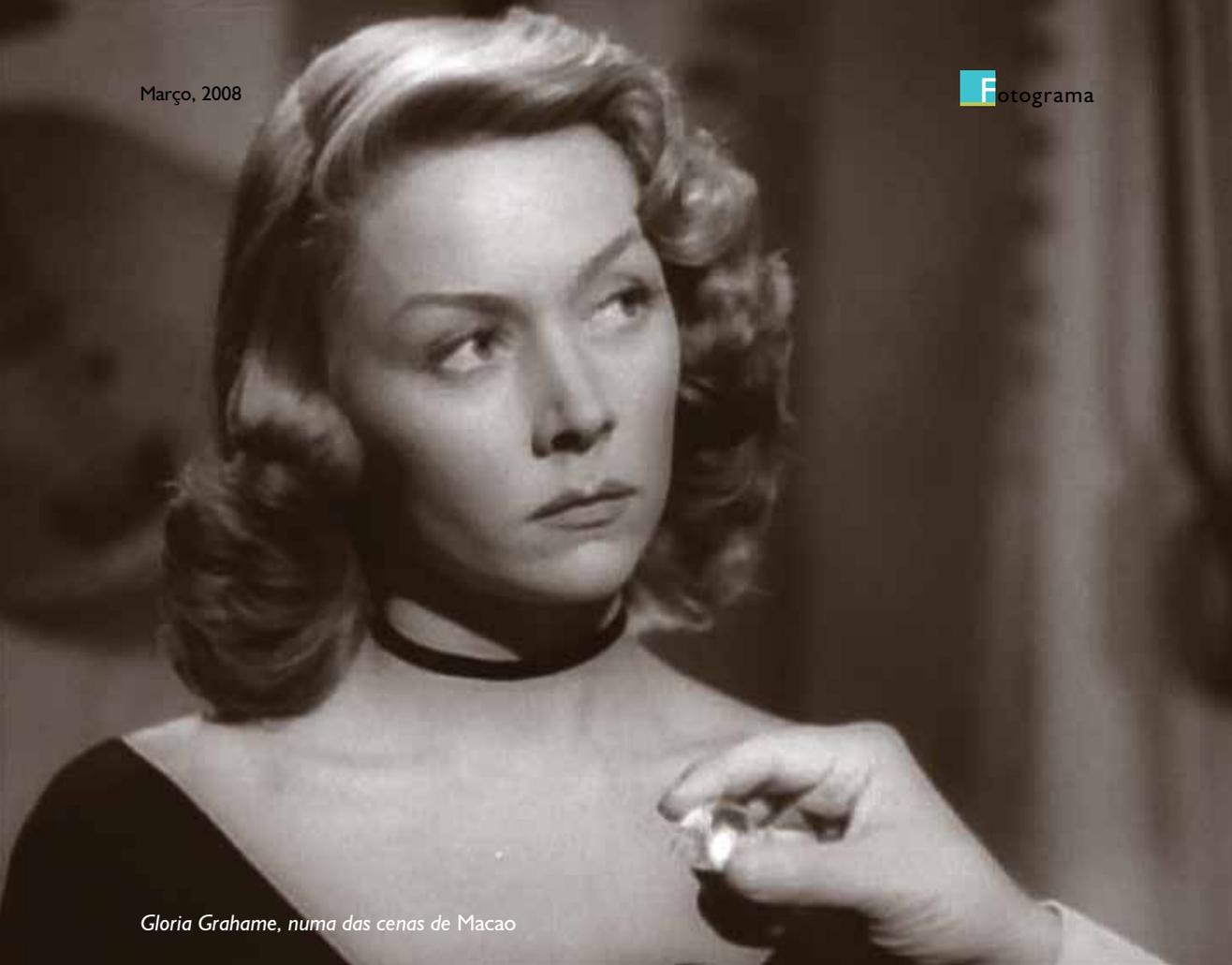
Claro que as filmagens foram esmagadoramente feitas em estúdios de Hollywood, tendo sido recolhidas, sem os actores, uma série de hoje interessantes imagens da cidade que, depois, são projectadas, inseridas como cenários, dentro do próprio filme. É, por exemplo, o caso da chegada do *ferry*, vindo de Hong Kong, e a vista do singelo Porto Interior de antanho, cruzado por juncos e sampanas, com os seus cais a fervilhar de gentes, “*mainly chinese*”; como o é também um passeio de auto-carro pela Avenida Almeida Ribeiro, com

locação do motorista em brasileiro, perfeitamente fora de contexto.

Macao recriado

Vistas bem as coisas, a *excentricidade* do filme não reside no exotismo da cidade em si mesma, já que esta lhe é estrangeira, mas no *Macao* recriado por Sternberg e sobretudo na caracterização que passa dos americanos que deliram por estas paragens. O *excêntrico* - ou seja, os descen-trados, o *punctum* do filme - são eles e não, propriamente, os costumes coloridos que compõem os afazeres da cidade. Estes passam como irrisões, momentos quase folclóricos, nos quais não se deixa, apesar de tudo, de ridicularizar o americano que crê estar entre selvagens (*vide* cena da barbearia entre o comerciante e a “barbeira”).

Há que dar o braço a torcer a Sternberg, que aliás deixou a conclusão da rotagem ao jovem Nicholas Ray: o bom gosto do *casting* é perturbante: Robert Mitchum, Brad Baxter e William Bendix, do lado



Gloria Grahame, numa das cenas de Macao

masculino; Jane Russel e Gloria Grahame, do lado que interessa. Há quem diga que o mítico director nem perfilhou totalmente o filme. De facto, nota-se, nomeadamente a nível da iluminação, que não estamos perante um típico von Sternberg, como um *“Der Blaue Engel”*, *“The Scarlet Empress”* ou o já referido *“Shanghai Express”*. A luminosidade difusa que costuma envolver as suas personagens, com uma imensa capacidade mitológica - uma das suas mais famosas assinaturas -, desaparece; surge agora um contraste de pretos e brancos bem definidos, mais perto do estilo do filme *noir* que das suas efabulações luminotécnicas habituais.

Já o guião não faz jus à qualidade/*glamour* do naipe de actores. Mas se as suas falhas se situam nos nódulos narrativos, que apresentam soluções inverosímeis, já a caracterização dos personagens não deixa de ser relevante para localizar uma imagem de americanos, criada por ame-

ricanos, de passagem por esta misteriosa cidade do Extremo-Oriente. Afinal, que tipo de gente é esta, tal qual a mitologia de Hollywood a descreve? Poderá isso ser importante ainda hoje para compreendermos os americanos que agora aqui habitam, como tribo ou como vírus?

Eles são - como não poderiam deixar de ser - o centro do argumento, da acção, dos torvelinhos do Bem e do Mal, do amor e dos ódios. A cidade e os seus habitantes limitam-se ao estatuto de cenário propício à emergência de determinadas características, princípios e valores que os personagens transportam do Ocidente.

“Cão come cão”

Os americanos deslizam por Macau imersos nas suas próprias histórias, ficando por exemplo bem claro que nenhuma ligação amorosa ou simplesmente erótica é susceptível de acontecer fora da sua “raça”.



Jane Russel, a cantora de óbvios predicados, confessa existir um motivo que a obriga a sair de Hong Kong e a aportar em Macau, “a place healthy for plants, unhealthy for humans”

Pelo menos neste filme, neste contexto concreto.

Contudo, também nenhuma das personagens apresenta os tiques completos do herói clássico: belo, bom e justiceiro. Trata-se de gente batida e calejada por andanças

orientais, entre outras, sobreviventes sem um horizonte definido e sem outro tempo que não o da luta pela sobrevivência. “Cão come cão”, com mais ou menos estilo.

A proximidade da II Guerra incensava este tipo de desajustado, de *loser*, que por



motivos sombrios não tinha lugar no seu país natal, dando rebeldes a uma juventude tão insatisfeita que, ficando em casa, acabaria por não ter causa. Aqui perpassam os fantasmas de uma América em mutação rápida e impiedosa para os que são lentos no ajuste aos novos tempos. Estes encontram o seu lugar *ailleurs*.

Descida aos infernos

Neste filme, os três personagens principais são claramente uns *desajustados*, cuja presença em Macau não é uma escolha, mas uma espécie de etapa final de uma descida aos infernos (não será por acaso que um filme francês que também elege Macau como pano de fundo se intitule "*L'enfer du jeu*").

Jane Russel, a cantora de óbvios predicados, confessa existir um motivo que a obriga a sair de Hong Kong e a aportar em Macau, "*a place healthy for plants, unhealthy*

for humans", segundo o barómetro do *ferry* que no filme efectua a travessia. Por ela não deixaria a colónia britânica para se refugiar, como não hesita em classificar, nesta "lixreira".

O vilão, um americano de nome Vincent Halloran (Brad Dexter), é por coincidência com os tempos actuais apresentado como sendo o proprietário do mais rentável casino de Macau. Tendo a seu lado a imperscrutável Gloria Grahame, Vincent anda fugido ao FBI e à Interpol, por crimes não revelados, refugiando-se nas três milhas dos limites marítimos de Macau.

Robert Mitchum encarna um ex-soldado com problemas legais nos Estados Unidos, vagabundo sem poiso certo, carteira vazia e alguma habilidade para o jogo. O acaso, os seus desatinos, trouxe-o até Macau, onde pensa arranjar um emprego no casino de Vincent. Atrás destes personagens vem William Bendix, um inocente comerciante que acaba por se revelar ser

um paisana do FBI, no encaço do bandido.

A pobreza do argumento acabou por se transformar, com o decorrer do tempo, como certos vinhos, num tecido podre, cujo interesse reside exactamente nos avatares da podridão, na tradição de "Os Jardins dos Suplícios", de Octave Mirbeau, que, não por acaso, tinha como pano de fundo as concessões europeias de Cantão. Ele, ela, eles, não passam de personagens mal construídos, mas nisso reside hoje o seu encanto, na medida em que é muito por aí que *Macao* permite a erupção de personagens de outro modo relegados a papéis secun-

dários nas várias histórias que Hollywood contava. A mulher de vida duvidosa, o homem sem horizonte, o vilão, o sargento, todos giram num torvelinho de ambição e ausência de valores que, por si mesmo, acaba por desembocar na regeneração.

Prisão ou inferno

Toda a acção se desenrola num Macau infernal de fantasia americana, de sampanas e riquexós, residenciais de toque latino e mesmo um corrupto sargento de polícia macaense, interpretado por um actor mexicano. O objectivo é atrair Vincent para lá das

três milhas marítimas, onde um barco da Interpol, sediada em Hong Kong, espera para o capturar.

É, pois, criada uma espécie de horizonte de legalidade, para cá do qual existe um espaço de impunidade seja para quem for. É uma espécie de confortável prisão ou inferno onde alguns têm forçosamente de permanecer, sob pena de serem apanhados pelas forças do Bem e castigados. Vincent Halloran vive nesse halo que Macau proporciona, uma frágil bolha de segurança que o estranho estatuto da cidade permite. A lei é vaga e o braço da polícia internacional não chega aqui. Estamos num





paraíso de refugiados, ladrões, contrabandistas, aventureiros de ambos os sexos e de todos os países. Um mendigo cego, chinês, amigo dos bons, completa o ramallete e ajuda a resolver o imbróglio, absolvendo toda uma civilização. É este o Macao dos anos 50 que Sternberg apresenta. Finalmente, o vilão é castigado e o casal parte para uma nova vida. A frase de Mitchum para Russel, que remata o filme quando ele sobe ao barco, a pingar de uma luta marítima, é um belo epitáfio para o filme: *"You'd better get use to see me when I get out of the shower"*. A moral da história é, então, um vago recomeço do novo casal, numa espécie de casa da pradaria, que se pode situar em qualquer lado e onde se reproduzirá a família americana. O *happy ending* do costume.

Regeneração de uma vida

Espécie de excessos, restos desorientados de uma era, o espaço possível, físico e emocional, destes personagens foi encolhendo; por exclusão sucessiva deste e daquele obscuro negócio, desta e daquela cidade, deste ou daquele país, desta ou daquela paixão; até não ter que um lugar situado num extremo do mundo, onde se esbatem as regras e se forjam novas identidades: *Macao*.

Não o Macao real mas todos os fiapos de imaginação que a palavra *Macao* poderia despertar na mente de um americano dos anos 50. Um espaço onde se acredita ser possível a regeneração de uma vida, num lance de dados ou numa paixão. Esse espaço sem regras que constituiu desde o início o ideal

do sonho americano, mas que o tempo se encarregou de transportar para outros lugares, como se actualmente só pudesse existir em sítios de filiação real mas cinematograficamente (miticamente) engendrados.

Da limpidez da planície, dos grandes espaços por domar, à degradação da última cidade, à sujidade dos becos e das relações humanas, eis os avatares de um espaço proposto como lugar para o sonho que, propagado pela mais poderosa máquina cultural de sempre, ainda hoje domina o mundo: "Eu, carregando uma culpa, correrei as sete partidas do mundo e nos seus mais profundos baixios encontrarei a regeneração. Poderei viver de novo, livre da própria Memória; que é - como o cinema exaustivamente nos mostra - a nossa última prisão". Venham, pois, até *Macao*. Assim, já não há em lugar nenhum do mundo. Aqui, se calhar, também não. ■



Fidelidade

A Companhia Nacional de Ballet da China já passou por quase cinco décadas de métodos russos, revoluções culturais e palcos internacionais. Hoje é das melhores companhias do mundo e os seus bastidores são feitos de humildade e de luta pela perfeição

Pouco antes do espectáculo começar, o empresário Stanley Ho toma o seu lugar, à direita de Zhao Ruheng, a directora artística da Companhia Nacional de Ballet da China (CNBC). A noite é de gala e quem enche o auditório do Centro Cultural de Macau veio por convite. É a nata da nata de Macau.

Mal o multi-milionário se senta, as cabeças viram-se curiosas. Ouve-se um burburinho na sala, os fotógrafos atropelam-se. Stanley Ho está habituado às atenções, continua calmamente a sua conversa com Zhao. A presença do empresário na actuação de Romeu e Julieta

é uma honra para a companhia e os bastidores estão nervosos. Ninguém aceitou entrevistas, que a tensão não dava azo a respostas inteligentes. Se algo corresse mal naquela noite, o patrocínio do empresário poderá terminar.

Há dez anos que Stanley Ho apoia a vinda da companhia a Macau e a continuidade do trabalho da CNBC depende fortemente destes mecenatos. Se é do ministério da cultura chinês que lhe vem a vida, não é só de lá que lhe vem o sustento. Na verdade, com os fundos estatais, a companhia não conseguiria pagar os seus 70 dançarinos, a orquestra completa, os cenógra-



ao ballet

fos, figurinistas, coreógrafos, professores e demais técnicos. Apesar de ser uma das companhias mais conceituadas do mundo é a muito custo auto-suficiente, já que até as suas sapatilhas faz.

O pano sobe. O Romeu (Hao Bing) enamora-se da Julieta (Zhang Jian). A versão é a do bailarino e coreógrafo britânico John Cranko, que obriga a uma forte capacidade de interpretação dos artistas. Para além de dançarem bem, terão de ser bons actores. O público sorri com a inocência de Julieta, simpatiza com a sua ama, admira o desespero do romântico Romeu. Para além de serem bons dança-

rios, são bons actores.

A maioria dos 70 dançarinos já ganhou medalhas em competições internacionais de bailado. Zhang Jian está na companhia desde 1996 e actuou como bailarina convidada no Hong Kong Ballet e no Royal Danish Ballet, da Dinamarca, entre outros. Romeu recebeu o prémio especial na terceira Competição Internacional de Xangai, em 2004.

A plateia aplaude, emocionada. Mesmo quando os dois amantes morrem no final, não é de tristeza que se pintam as caras do público. Foi um grande espectáculo e Zhao Ruheng agradece humildemente os



elogios que amigos e desconhecidos lhe fazem. Stanley Ho já partiu e as atenções estão todas viradas para a responsável máxima da companhia.

Quatro dias mais tarde, dançarão o *Pink Floyd Ballet*, uma coreografia de Roland Petit com música do grupo britânico, juntando dança clássica, contemporânea e dança de rua. Um género completamente diferente para mostrar a Macau a versatilidade da companhia.

O que de melhor se faz no mundo da dança

Longe de se limitar a um repertório de bailados clássicos, Zhao quer que os seus dançarinos experimentem o que de melhor se faz no mundo da dança, desde Pina Bausch, a bailados chineses ou clássicos, como o Quebra-Nozes. Já é bem conhecida a sua vontade de alargar horizontes, pelo que Zhao admite receber inúmeras

propostas de coreógrafos internacionais. Em 2004, a companhia foi nomeada para o prémio de melhor companhia de bailado estrangeira, no Prémio Nacional de Dança britânico que junta o melhor da dança inglesa, premiando também o melhor grupo internacional. Poucos meses antes, a CNBC esgotara uma temporada no londrino *Sadler's Wells Theatre*.

Grupo experimental

Longe vão os tempos iniciais da companhia. Foi fundada como um grupo experimental de dançarinos da Escola de Dança de Pequim, a mais conceituada a nível nacional até hoje. A escola começara em 1954, e, cinco anos depois, já os pioneiros davam os primeiros passos. Naquela altura a influência russa era esmagadora e foi baseada nos seus métodos que a companhia cresceu, tentando não virar costas ao bailado chinês.



Juntos, dançaram *Le Corsaire*, *O Lago dos Cisnes* e *Giselle*, e a CNBC tornava-se, aos poucos, uma das melhores companhias a executar os clássicos. Tinham o método russo e a disciplina chinesa. Encantavam plateias pelo mundo fora.

Em 1966, Mao Tse Tung iniciava a sua revolução cultural, fechando a China ao mundo ocidental, e a CNBC foi proibida de executar coreografias estrangeiras. “Virámo-nos para o bailado chinês, e por causa disso criámos imensas coreografias”, conta Zhao Ruheng. Uma delas foi o *Red Detachment of Women*. Fala na libertação da mulher chinesa, que larga os jeitos frágeis femininos para se tornar forte e independente no Exército de Libertação do Povo. “Nesses 10 anos, só fizemos uma *tournee* internacional, que incluía a Rússia, Albânia e Jugoslávia”, recorda, de sorriso nos lábios. Foi das primeiras bailarinas da companhia, integrando-a em 1961. Hoje dá valor ao intercâmbio cultural que

mantém com companhias de bailado internacional, mas recusa-se a admitir ter a seu cargo uma das melhores e mais versáteis companhias de bailado do mundo. Zhao é exigente consigo e com os seus. E apesar de ter tido uma noite em cheio, já prepara sem descanso a actuação do dia seguinte. Quem lá estará terá pago o bilhete. E para além de fidelidade aos patrocinadores, Zhao acredita na fidelidade ao público.

Às oito da noite, o pano volta a subir, mas os bailarinos já não estão nervosos. Aquecem o corpo, observam a primeira cena onde Romeu galanteia Rosalina, brincam uns com os outros. Conhecem a coreografia de cor e salteado, já a repetiram nos quatro cantos do mundo. E mesmo assim, saem do palco com o suor a escorrer-lhes pelo rosto. Para logo se erguerem, sorriso nos lábios, prontos para voltarem a entrar. Fidelidade ao público. Fidelidade ao ballet. ■

A Dama do Ballet

“Em 1972, quando fazia o bailado chinês The Red Detachment of Women, magoei um pé em palco. Ainda fiz duas operações, mas os médicos disseram que eu nunca mais podia dançar”. Zhao Ruheng tem hoje 64 anos e fala com suavidade no pior momento da sua vida. Tinha 29 anos. Era uma das prima donas da companhia nacional de ballet da China.

Há mais de 50 anos que o ballet é a vida de Zhao. Tinha 11 anos, quando uma representante da escola de dança de Pequim foi à sua terra natal. Naqueles dias, recrutavam-se talentos pelas vilas e aldeias chinesas. O pai morreria cedo e a mãe pouco gostava de vê-la naquela vida, ainda por cima tendo de estudar em Pequim. Mas no cimo dos seus 11 anos, que na China há pouco tempo para infâncias, Zhao decidiu que queria mais da vida. Queria sair daquela província, conhecer mais, ver mais.

A escola abriu portas em 1954, ela entrou em 1955.

Foi sozinha e no internato escolar largou as maneiras provincianas, conheceu a delicadeza. “Nós tínhamos muito bons professores da Rússia, mas também chineses. Ensinavam não só ballet clássico, como kung fu e ballet chinês. Para além disso ainda tínhamos as aulas do ensino normal,” recorda.

Quando se licenciou, recebeu louvores pelo talento demonstrado e logo integrou a companhia nacional de bailado. A companhia começara em 1959 e dois anos mais tarde já ela era uma das dançarinas principais, em tournées pelo mundo. Foi prima dona em bailados como Giselle e O Lago dos Cisnes.

Depois da fatídica noite, Zhao tentou afastar-se do teatro durante cinco anos. Aos poucos foi regressando, voltando a contactar velhos amigos e colegas de palco, até decidir que a sua vida era aquela e que não prescindia da companhia nacional de bailado. Se não podia dançar, outra ocupação arranjaria. Não queria outra vida. Não queria outro amor.

Deu aulas, aconselhou, ajudou, influenciou destinos. “Lembro-me que em 1986, no ano em que a

China se voltou a abrir ao exterior depois da Revolução Cultural, fomos aos Estados Unidos numa tournée de dois meses. Muitos dançarinos voltaram para a China com a vontade de se fixarem lá fora. E muitos partiram”, conta, acrescentando que foram anos difíceis para a companhia.

O sustento era feito com apoios do governo, que não sobravam. Valiam os patrocínios de mecenas e amantes da arte. Mas era sempre uma luta. Em 1993, quando Cantão fundou a sua companhia de bailado, a situação piorou.

“Eles tinham muito mais apoios governamentais do que nós, podiam pagar melhores salários. Eu fiquei deprimidíssima, ballet não era uma questão de dinheiro, mas como lutar contra bons salários oferecidos por companhias chinesas ou internacionais?”

Nesse ano, o Ministério da Cultura chinês designou-a como directora artística. O destino da companhia estava nas suas mãos.

“Foi contactando com companhias de bailado internacional que eu vi como podia incentivar os meus dançarinos: a qualidade é que era importante. Seria através da qualidade do nosso ballet que traríamos mais patrocínios”.

Não é por acaso que o slogan da companhia é trabalhem com empenho, mantenham-se unidos e com os pés no chão. Embora seja considerada uma das melhores companhias de bailado do mundo, a meta está longe de ser atingida. Ainda há muito a corrigir, muito a aprender.

É por isso que Zhao não recusa trabalhos inovadores, coreografias ambiciosas. É por isso que, em mais de 45 anos de existência, a companhia já actuou em salas de todos os continentes. E é por isso que Zhao admite, sem pudor, que os seus dançarinos esforçam-se “pela honra de representarem o seu país com qualidade de movimentos. Eles têm muito orgulho em estar nesta companhia”. E Zhao não esconde o orgulho em dirigi-los.

Com 64 anos, já ultrapassou a idade da reforma, mas até o ministério designar outra directora artística ali continuará, de costas direitas, delicadeza nos traços e suavidade nos gestos, a dirigir os destinos da companhia. ■



**“Os dançarinos
esforçam-se pela honra
de representarem o seu
país com qualidade
de movimentos. Eles
têm muito orgulho em
estar nesta companhia”**

Aplausos que compensam

Quatro barras enchem o cenário onde Romeu e Julieta morreram por amor na noite anterior. As cadeiras vermelhas do auditório do Centro Cultural de Macau estão vazias, e os dançarinos já não brilham sob os fatos do espectáculo. Suam agora com roupa confortável, sapatilhas nos pés, prontos para receber ordens do professor Xu Gang.

Assemblé! Chassé! Glissé! Termos franceses são repetidos à exaustão em terra chinesa. Treinam-se o equilíbrio e as complicadas piruetas. Ao todo, trabalha-se o corpo oito horas por dia. Em dia de actuação, o esforço chega às 10 horas. “Isto é a parte mais difícil da profissão: fazemos os mesmos exercícios todos os dias, e mesmo quando se está muito cansado e os músculos estão exaustos, temos de fazer uma cara feliz nas actuações”, explica Li Jun, de 28 anos.

Com uma média de idades rondando os 24, os 70 dançarinos esforçam-se, uns à frente dos outros, mão suavemente apoiada na barra, olhos no horizonte. Quando o pianista descansa, as meninas riem envergonhadas com a mão à frente da boca. Muitas fazem esforços imensos para manter a forma. Não comer demais, queimar calorias, que a dança pede leveza e delicadeza. Os homens continuam os exercícios, contrariando a teoria de que ballet é dança pouco viril.

Zhang Jian e Hao Bing perdem-se no meio da multidão, sem qualquer lugar de destaque. Dançaram o Romeu e a Julieta da noite passada, mas sabem que o protagonismo não lhes está reservado. Todos os dançarinos da companhia têm direito à glória.

Hoje os amantes proibidos serão Li Jun e Wang Qimin.

Zhang Jian e Hao Bing foram convidados para dançar na Alemanha, não terminarão a temporada em Macau. O resto da companhia rumará a Cantão, e por fim a Pequim, onde iniciará a temporada de Inverno.

Este ano, os 70 dançarinos já actuaram na Grécia, México, Rússia, Coreia, para além de várias cidades chinesas. Há pouco tempo para o descanso de

ossos e músculos. Pouco tempo para abraços familiares ou sequer para uma vida fora de palcos. A justificação para tamanho sacrifício poderia estar num salário chorudo, que garantisse uma reforma descansada, mas nem isso.

Mesmo assim, o número de candidatos aumenta nas audições anuais que os dirigentes da companhia promovem. Vêm maioritariamente da Escola de Dança de Pequim onde durante seis anos aprendem todos os géneros de dança. “Quando acabam as aulas, a sua primeira escolha é sempre a companhia nacional de dança”, explica Zhao Ruheng, a directora artística da companhia. Quem é admitido, ainda terá um ano à experiência pela frente, antes de integrar definitivamente a companhia.

“Esta é uma vida complicada, o esforço, as viagens, mas ouvir os aplausos finais é a nossa recompensa”, explica Wang Qimin, de 26 anos, num dos intervalos do piano. A bailarina entrou na escola de Pequim aos 10 anos, decidida a enveredar pela profissão que a fascinava desde os cinco, quando





não tirava os olhos dos bailados na televisão. “Eu estou na companhia há oito anos, e se o nosso salário aumentar é ótimo, mas o mais importante é que o mundo veja o que é o ballet chinês. Nunca sairia desta companhia!”.

Arabesque Penché! Pás de Valse!

Xu Gang continua a dar instruções. E embora já tenham passado duas horas do início das aulas, o empenho não esfria. Não há tempo a perder, já que esta é uma carreira que termina pelos 45 anos. ■



As horas antes do espectáculo

“Têm de fazer menos barulho quando caem dos saltos! Da plateia consegue ouvir-se as vossas sapatilhas a tocar no chão, mesmo com a orquestra a tocar!”. São quatro da tarde e Zhao Ruheng dá as suas instruções. É ritual seu, desde que iniciou funções como directora artística da companhia, em 1993. Antes de cada actuação, a Madam faz um pequeno discurso de incentivo, aproveitando para corrigir alguma imperfeição. Quer-se qualidade acima de tudo e erros não são admitidos. Em cima do palco, os dançarinos sentaram-se no chão, de pernas cruzadas. Ouvem em silêncio atento. Não é pelo sustento que se esforça o corpo até aos limites da dor. É pelo orgulho.

As aulas continuam após Zhao Ruheng sair de palco. O jantar está marcado para as cinco e meia. Será servido nas instalações do Centro Cultural de Macau, já que, em dia de actuação, os dançarinos estão proibidos de saírem da sala de espectáculos. Entraram às três da tarde e só o abandonarão depois dos aplausos finais de Romeu e Julieta, às dez e meia da noite.

Alguns andam de toalhas enroladas às sapatilhas para não deixarem esfriar o seu maior potencial. A ameaça de distensão ou inflamação dos músculos é o pior pesadelo de um dançarino, e os pés são uma das grandes preocupações.

O espectáculo começará às oito da noite com bilheteira esgotada. Às seis e meia começam os preparativos, já que as regras da companhia mandam que estejam todos vestidos, pintados e de corpo quente meia hora antes do espectáculo.

Os 70 artistas vão-se espalhando pelos vários camarins. A televisão está ligada, uma balada americana sai da aparelhagem, mas ninguém lhe dá atenção. Homens e mulheres, ainda com roupa do século XXI, transformam-se, sem pressas. Pintam donzelas e heróis, idosos e crianças, fidalgos e damas. Sobre as bancadas, espalham-se sombras azuis, verdes, rosas, batons vermelhos, pincéis de vários tamanhos e feitios. Misturam-se com telemóveis de última geração, garrafas de água e de refrigerante. Pouco se fala naquelas salas. Uma distração poderá atrasar tudo.

Todos tiveram aulas de maquilhagem de espectáculo e tanto homens como mulheres são hábeis na arte da caracterização. Carregam na cor para que até o público mais distante lhes admire as feições.

Escondida debaixo do palco, a orquestra já ensaia os acordes. O acne de Wang Qimin vai lentamente desaparecendo sob a pele suave de Julieta. O franzino Li Jun cresce num herói romântico e invencível.

Aos poucos cada um vai dando o seu trabalho por acabado. Vêm formosos nas suas sedas de cores garbadas, andar tranquilo, olhar firme de quem tem uma missão pela frente. Não há correrias. Não há nervosismos, nem imprevistos. Não há atrasos, nem almas perdidas. Toda a gente está onde devia estar.

Cinco minutos ante de o pano subir, já todos estão vestidos, maquilhados e quentes nos bastidores. Dão-se ao luxo de brincarem uns com os outros, como se não estivessem prestes a serem avaliados por centenas de pessoas. ■

A gravação pede ao público para desligar os telemóveis. Nos bastidores, passa uma mulher com uma caixa de costura, os bailarinos estão prontos e ajeitam as últimas pregas dos fatos. O ambiente é sobretudo de união. “Acho que está é uma das razões para não querer largar esta companhia: é que estamos todos a caminhar para o mesmo objectivo e sentimos que estamos no mesmo barco”, descreve o Romeu desta noite, Li Jun. Depois da primeira cena com Rosalina vem suado e é recebido pelas colegas, que fazem de camponesas. Elas batem-lhe palmas em surdina pela qualidade demonstrada. Mal sorri, pega num lenço, limita-se a passá-lo suavemente pelo rosto para não esborratar a maquilhagem. Volta a entrar.

No cenário do mercado, encetou-se uma briga, voa fruta de plástico, que mais parece verdadeira aos olhos do público. O entusiasmo em palco atira fruta para os bastidores. Quem espera a sua vez de entrar, ri com a algazarra e corre a apanhar as maçãs de um vermelho luzidio. Na cama onde morrerão os amantes, deitam-se os bailarinos, à espera. Outros aconchegam-se ao lado do palco, admirando uma coreografia que já viram centenas de vezes. Parecem ser os maiores fãs uns dos outros. E na cena em que Romeu sobe a varanda de Julieta, o silêncio nos bastidores é completo.

Acendem-se as luzes na plateia. Intervalo de dez minutos, informa a gravação. No palco tapado, brinca-se e treinam-se movimentos da segunda parte. Uma das ciganas magoa-se no joelho direito. É uma das mulheres fáceis da peça, amando a quem a queira amar. É cigana alegre, de dançar com garra e entusiasmo. Senta-se no chão, os colegas logo a rodeiam, um deles corre a chamar o massagista de serviço, que aparece prontamente para logo desaparecer de novo. Quando regressa, já a cigana está de pé, a ensaiar. As suas feições ainda mostram sofrimento e ela agradece o spray que o massagista lhe coloca no joelho. Tenta sorrir, mas dentro de dois minutos o pano voltará a subir, e a cigana continuará a galantear os homens no mercado de Verona. A bailarina não pode fraquejar.

As luzes baixam, levanta-se o pano e ela sorri, volta a ser cigana de amor fácil, animada e descontraída. Nem tenta tirar esforço à perna aleijada, os movimentos estão lá, como se nada fosse. Sun Jie pouco dança. Já tem 40 anos e é o mais velho. Hoje tem só papéis secundários, mas já foi dos maiores bailarinos da companhia. “O ballet é a mais bonita forma de arte e a mais difícil de dominar”, explica. A experiência leva-o a observar a fineza dos movimentos do palco e saber reconhecer o que tem de ser melhorado. Já anda a assistir a ensaios e aulas para se tornar instrutor da companhia. É o passo lógico após um final de carreira. Não está triste. Foram muitos anos, muitos palcos, muitos teatros. “Esta é a minha companhia. E não quero mais nenhuma”.

No palco, Julieta percebe a morte do seu amor, larga a adaga no corpo, morre na cama onde descansaram os colegas nos bastidores. ■

Quando o pano sobe



Servir arte local à mesa, misturada com alguns sabores e um bom vinho a acompanhar. Foi com este apetite que nasceu o edifício St. Paul's Corner. O restaurante foi o primeiro a estrear o complexo e, apesar de ter algumas obras expostas, disponíveis para venda, é na porta ao lado que é servido o prato principal. De facto, o complexo arquitectónico, recentemente renovado, para além do estabelecimento comercial, é também composto por uma galeria de arte, salas de reuniões e conferências, ateliers de artistas e um bar esplanada no terraço. O projecto, de um grupo de empresários que investiu na restauração, abriu assim uma oportunidade (e um espaço) aos artistas de Macau

Arte à

mente renovado, para além do estabelecimento comercial, é também composto por uma galeria de arte, salas de reuniões e conferências, ateliers de artistas e um bar esplanada no terraço. O projecto, de um grupo de empresários que investiu na restauração, abriu assim uma oportunidade (e um espaço) aos artistas de Macau



Moda da Casa

Num dos cantos da zona das Ruínas de São Paulo, na travessa com o nome do mesmo santo, nasceu, no final de 2007, um espaço para os artistas locais. O edifício de valor histórico, da porta número três à sete, ficou com cara renovada e novos interiores, através do investimento de um grupo de empresários. O projecto comercial foi desenhado a pensar sobretudo na restauração, mas a arte teve desde início uma palavra a dizer. “Há uns quatro, cinco anos encontrámos este edifício capaz de tornar-se numa atracção turística, um ponto de encontro social onde podíamos juntar arte e gastronomia. Sentimos que podíamos dar-lhe um significado que pode durar séculos, criar uma imagem de marca que pode durar para sempre, já que o edifício é histórico e é para ficar”, explica Derek Lam, o coordenador do projecto.

Decidida que estava a combinação gastronomia-arte, iniciaram-se as conversações para escolher os inquilinos dos espaço artístico.

Apesar de estar de olho na comunidade artística local, o grupo de investidores começou por contactar artistas de Hong Kong e do interior da China. “Os artistas de Macau eram o alvo inicial, mas como a indústria criativa local ainda não está desenvolvida, iniciámos contactos com as regiões vizinhas”, esclarece Derek Lam.



No entanto, esta corrida artística acabou por ser uma vitória para Macau, dado que “acabámos por aceitar a proposta de um grupo de artistas locais, porque juntos e com o passar do tempo poderemos dar um impulso à arte de Macau, aos produtos locais”, afirma o coordenador deste projecto comercial.

Segundo a proposta vencedora, o espaço artístico é totalmente destinado aos artistas locais. “Propusemos que os *ateliers* fossem alugados a um preço mais reduzido a artistas locais e que a galeria fosse gerida por nós”, explica James Chu, director artístico do projecto. A proposta foi aceite, tal e qual o esboço inicial, à excepção do prazo de acordo pretendido. Em vez de cinco, o grupo de artistas, entretanto baptizado de AFA (ver caixa), tem dois anos para mostrar o que vale. “Desde início que dissemos que queríamos transformar isto num espaço de arte contemporânea para os artistas locais”, refere com orgulho James Chu. Derek Lam também está optimista quan-

Numa primeira fase, a galeria e o espaço circundante vão ser os locais privilegiados da arte e da cultura, apesar de não existirem fronteiras

to à combinação e, por isso, acredita que “numa terra que está a perder o significado, repleta de casinos e dominada pelas questões comerciais, a arte poderá reduzir o efeito negativo do jogo. Temos potencial para criar uma imagem de marca”.

Bianca Lei, uma das seis artistas que ocupa os *ateliers* do segundo andar do edifício, é toda sorrisos quando fala do *St. Paul's Corner*. “Mesmo que a arte possa não ser a área destes empresários, eles sabem o que querem, têm uma ideia clara. Querem criar uma certa atmosfera. Mesmo que indiretamente, eles também ganham algo através dos nossos trabalhos”, afirma a jovem que se divide por diferentes expressões artísticas, como a pintura ou a instalação.

Curiosamente, antes da Galeria das Ruínas de São Paulo ter-se cruzado no seu caminho, estes criadores locais já estavam à procura de um estúdio, onde todos pudessem reunir-se. Acabaram por encontrar seis vezes mais do que isso. “Queremos muito fazer algo, não apenas ocupar o espaço. Queremos criar uma imagem, um símbolo de Macau”, garante Bianca Lei, aliás, Lei Sio Chong.

Como um Mestre Europeu

As mudanças foram feitas na recta final do ano, cerca de um mês depois do grupo de artistas ter criado a Associação “Art for All” (AFA) ou Arte para Todos, na versão portuguesa. A galeria, no rés-do-chão do edifício, paredes meias com o *The Corner's (Wine Bar & Tapas Café)*, abriu oficialmente as portas em Dezembro. Pintura, fotogra-

fia, instalação e litografia, dos seis criadores residentes, foram as primeiras formas de arte a ocuparem o espaço. A localização atraiu de imediato os (muitos) olhares que ali passam diariamente em busca das Ruínas. “As primeiras reacções são de espanto. As pessoas, sobretudo turistas ocidentais, dizem logo que temos muita sorte, devido à localização e à dimensão da galeria”, conta Bianca Lei. Um interesse que não se tem ficado pela admiração, há cada vez mais quem queira comprar as obras expostas.

É preciso passar para a porta ao lado e subir um andar, para se chegar a uma espécie de ‘sala dos negócios’. Um local de reuniões, arquivo e onde se guardam peças de arte de qualquer artista da terra. Desta forma, os visitantes interessados em adquirir peças não estão limitados à galeria e à exposição do momento e, quem cria, tem um local permanente onde pode mostrar-se ao público comprador.

Mais uns degraus, até ao segundo (e último) andar, encontram-se os seis estúdios, tantos quantos o número de artistas que os ocupam. Ng Fong Chao, à semelhança de Konstantin Bessmertny e James Chu, faz parte da metade vencedora, ou seja, do grupo que teve direito aos três maiores estúdios. “Eu adoro o espaço, quando estou a trabalhar sinto-me como um mestre europeu. Sinto que tenho um enorme poder para ser artista e tenho vontade de criar mais”, conta divertido o pintor, fotógrafo ou artista performativo, enquanto admira as paredes e janelas inclinadas das águas-furtadas.





Nasceu em Novembro de 2007, um mês antes dos seis artistas se mudarem para os estúdios e da galeria abrir as portas. De facto, a Art For All (AFA) ou, em língua portuguesa, a Associação Arte para Todos, não podia ser adiada. “Precisávamos de estar organizados para gerir a galeria, para negociar com a empresa proprietária do espaço, para dialogar com o governo possíveis cooperações”, esclarece James Chu.

O projecto, apesar de ter acelerado a sua criação, é apenas uma das muitas razões da AFA. A associação, actualmente com cerca de uma dúzia de membros, quer chamar e unir os artistas locais e criar um espaço privilegiado de discussão da arte contemporânea. “Não é uma questão de amizade ou de amigos, o que importa é juntarmo-nos para ganharmos mais poder, ter uma voz mais forte e ajudar a criarmos uma melhor carreira”, explica Bianca Lei.

Uma voz que, de acordo com James Chu, o também presidente da AFA, “quer promover os jovens talentos, mesmo aqueles que ainda estão a prosseguir os estudos. Juntos será também mais fácil encontrarmos apoios e patrocinadores, quer junto do governo, quer do mundo empresarial”.

Porque é de arte que se fala, a organização de exposições ou exhibições públicas é um objectivo que não escapa à AFA. Numa primeira fase, a galeria e o espaço circundante vão ser os locais privilegiados da arte e da cultura, apesar de não existirem fronteiras. “Não queremos ficar parados, pretendemos participar em feiras e outros eventos sobre arte em Xangai, Pequim ou Hong Kong, onde podemos pesquisar, aprender e trocar mais”, adianta Bianca Lei.

A Associação marca ainda uma nova fase da comunidade artística local. “Não se trata de (gerir) um espaço, estamos num outro nível, é altura de olharmos para além de Macau, para toda a cena artística, para o mercado global”, defende Ng Fong Chao, para quem o mercado local é muito redutor. Segundo o artista multifacetado, não é importante onde se cria, mas para onde se está a olhar. E os olhos, mesmo os de Macau, devem estar focados em todo o mercado internacional.

A AFA espera poder crescer e conseguir lançar os alicerces de um modelo que faz sucesso em Hong Kong ou em Pequim. “juntar todos os artistas numa zona da cidade. Alugar velhos edifícios industriais e armazéns, como acontece em Pequim, criando assim a zona cultural e artística do território”, revela Bianca. Uma única zona de criação, partilha e exposições, aberta ao público.

Enquanto essa zona não chega, a AFA oferece-se para ser a porta de acesso aos artistas locais. “Se alguém quiser conhecer determinados artistas ou trabalhos, pode vir até nós”. O convite está feito. ■

Bianca Lei (como também Tong Chong e Kent Iong) não faz parte dos três “sortudos”, mas só tem palavras de felicidade. “Desde que regresssei a Macau tenho trabalhado em casa, mas não gosto, é uma grande confusão. Agora que tenho o meu estúdio posso concentrar-me, gosto muito, faz-me lembrar os tempos em que tinha o meu *atelier* no Reino Unido. Comecei logo a criar coisas aqui”, revela com o tal sorriso.

A proximidade física entre os seis parece contribuir igualmente para o processo criativo, já que “mesmo que esteja a trabalhar sozinho, gosto de saber que há gente à minha volta”, admite Ng Fong Chao. Para Bianca Lei, “cria-se uma atmosfera especial, um local que é de encontro entre os seis e de troca de opiniões.”

Artista (nas horas vagas)

Gostariam de entregar-se de corpo e alma, mas em Macau é missão (quase) impossível ser-se artista a tempo inteiro. Por isso, quem tem amor e se dedica à arte, vive de um outro emprego. “Macau é pequeno, não tem um mercado de arte, nem muitas salas de exposição. Temos que ter um outro emprego, o que nos tira a concentração”, lamenta Bianca. A jovem artista, formada no Reino Unido, refere ser preciso mostrar à população de Macau o que tem sido feito nesta área. “Muita gente pensa que a arte contemporânea limita-se à pintura e à escultura, os meios tradicionais. É preciso dar a conhecer as outras formas”.

Todos reconhecem que sem apoios e patrocínios, é difícil montar uma exposição ou uma arte performativa. “Para nós, a maioria artistas a tempo parcial, é duro. Neste momento, são precisas políticas culturais do Governo, não apenas apoios avulsos. Com a política certa, as coisas

seguirão muito mais depressa”, garante James Chu, homem dedicado à pintura, à instalação ou litografia. O director artístico sugere, por exemplo, que sejam dadas bolsas de estudo a jovens talentos que queiram desenvolver os conhecimentos e as aptidões artísticas. James acrescenta que seria importante que os Serviços de Turismo incluíssem nas campanhas promocionais informações sobre a arte contemporânea de Macau. “Para que as pessoas de fora fiquem a saber o que se está a fazer cá nessa área e, caso visitem a RAEM, possam saber onde procurar e apreciar as criações artísticas”.

Não há, porém, uma atitude pessimista, como, aliás, a criação da galeria veio provar. “Durante muito tempo, os artistas locais criavam para se entreterem, para se sentirem felizes. Mas a sociedade mudou, agora temos uma outra responsabilidade, o nosso papel mudou”, esclarece Ng Fong Chao. Apesar da alteração de papéis, o artista com experiência na arte performativa, continua a insistir na total separação entre, por um lado, artistas e criatividade e, por outro, mercado e comércio. “Os artistas têm que estar concentrados no trabalho, não há relação directa com as galerias, vendas ou audiências”, sublinha o ‘mestre europeu’.

Os sinais de mudança já se reflectem também no próprio público de Macau. “Há pessoas novas no território, sobretudo estrangeiros que trabalham nas grandes empresas e casinos. Querem saber o que está a ser feito, querem conhecer o trabalho dos artistas locais, querem até comprar, porque vêem isso como um investimento. Ao contrário das pessoas de cá, estes estrangeiros estão mais habituados a apreciar e a comprar”, esclarece o director artístico. Por isso, não tem dúvidas, esta galeria “foi um grande e muito importante passo”. ■



“... são precisas políticas culturais do Governo, não apenas apoios avulsos. Com a política certa, as coisas seguirão muito mais depressa”

James Chu



É um raciocínio elementar: se a galeria pretende estar aberta todos os dias do ano, então, é necessário existirem sempre obras expostas, de preferência nunca as mesmas. Por essa razão, os membros da AFA, que gerem o local, planearam todo o ano de 2008, estando a agenda de exposições já sem espaços de sobra, com todos os meses preenchidos.

No início deste ano, ainda estava patente a exposição colectiva que inaugurou a galeria, com obras dos seis artistas residentes no The Corner's.

Ng Fong Chao teve direito à primeira exposição individual, Tong Chong e, logo a seguir, James Chu foram os nomes seguintes a entrar em cena. De facto, as exposições individuais vão dominar o ano, à excepção do Verão, reservado para uma colectiva com sabor a festival. "Haverá uma colecção de arte, não só de nós os seis mas também com mais artistas locais e com estudantes que já revelem grandes qualidades artísticas", explica o director artístico.

Apesar do cenário ser animador, pelo menos no que respeita à agenda dos trabalhos, James ainda não está satisfeito. "É muito cedo, ainda não temos nome, temos que ir devagar, precisamos de pelo menos um ano para termos o nosso lugar próprio de qualidade", defende o artista e director. Um ano durante o qual será preciso apostar na promoção, no contacto com os órgãos de comunicação social, inclusivamente de Hong Kong e de outras cidades vizinhas, como explica James, "para chegarmos a um grande número de pessoas. Depois desse primeiro ano, o segundo será para melhorar e consolidar". E esperar que o projecto se prolongue para lá dos dois anos acordados com o grupo de empresários. Criada a fama, será depois mais fácil obter os apoios das várias instituições e empresas.

"Para nós tudo isto é novo e fresco. Apesar deste conceito não ser novo, para nós acaba por ser porque é a nossa estreia. Em Macau, não existem sítios de iniciativa privada como este. Este é um local e um projecto únicos", elogia um dos principais líderes da iniciativa. A julgar pelas palavras de James, a AFA tem até ao final de 2008 para captar as atenções, factor determinante para o futuro desta galeria made in Macau. ■

Um ano de agenda cheia

Exposição Colectiva dos Artistas de Macau

A “Exposição Colectiva dos Artistas de Macau” tem-se assumido como uma celebração da produção artística local ao exhibir os melhores trabalhos das escolas orientais e ocidentais.

Ao longo deste 23 anos, tornou-se num evento de grande importância no seio da cultura local e, recentemente, deu um grande passo no sentido da sua internacionalização. Desde 2005, esta exibição tem viajado até Pequim e Las Vegas (EUA), proporcionando assim a necessária projecção internacional aos artistas locais.

Esta exibição que agora se inaugura recebeu 226 obras para selecção, num conjunto de 76 trabalhos de pintura chinesa, 24 de pintura ocidental e 86 trabalhos de caligrafia. Deste lote alargado, foram seleccionadas para exposição 17 pinturas chinesas, 15 pinturas ocidentais e 22 caligrafias.

Galeria de Exposições Temporárias do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, até 9 de Março



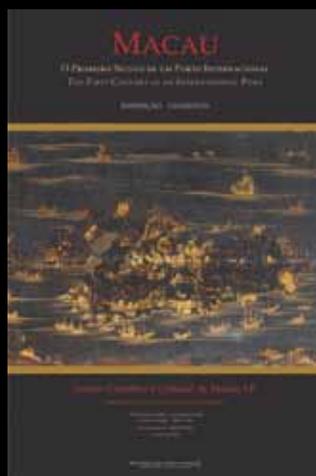
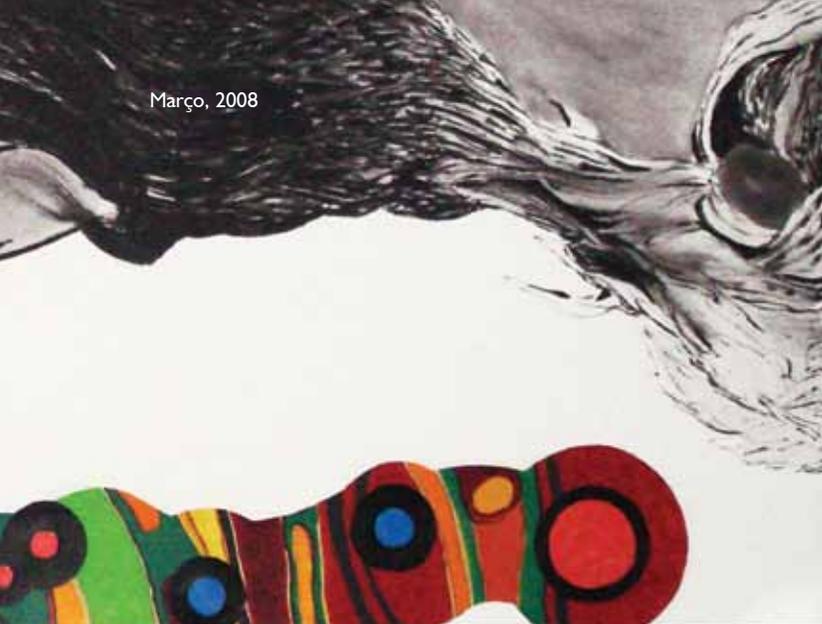
Paixão pela Natureza

Esboços e Desenhos de Gau Jianfu

Natural de Panyu, província de Guangdong, Gau Jianfu usou os nomes Lun e Jue Ting. Mestre Gau é pioneiro da reforma da pintura chinesa no período que corresponde aos finais da dinastia Qing e princípios da República da China, líder militar da Liga Revolucionária (Tongmenghui) na Revolução de 1911.

Mestre Gau é fundador da escola de pintura Lingnan, devido à sua experiência técnica na pintura da paisagem, flores, pássaros, animais, pintura de figuras e caligrafia chinesa. Esta exposição permite uma retrospectiva e uma reflexão em torno da obra do pintor e compreender a importância do espírito inovador da escola Lingnan.

Museu de Macau, até 19 Março



Testemunhos do Império Qin

Exposição especial de relíquias culturais do Museu do Palácio

Mais uma vez Macau junta-se ao Museu do Palácio para mostrar as relíquias do império Qing, a última dinastia feudal da China.

Os Manchu governaram a nação segundo um princípio de punição e recompensa. Por um lado, esforçaram-se por manter a sua própria supremacia e posição privilegiada – por exemplo, forçando o povo Han a adoptar o estilo de vestuário e de penteado Manchu – por outro, eram protectores e herdeiros da cultura tradicional chinesa através de uma série de medidas que foram bem recebidas pela população Han e se destinavam a assegurar o seu apoio, em particular o da classe intelectual. Na realidade, estas medidas foram tão eficazes que permitiram restabelecer a estabilidade social.

Uma realidade retratada nesta exposição com objectos que marcaram a história da China.

Museu de Arte de Macau, até 16 de Março

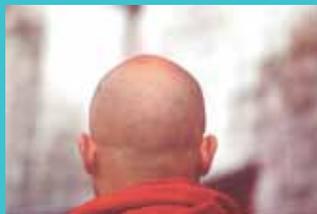
Uma terra de Peregrinos

Maria João Belchior

A autora é jornalista. Vive em Pequim e fala mandarim. Este trabalho resulta de uma viagem de 20 dias ao Tibete antes da abertura da linha do comboio, em 2005. São vinte fotos no total que passam mais pelos tibetanos que pelas paisagens.

A viagem começa no Loshar, ano novo tibetano, e que nem sempre corresponde ao chinês, altura em que Lhasa se enche de peregrinos que descem das montanhas até à cidade. Uma realidade retratada nesta exposição.

Habitus, S. Brás de Alportel, Portugal, até 31 de Março



Macau - O Primeiro Século de um Porto Internacional

É uma exposição que ilustra as relações entre Portugal e o Oriente, sobretudo o Sudeste Asiático. A mostra abrange três períodos da história de Macau e do relacionamento sino-português, entre a década de 1540 e o longo período de transição dinástica chinesa, da Ming para a Qing, que só terminou na década de 1680.

Entre as 60 peças originais datadas dos séculos XVI e XVII, estão documentos cedidos pela Torre do Tombo e pela Biblioteca Nacional que dizem respeito aos primeiros anos de Macau e ainda uma coleção de porcelanas chinesas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra. Entre os trabalhos em exposição também marcas de Macau actual, através de um desenho de Carlos Marreiros.

Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, até 31 Março



Quatro estações, acrobacias chinesas Grupo de Guizhou

Quatro estações é um circo de vida sem princípio nem fim, trazido a Macau por um grupo de acrobatas de Guizhou que apresenta uma performance que combina a essência das acrobacias tradicionais e as ideias contemporâneas de música, dança e artes marciais.

A acrobacia chinesa tem uma forte conotação nacional e já existe na China há mais de dois mil anos. Os acrobatas chineses desenvolveram um estilo próprio sendo que a acrobacia antiga se desenvolveu a partir do modo de vida das pessoas e tinha uma estreita ligação com seu trabalho produtivo.

*Anfiteatro Romano, Doca dos Pescadores
Até 30 de Maio*



Charlie
Chaplin

Charlie Chaplin Remixed

Carl Davis e músicos da Orquestra Filarmónica de Hong Kong

Charlie Chaplin é um ícone do cinema mudo, gravado na memória colectiva pelo seu casaco apertado, calças e sapatos grandes demais, um chapéu de coco, bengala e bigode farto. Mas Chaplin além de actor, também dirigiu, encenou, produziu e até compôs bandas sonoras para os seus filmes.

Agora, em pleno século XXI, um dos mais conceituados e relevantes compositores e directores musicais do mundo, Carl Davis, revisita o trabalho de Chaplin e dá um novo toque a clássicos como "O Imigrante" e "Charlot na Rua da Paz".

Um espectáculo que promete ser uma experiência musical que reúne as composições de Carl Davis e 17 músicos da Orquestra Filarmónica de Hong Kong em volta da estrela do cinema mudo, Charlie Chaplin.

*Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
21 a 23 de Março*

ART

Teatro de Repertório de Hong Kong

Art é a comédia mais conhecida de Yasmina Reza, uma das mais relevantes dramaturgas do teatro contemporâneo francês. Na primeira cena de *Art*, três amigos discutem acerca de uma dispendiosa pintura a óleo que um deles adquiriu recentemente. O debate desencadeia uma série de explosões emocionais que tanto provocam o riso como comovem o público, veiculando ainda várias reflexões sobre as incongruências da vida.

*Centro Cultural de Macau, Pequeno Auditório
25 a 27 de Abril*



Celine Dion

A cantora canadiana vai estar em Macau para um concerto integrado na *Taking Chances World Tour*, que começou em Fevereiro e inclui espectáculos na África do Sul, Japão, Macau, Coreia, Austrália, Xangai, Pequim, Europa, Canadá e Estados Unidos.

Celine Dion começou a carreira aos 12 anos, mas só em 1992 começou a coleccionar prémios. Dos seus temas mais conhecidos destaque para *My Heart Will Go On*, banda sonora do filme *Titanic*, *Because You Loved Me* e *It's All Coming Back To Me Now*

Arena do Venetian, 15 de Março

Recital de Piano de Angela Hewitt

O Cravo Bem Temperado de Bach

Angela Hewitt é actualmente a mais conceituada intérprete de Bach. A ilustre pianista embarcou no projecto de gravar todas as peças centrais de Bach. Agora, chegou o momento de comemorar esse investimento com uma digressão mundial, na qual o público de Macau terá o privilégio de participar. No Centro Cultural, a pianista canadiana tocará o *Cravo Bem Temperado* (Livro 1) de Bach.

*Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
22 de Abril*

ESPECTÁCULOS

Revisitar os primórdios de Macau: para uma nova abordagem da história

Jin Guo Ping e Wu Zhiliang

Este livro conta com treze estudos em português dedicados às origens de Macau e aos interesses sino-portugueses para a fundação do enclave.

Este livro tem como base documentos em línguas tão distintas como o mandarim, português ou italiano e que mostram que os primeiros portugueses em Macau obtiveram a residência com o pagamento do foro e lhes foi oficialmente dada autonomia administrativa pelo vice-rei de Cantão. O livro apresenta ainda uma explicação para o interesse chinês em receber e manter os primeiros portugueses: de acordo com Jin Guo Ping houve “sobretudo o reconhecimento da superioridade militar dos portugueses”.

2007, Co-edição do IPOR e da Fundação Oriente, Macau



Camões em Macau, uma certeza histórica

Eduardo Ribeiro

Camões esteve ou não em Macau? A pergunta chave deste livro que prova, baseado em factos, que o poeta Luís de Camões terá chegado a Macau em 1563, onde ocupou o cargo de provedor-mor dos defuntos ausentes. Um ano depois terá regressado a Goa, numa viagem marcada pelo naufrágio no rio Mecong e do qual o poeta se terá salvo a nado na posse do manuscrito d' Os Lusíadas. Essa é a convicção do autor, jurista em Macau, que procurou reunir várias peças de um *puzzle* histórico. Esta é uma homenagem de Eduardo Ribeiro a Camões, a Macau e aos filhos da terra que, mesmo depois da erosão da memória continuam a acreditar que Camões passou por Macau.

2007, COD, Macau

A Cidade e a Infância

José Luandino Vieira

Um conjunto de histórias de infância que retrata o ambiente difícil que se vive nos musseques, onde condições de vida violentas empurram jovens para a prostituição e crianças para a fome. O livro traz dez narrativas breves, inspiradas na infância do próprio autor, vivida nos bairros pobres de Luanda, em companhia de meninos negros e mestiços. O volume inclui algumas das *estórias* mais conhecidas do autor: *Companheiro*; *O nascer do sol*; *A cidade e a infância* e *A fronteira de asfalto*.

2007, Oficina do Livro, Lisboa



Sentir o Património

Carmo Correia

Uma homenagem a Macau onde a autora reside há sete anos. São fotografias a preto e branco de um Macau que passa despercebido, incidindo sobretudo nos detalhes do património local classificado em 2005 pela UNESCO.

Uma descoberta de Macau através da imagem que, segundo Carmo Correia, “proporciona ao fotógrafo vários caminhos de afirmação, seja através do recorte da paisagem, do conjunto arquitectónico ou do seu detalhe, como o recorte original de uma estrutura urbana, figuras esculpidas na pedra ou um pequeno recanto do edifício que o identifica no seu todo.”

2007, edição da autora, Macau

Combate por Cabo Verde

Felisberto Vieira

Dirigente político há mais de 30 anos, o autarca da Cidade da Praia é formado em sociologia, tendo a sua experiência resultado nestas anotações políticas e sociológicas, reunidas em livro. O autor pretende contribuir, desta forma, para o alargamento da discussão e reflexão aprofundadas sobre o país e a inserção de Cabo Verde no âmbito mundial, quer a nível político, quer económico. O título reúne *Anotações políticas e sociológicas* do presidente da Câmara Municipal da Praia e conta com prefácio de Jorge Sampaio, antigo Presidente da República Portuguesa, e de Pedro Pires, Chefe de Estado de Cabo Verde.

2007, Alfa Comunicações, Praia, Cabo Verde

Architecture Culture Environment Macau

Sales Marques e Carlos Marreiros

A obra resulta das comunicações de um seminário que foi pensado como um curso de licenciatura, depois de mestrado e que acabou em palestras porque o curso não avançou.

Esta obra reúne 15 contribuições, a

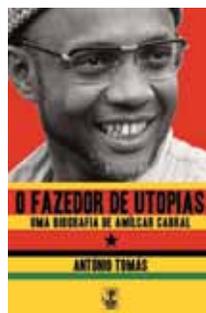
maioria de italianos sendo que as áreas abordadas são diversas: desde o património à patologia dos matérias. Embora seja um livro técnico conta com varias imagens, simulações e fotografias. A obra aponta também soluções no que diz respeito ao património cultural, as doenças que mais o podem afectar e a sustentabilidade da construção.

2007, Instituto de Estudos Europeus e Polipress-Politecnico di Milano, Macau

O Fazedor de Utopias

António Tomás

A primeira biografia de Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), da autoria do escritor angolano António Tomás no âmbito do programa “Criar a Lusofonia”, do Instituto Nacional de Cultura de Portugal. Uma obra que, de acordo com o autor, vai permitir um maior conhecimento



“do processo que conduziu à luta de libertação da Guiné e Cabo Verde e mais tarde à sua independência e àquilo que hoje Cabo Verde é”.

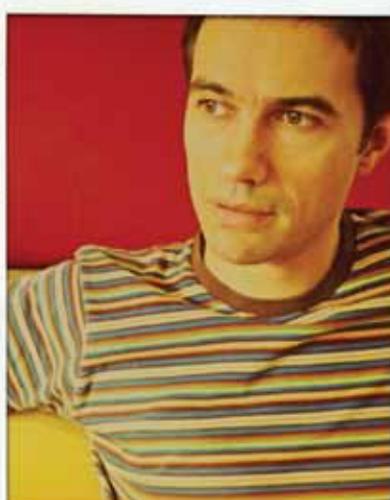
2007, Tinta da China, Lisboa

A Canção de Amor e Morte do Alferes Christoph Rilke

Rainer Maria Rilke

O texto, dividido em 34 partes, relata poeticamente a participação na guerra de um antepassado do autor. Quando foi publicado, em 1906, este livro tornou-se num *best-seller*, tendo vendido mais de um milhão de exemplares, número notável para a época. Trata-se de uma edição bilingue Português-Alemão. A versão portuguesa é assinada por Carlos Morais José.

2007, COD, Macau



DAVID FONSECA

DREAMS IN COLOUR



Dreams In Colour, David Fonseca

É o terceiro disco a solo de David Fonseca, que conta com 10 originais e uma versão de *Rocket Man* de Elton John.

Um trabalho que segundo o autor nos transporta para o seu mundo imaginário; “uma espécie de viagem ao meu mundo novo, cheio de novas descobertas e surpresas, talvez por sentir que a minha música está cada vez mais perto do que vejo e do que sinto”.

Este novo álbum marca também o regresso de David Fonseca à realização de videoclips.

Universal Music, 2007



Nove e Meia no Maria Matos

Sérgio Godinho

Um trabalho que mostra como é possível manter uma carreira duradoura sem cair em revivalismos. As velhas canções de Sérgio Godinho continuam a fazer todo o sentido. Gravado ao vivo em quatro concertos esgotados no Teatro Maria Matos, “Nove e Meia...” é em grande parte apoiado nas canções do álbum recente “Ligação Direta”. E aí se pode atestar da importância presente e futura de “Só Neste País e Marcha Centopeia”. No total são 18 canções unidas por arranjos de Nuno Rafael, músico que acompanha Sérgio Godinho há cerca de sete anos.

Universal, 2008

susana félix

Pulsção, Susana Félix

Susana Felix está de volta com alguns dos temas mais emblemáticos da sua carreira. O quarto trabalho, "Pulsção", conta com temas anteriores da autoria de Mafalda Veiga, Sérgio Godinho e Pedro Malaquias, e ainda dois da sua autoria: "Amanhecer e Bem na Minha Mão".

Pulsção é um disco criativo onde há novos caminhos, novas soluções e roupagens diferentes para temas já bem conhecidos como "Mais Olhos que Barriga" e "Flutuo".

Farol, 2007



Jardim, Tiago Bettencourt

Jardim é o primeiro álbum que Tiago Bettencourt edita fora dos Toranja e para o qual convidou os músicos Pedro Gonçalves (contrabaixo) e João Lencastre (bateria), apelidados de Mantha.

O disco foi gravado no estúdio Hotel2Tango, em Montreal, e produzido pelo músico canadiano Howard Bilerman, que já trabalhou com os *Arcade Fire* e com os *Goodspeed You! Black Emperor*.

Este trabalho apresenta 14 músicas, todas elas cantadas em português, entre as quais "Voo", "O Jogo", "Outono", "O Lugar", ou "Canção Simples", e onde pontuam violinos discretos, palmas, vozes distorcidas, guitarras sobrepostas e melodias ao piano.

Universal, 2007



Catherine Bjerke Herédia

O acto de pintar está-me no sangue

Não existe mais do que uma mão cheia de noruegueses em Macau. Um deles chama-se Catherine Bjerke Herédia, que responde em português com um ligeiro sotaque. Filha de uma portuguesa e de um norueguês, vive em Macau há 15 anos e acaba de iniciar duas novas carreiras: decoradora/agente imobiliário e pintora. Ainda hoje, quando pensa na família e depois de mais de dez anos “fora”, tem vontade de chorar. Catherine tem seis irmãos e 21 sobrinhos.

De onde veio a veia artística que tem manifestado nas recentes exposições, colectivas e individuais?

Não sou uma profissional da pintura, não tenho o curso, mas o meu pai e avô são arquitectos, a minha mãe e tias pintam, uma dela é pintora profissional. O acto de pintar está-me no sangue.

Tem três filhos pequenos, trabalha e pinta. Como coordena tudo isso?

Antes de mais começo o dia com um *jogging*. Depois é que vou trabalhar. Decoro apartamentos, trabalho numa empresa que se encarrega da sua gestão, venda e aluguer. Não é um trabalho das nove às cinco, mas gosto imenso. Pinto em casa, por vezes com os meus filhos, que me dão as suas opiniões e comentam o meu trabalho. Há tempo para tudo.

Se pudesse dedicava-se apenas à pintura? Como define o seu trabalho?

Hoje em dia penso que poucos conseguem viver só da pintura. Se pudesse dedicava-me só a ela.

Pinto o que me apetece no momento. Não atribuo a inspiração a nenhum momento especial. Por vezes sigo sugestões, arrisco outras cores, muitas vezes frente à tela não tenho nada em mente e começo a pintar.

Como vê o panorama artístico local?

Penso que Macau oferece boas condições para quem gosta de pintar e quer fazê-lo. Há instituições que dão apoios, como o Centro de Indústrias Criativas, e permitem uma maior dedicação à arte. Mas há espaço para mais. No entanto, se uma pessoa quer aventurar-se nesta área Macau é seguramente um local onde isso pode acontecer.

Como veio parar a Macau?

Vim a Macau pela primeira vez em 1989, a minha irmã, que estudava mandarim em Oslo, escolheu vir para Macau estudar os arquivos históricos locais. A dado momento necessitou de ajuda e eu vim dar-lhe uma mão. Foi quando conheci o meu marido. Dois anos depois estava em Macau definitivamente e casada.

Gostou do que viu?

Não havia nada aqui! Gostei de sentir as diferenças culturais, a comida era tão diferente, a vida em geral era diferente da Europa. Mas adaptei-me rapidamente, porque desde pequena que tenho essa facilidade. Quando era nova, e fiz isso durante 15 anos com a minha família, todos os anos íamos da Noruega para Portugal passar dois meses de férias, e íamos de carro com uma caravana atrelada! Os sete irmãos, os meus pais e a empregada. A viagem durava no mínimo quatro dias! Era fantástico, passávamos por tantos sítios. Depois, quando os bilhetes de avião começaram a ser mais acessíveis, começámos a viajar de avião.

O que diria a alguém que pensa instalar-se cá?

A quem vem a Macau pela primeira vez aconselho abertura de espírito e disposição para aceitar o que é diferente. Sugeriria também que tente aprender a língua e a história de Macau. Isso é muito importante, conhecendo-a permite-nos entender melhor a vida local, o espaço.

O que pensa da Macau de hoje em dia?

A vida em geral está muito mais cara, dentro de cinco anos não haverá espaço para tanta gente que está constantemente a chegar! Já não é a cidade tranquila, encontra-se de tudo hoje em dia, há mais opções, mais saídas, mais coisas para fazer, atracções. Enfim, muito mais movimento.

O seu trabalho leva-a a conhecer muita gente?

Muita mesma! Desde australianos, a britânicos, americanos, chineses, de Hong Kong e Singapura também, gente de todo o mundo. Até portugueses que compraram cá apartamentos como investimento, mas que não vivem cá. Na empresa estão dois chineses, uma inglesa, duas australianas, uma portuguesa e eu. Isso prova como a cidade se está a expandir em termos de variedade humana.

Macau ou Oslo?

Macau, para já, Macau. ■

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA



Revista **MACAU**

Locais de Venda

ANGOLA

Lello, SARL

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL

São Paulo

Casa de Macau de São Paulo

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

Rede Siciliano

Banca Cidade Jardim

Pr. Deputado Dário de Barros, no 15

05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel.: +(55 11) 3255-6641

Shopping D

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11)3313-1944

Shopping Ibirapuera

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz

Rua Domingos de Moraes, 2564 -

Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market

Av. das Nações Unidas, 22540 -

Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro

Casa de Macau do RJ

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano

Leblon

Ataufo de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ
Tel: +(55 21) 3322-0637

Norte Shopping

Av. Dom Helder Camara, 5474
Piso S - Del Castilho
20774-004 - RJ
Tel: +(55 21) 2595-7504

Brasília

Rede Siciliano

Brasília Shopping and Towers

Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A
70710-500 - DF
Tel: +(55 61) 3326-6946

Conjunto Nacional

SDN/CNB - Lojas 2083/2087
70077-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-5813

Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02
70710-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-0694

Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível I
70307-902 - DF
Tel: +(55 61) 3323-6789

Park Shopping

SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE

Livraria Minerva

Rua Consiglieri Pedroso, 66/84
Maputo
Tel: +(258) 21 322 092

Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: +(258) 21 415 865

Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa
Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção

e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de

Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto
Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro
Tel: +(351) 234421494

TIMOR-LESTE

Hotel Timor

Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: +(670) 723-2007

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957

Livraria Bloom

Largo do Pagode do Bazar
Rua de Guimarães, 206
Tel: +(853) 2892 0121

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32
Tel: +(853) 2833 8561

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



deltaedições



Num mundo de diferenças, a diferença é Macau

Sinta
a Diferença
Sentir Macau!



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

Revista MACAU

